

# CCI

Caminhando com o Itepa



## Evangelização e Juventude

Ano XXXVI, nº 126, Ago. 2019 ISSN: 1677-860X

Imagem da Capa: CRB Nacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

C183

Caminhando com o Itepa , vol.1, n.1(1984-) / Instituto de Teologia e Pastoral. Passo Fundo: ITEPA, 1984 -v. Ano XXXVI- n°126, Ago./2019. Quadrimestral.

ISSN:1677-860X

1.Teologia -Periódicos I. Instituto de Teologia e Pastoral-ITEPA

Catalogação na fonte: Bibliotecária Clarice Fonseca da Silva CRB 10/2141



©2019, CCI, Caminhando Com o Itepa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada em qualquer sistema ou transmitida, por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos, mecânico, fotocopiado por outra qualquer) sem a prévia permissão por escrito dos diretores da Revista Caminhando Com o Itepa.

#### **Diretoria do Itepa**

Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero – Diretor Executivo

Ms. Selina Maria Dal Moro – Vice-Diretora Executiva

Dr. Pe. Clair Favreto – Administrador – Tesoureiro

Ms. Pe. Jair Carlesso – Secretário

#### **Diretoria da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades**

Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero – Diretor

Ana Lucia Alves de Oliveira – Secretária

#### **Conselho Editorial**

Dr. Dom Leomar Antônio Brustolin

Dr. Claudio Almir Dalbosco

Dr. Frei Luis Carlos Susin

Dr. Pe. Ivanir Rampon

Dr. Pe. Clair Favreto

Dr. Pe. Leo Konzen

Dr. Pe. José André da Costa

Ms. Pe. Jair Carlesso

Dra. Maristela Dal Moro

Ms. Selina Maria Dal Moro

#### **Coordenação da Revista**

Ms. Selina Maria Dal Moro – Professora Referencial

Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis – Professor Referencial

#### **Apoio técnico e Revisão**

Dr. Pe. Clair Favreto

Ms. Selina Maria Dal Moro

Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero

Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis

Edimar Scopel – Diagramação

#### **Secretariado Geral**

Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades

Revista Caminhando Com o Itepa – CCI

Rua Senador Pinheiro, 350

Vila Rodrigues, Passo Fundo – RS – CEP: 99070-220

E-mail: revista@itepa.com.br

Site: www.itepa.com.br/revista-cci

Fone: (54) 3045 6272



## SUMÁRIO

### **Editorial**

Aos jovens..... 7

### **Juventudes e religiosidades**

Sinais dos tempos no Brasil contemporâneo..... 17

*Regina Célia Reyes Novaes*

### **Juventude e educação**

Para que horizontes apontam as políticas governamentais  
para a educação?..... 49

*Gabriel Grabowski*

### **Estive preso e (não) me visitastes**

As instituições totais e o papel da Pastoral Carcerária..... 67

*Valdemir José Debastiani e Joana Silvia Mattia Debastiani*

### **Evangelização e Juventude**

“Fé e vida e discernimento vocacional” ..... 89

### **Sínodo dos Bispos**

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional

Roteiros para Grupos de Jovens..... 101

### **Exortação Apostólica *Christus Vivit***

Roteiros para os Grupos de Jovens..... 119

### **Dom Helder em Puebla**

Garantir a autêntica tradição profético-espiritual

latino-americana..... 135

*Pe. Ivanir Antonio Rampon*



## EDITORIAL

### Aos jovens

A Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades, por meio de sua revista *Caminhando com o Itepa - CCI*, integra-se com os que focalizam em seus estudos, pesquisas e reflexões temas que, no contexto presente, exigem atenção e análises. Inteiramente dedicado à reflexão sobre os jovens e com os jovens, este periódico construído no bojo do quadrágésimo ano da Conferência de Puebla foi organizado com o objetivo de resgatar as compreensões sobre juventude ou juventudes que se enraizam no Concílio Vaticano II. Esse glorioso e profético movimento eclesial, além de trazer o tema da juventude para o centro do palco das reflexões, a reconheceu como sujeito eclesial, parte do povo de Deus, cabendo-lhe, no seu presente, construir-se em vista de um horizonte alargado na fé, na solidariedade, na fraternidade e na espiritualidade. Inicia-se, assim, este editorial, evocando o discurso dirigido aos jovens pelo Santo Padre o Papa Paulo VI, na conclusão dos trabalhos conciliares.

É finalmente a vós, rapazes e raparigas de todo o mundo, que o Concílio quer dirigir a sua última mensagem - pois sereis vós a recolher o facho das mãos dos vossos antepassados e a viver no mundo no momento das mais gigantescas transformações da sua história, sois vós quem, recolhendo o melhor do exemplo e do ensinamento dos vossos pais e mestres, ides constituir a sociedade de amanhã: salvar-vos-eis ou perecereis com ela.

A Igreja, durante quatro anos, tem estado a trabalhar para um rejuvenescimento do seu rosto, para melhor responder à intenção do seu fundador, o grande vivente, o Cristo eternamente jovem. E no termo desta importante «revisão de vida», volta-se para vós. É para vós, os jovens, especialmente para vós, que ela acaba de acender, pelo seu Concílio, uma luz: luz que iluminará o futuro, o vosso futuro. A Igreja deseja que esta sociedade que vós ides constituir respeite a dignidade, a liberdade, o direito das pessoas: e

estas pessoas, sois vós.

Deseja em especial que esta sociedade deixe espalhar-se o seu tesouro sempre antigo e sempre novo: a fé, e que as vossas almas possam banhar-se livremente nos seus clarões benéficos. Tem confiança que vós encontrareis uma força e uma alegria tais que não chegareis a ser tentados, como alguns dos vossos antepassados, a ceder à sedução das filosofias do egoísmo e do prazer, ou às do desespero e do nada, e que perante o ateísmo, fenómeno de cansaço e de velhice, vós sabereis afirmar a vossa fé na vida e no que dá um sentido à vida: a certeza da existência de um Deus justo e bom.

É em nome deste Deus e de seu Filho Jesus que vos exortamos a alargar os vossos corações a todo o mundo, a escutar o apelo dos vossos irmãos e a pôr corajosamente ao seu serviço as vossas energias juvenis. Lutai contra todo o egoísmo. Recusai dar livre curso aos instintos da violência e do ódio, que geram as guerras e o seu cortejo de misérias. Sede generosos, puros, respeitadores, sinceros. E construí com entusiasmo um mundo melhor que o dos vossos antepassados.

A Igreja olha-vos com confiança e com amor. Rica de um longo passado sempre vivo, e caminhando para a perfeição humana no tempo e para os destinos últimos da história e da vida, ela é a verdadeira juventude do mundo. Possui o que constitui a força e o encanto dos jovens: a faculdade de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas. Olhai-a, e encontrareis nela o rosto de Cristo, o verdadeiro herói, humilde e sábio, o profeta da verdade e do amor, o companheiro e o amigo dos jovens. É em nome de Cristo que nós vos saudamos, que vos exortamos e vos abençoamos<sup>1</sup>.

Manifestando-se pela voz e pela escrita do Pe. Dr. Ivanir Antonio Rampon<sup>2</sup>, este periódico deixa aqui reflexões que permeiam, cotidianamente, seu que-fazer teológico e que se alicerçam sobre o pensamento de um dos pilares de uma Igreja

---

1 Mensagem do Papa Paulo VI dirigida aos jovens na conclusão dos trabalhos do Concílio Vaticano II em 8 de dezembro de 1965.

2 Professor e pesquisador da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades

em constante renovação: D. Helder Pessoa Camara. Com uma sistematização original e inédita, Pe. Rampon registra a relação de D. Helder com os jovens<sup>3</sup>.

Dom Helder Pessoa Camara (1909-1999), juntamente com Gandhi e Martin Luther King, é tido como símbolo mundial para as juventudes que buscam, de modo pacífico, a paz e a justiça no mundo. O autor descreve brevemente como Dom Helder fomentou o apostolado juvenil, tendo a “juventude” como nota essencial da sua personalidade, espiritualidade, mística, profecia e missão pastoral.

### **1 Dom Helder e o apostolado juvenil**

Desde jovem seminarista, Helder fomentou o apostolado juvenil, sendo fundador da Juventude Operária Católica do Ceará. Como padre, foi o configurador da Ação Católica do Brasil, ao estilo da Juventude Operária Católica belga. Como arcebispo, missionário de Jesus e animado pelo espírito do Vaticano II, viajou o mundo inteiro conclamando as juventudes para se unirem na luta a fim de superar as divisões entre primeiro, segundo, terceiro e quarto mundos e criar “um mundo de irmãos”. No Brasil, sempre trabalhou cercado de jovens e com as juventudes; criou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o Conselho Episcopal Latino-Americano, a Cruzada de São Sebastião, o Banco da Providência, o Movimento de Educação de Base, a Operação Esperança, o Encontro de Irmãos, a Ação Justiça e Paz...

Durante o período ditatorial, vários jovens diretamente ligados a Dom Helder foram presos e torturados, e o jovem padre Henrique Pereira Neto (hoje sepultado ao lado do arcebispo), que animava a Juventude Universitária, foi trucidado. Dom Helder acompanhava os jovens presos e torturados, bem como as suas famílias, que padeciam profundamente.

A ditadura perseguiu Dom Helder, caluniou-o e impôs-lhe uma das piores censuras, a chamada “lei do gelo”, porque ele evangelizava e conscientizava as juventudes de seus direitos e deveres. O arcebispo foi, com as juventudes, um dos mais importantes fomentadores da luta em prol da abertura democrática.

---

3 Texto publicado em <https://www.vidapastoral.com.br> – edição dom-helder-camara-e-as-juventudes. julho-agosto. ed. 322 – ano 59.

Enfim, Dom Helder entendia que o futuro da Igreja na América Latina estava ligado ao “mundo” – especialmente às “periferias”, como tem repetido o papa Francisco – e, por isso, ele fomentou a articulação da pastoral da juventude com as pastorais da terra, da saúde, da educação, operária, indígena, afro...

## 2 Juventude, nota essencial da personalidade helderiana

A par de sua atuação junto às juventudes, podemos dizer que a “juventude” era nota essencial da personalidade helderiana. Ele não conseguia nem queria ser diferente. Sentia necessidade de estar com os jovens para escutá-los, animá-los, defendê-los e dirigir-lhes mensagens de compromisso evangélico.

Mesmo depois dos 60 anos, o rosto de Dom Helder, seus gestos, palavras e humor transmitiam juventude. Seus olhos recônditos e profundos possuíam a luminosidade de um místico e de um profeta. Conservava o dinamismo otimista dos anos floridos. Como homem de Igreja, não tinha idade: vivia a novidade do Espírito, o novo Pentecostes da Igreja sempre nova, que está com a juventude nova.

Por isso, ele atraía as juventudes, compreendia suas ideias, reivindicações e fraquezas. Fazia questão de visitar os jovens na própria casa, conversava com eles informalmente, e estes lhe revelavam coisas íntimas sobre temas religiosos e morais, sociais e políticos. Os jovens frequentavam o “palácio episcopal” e a casinha do bispo, na sacristia da Igreja das Fronteiras. Muitos jovens do mundo inteiro apoiavam as suas mensagens e, quando ele convocava para atividades, respondiam positivamente.

Para Dom Helder, a juventude não era somente a falta de rugas e a velhice não era unicamente a idade avançada. O que importava mesmo era a idade do coração e do espírito. Ele gostava de dizer:

O segredo de ser jovem – mesmo quando os anos passam, deixando marcas no corpo –, o segredo da perene juventude de alma é ter uma causa a dedicar a vida. *E temos mil razões para viver...* Com 20 anos, sem sombra de ruga ou cabelo branco, é possível ser um vencido da vida, um pessimista, um velho! [...] Abraçar uma grande causa, ser-lhe fiel, sacrificar-se por ela, é importante como acertar a escolha da vocação<sup>4</sup>.

---

4 Helder CAMARA, *O deserto é fértil: roteiro para as minorias abraâmicas*, p. 38.



Sabia que o evangelho nos lança para grandes causas, como a “causa do século”, ou seja, completar o 13 de maio – a libertação de todas as escravidões –, e o 7 de setembro – a verdadeira independência dos países. Por isso, ele podia dizer que “é também possível ter várias vezes dezoito anos, ser velho por fora e conservar intacta a juventude do espírito, do pensamento e do coração: o jovem mais jovem com quem encontrei no meu caminho tinha mais de oitenta anos e se chamava João XXIII”<sup>5</sup>.

Paulo VI gostava de recordar que, depois de anos, o sorriso e o olhar de Dom Helder não envelheciam. A criança e o jovem continuavam vivos dentro dele<sup>6</sup>. Como afirma a canção “Dom”, dedicada a Dom Helder: “Continuas um menino, querido ancião do povo. [...] Meu menino-ancião [...] o teu velho coração, sempre jovem, sempre bom, é o que me leva a chamar-te Simples, Simplesmente Dom”.

A vocês, jovens do tempo presente, o que diria hoje Dom Helder? Continuaría deixando suas mensagens de paz, de esperança, de fé. Penso que pronunciaría o que está dizendo o papa Francisco:

‘Sim, jovens; ouvistes bem: ir contra a corrente. Isto fortalece o coração, já que ir contra a corrente requer coragem e Ele dá-nos esta coragem. [...] Com Ele, podemos fazer coisas grandes; Ele nos fará sentir a alegria de sermos seus discípulos, suas testemunhas. Apostai sobre os grandes ideais, sobre as coisas grandes. Nós, cristãos, não fomos escolhidos pelo Senhor para coisinhas pequenas, ide sempre mais além, rumo às coisas grandes. Jovens, jogai a vida por grandes ideais!’<sup>7</sup>.

Alinhada à Igreja Conciliar e, em sintonia com seus arautos, a Itepa Faculdades insere neste periódico reflexões de pesquisadores, especialmente convidados para colaborar com a presente edição.

Assim, com o artigo intitulado “A opção pelos jovens a

5 Helder CAMARA. *O deserto é fértil: roteiro para as minorias abraâmicas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 39.

6 Ivanir RAMPON, *O caminho espiritual de dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013 p. 45.

7 Papa FRANCISCO. *Santa missa e crisma: homilia do santo padre Francisco*. 2013.

partir do Concílio Ecumênico Vaticano II” Irmã Luísa de Lucas<sup>8</sup>, nos brinda com os resultados de suas análises sobre a opção preferencial que a igreja fez pela evangelização da juventude desde o Concílio Vaticano II. Com atenção redobrada a autora fez uma profunda imersão nas águas profundas dos escritos de Papa Francisco para recolher em seus pronunciamentos pérolas preciosas reveladas em palavras. Fazendo eco à voz de Francisco, Irmã Luísa diz: “são os jovens que podem ajudar a Igreja a não cair na corrupção e a não se acomodar. Sua esperança nos jovens é evidente. O futuro e o presente da Igreja, Corpo de Cristo, passam, sobretudo, pela fé e pela renovação trazidas pela juventude. Esta é a Igreja, Povo de Deus. Sua presença efetiva e dinâmica na Instituição Eclesial é fator primordial para a continuidade da construção do Reino de Deus.”

Para a Dr<sup>a</sup> Regina Célia Novaes<sup>9</sup>, as religiosidades juvenis só podem ser compreendidas enquanto parte de um processo em curso que envolve continuidades e descontinuidades históricas que se expressam na sociedade e no campo religioso. Diferentemente do que foi vivenciado por gerações anteriores, os jovens de hoje foram socializados em um tempo em que aumentam as famílias plurirreligiosas e em que se diversificam as redes presenciais e/ou virtuais – de sociabilidade religiosa. O artigo apresenta diferenciadas trajetórias juvenis e comenta certas possibilidades de engajamento social de jovens evangélicos, católicos e de religiões afro-brasileiras. Reafirmando a importância da valorização da diversidade cultural. O artigo considera o urgente combate ao racismo

---

8 Mestranda do programa de pós-graduação em Teologia Sistemática da PUC RS.

9 Doutora em Ciências Humanas (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1989), professora visitante da UNIRIO, Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa Educação e Políticas Públicas de Juventude.

como um locus privilegiado para a promoção do diálogo inter-religioso entre jovens brasileiros desta geração.

Inteiramente dedicado à educação da juventude o Prof. Dr. Gabriel Grabowski<sup>10</sup> apresenta uma reflexão sobre “Juventude e a educação no Brasil” a partir dos horizontes apontados pelas políticas educacionais. Em sua reflexão Grabowski mantém como alvo os 50 milhões de adolescentes e jovens brasileiros pertencentes a classe popular trabalhadora, considerando que a grande maioria estuda na escola pública e seus projetos de vida estão, de alguma forma, dependentes das políticas sociais e educacionais de inclusão e emancipação. Com base na literatura e estatísticas sociais e educacionais, o autor sustenta que, após duas décadas de ampliação do acesso aos direitos, o futuro das juventudes está sendo diretamente inviabilizado pela revogação de políticas públicas, pela suspensão de programas de apoio e de financiamento estudantil, apontando para a desconstrução do futuro de milhões de jovens.

Em parceria com a mestrandia em direito, Joana Silvia Mattia Debastiani<sup>11</sup>, o Prof. Valdemir José Debastiani<sup>12</sup> examina o fenômeno da constituição de estereótipos e da seletividade do sistema penal brasileiro, sob a ótica do aprisionamento em massa de homens jovens, negros e oriundos de comunidades vulneráveis. O estudo avança com a reflexão sobre a missão da Pastoral Carcerária que atua na atividade missionária da Igreja, carregando consigo a boa nova, sendo, assim, protagonista da evangelização humanizadora no cárcere.

Com uma breve narração-comentada da participação do

---

10 Doutor em Educação é professor e pesquisador em educação e docente da Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS.

11 Mestranda em Direito pela Universidade de Passo Fundo-UPF e integrante do grupo de pesquisa: Poder, Gênero e Diversidade da UPF.

12 Mestre pela URI-Frederico Westphalen. Formado em Teologia pela Itepa Faculdades e em Filosofia e Psicologia pela URI. Professor da Universidade do Conte.

*Servo de Deus e dos Pobres*, Dom Helder Camara, em Puebla, o Pe. Dr. Ivanir Antonio Rampon aprofunda suas reflexões sobre a atuação desse insigne prelado no evento de Puebla. Lançando mão de textos já escritos e depoimentos orais, inclusive de pessoas que estiveram envolvidos na preparação, efetivação e conclusão do evento, desvela a então silenciosa participação helderiana na 3ª Conferência do Celam. Dela extrai ensinamentos espirituais e os endereça a agentes de pastoral em atuação nas comunidades eclesiais para que se subsidiem para a promoção de uma sociedade justa e fraterna.

Falando como jovem, para os jovens e com os jovens, Davi Rodrigues da Silva, liberado para atuação na esfera da Pastoral Juvenil em nível nacional, relata sua experiência e vivências quando da sua participação da reunião pré-sinodal em Roma, um dos momentos que antecederam o Sínodo da juventude.

Encerra-se esta 2ª edição 2019 da revista “Caminhando Com o Itepa”, com uma perspectiva pedagógica. O Pe. Maicon Malacarne, Presbítero da Diocese de Erechim, e Luís Duarte Vieira, mestrando profissional em Ensino de Ciências e Matemática pela UPF - Universidade de Passo Fundo e assessor nacional da Pastoral da Juventude, gentilmente reeditam roteiros para realização de trabalhos e Leitura Orante com *Grupos de Jovens* sobre a Exortação Apostólica - *CHRISTUS VIVIT* e sobre o Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Nesta edição são apresentados dois roteiros de cada documento.

## Referências Bibliográficas

CAMARA, H. *O deserto é fértil: roteiro para as minorias abraâmicas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FRANCISCO, PAPA. *Santa missa e crisma: homilia do santo padre Francisco*. Disponível em:

<[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130428\\_omelia-cresime.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130428_omelia-cresime.html)>. Acesso em: 28 fev. 2018.

RAMPON, Ivanir. A. *Francisco e Helder, sintonia espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2016.

\_\_\_\_\_. *O caminho espiritual de dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013.



## JUVENTUDES E RELIGIOSIDADES

### Sinais dos tempos no Brasil contemporâneo

*Regina Célia Reyes Novaes\**

**Resumo:** As religiosidades juvenis só podem ser compreendidas enquanto parte de um processo em curso que envolve continuidades e descontinuidades históricas que se expressam na sociedade e no campo religioso. Diferentemente do que foi vivenciado por gerações anteriores, os jovens de hoje foram socializados em um tempo em que aumentam as famílias plurirreligiosas e em que se diversificam as redes – presenciais e/ou virtuais – de sociabilidade religiosa. O artigo apresenta diferenciadas trajetórias juvenis e comenta certas possibilidades de engajamento social de jovens evangélicos, católicos e de religiões afro-brasileiras. Reafirmando a importância da valorização da diversidade cultural, o artigo considera o urgente combate ao racismo como um locus privilegiado para a promoção do diálogo inter-religioso entre jovens brasileiros desta geração.

**Palavras-chave:** Juventude. Religiosidade. Contexto brasileiro. Sociedade.

Neste desafiante século XXI, não há como falar em juventude sem falar nas incertezas que atravessam a vida de toda uma geração. Com diferentes matizes e intensidades – que variam de acordo com condições materiais e com as marcas que revelam signos de valorização/desvalorização social – são vários os medos que fazem parte da vida dos jovens de hoje. Em destaque: o medo de sobrar por não encontrar seu lugar em um mundo do trabalho, cada vez mais restritivo e mutante; o medo

---

\* Regina Célia Reyes Novaes possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1973), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979) e doutorado em Ciências Humanas (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1989). É Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, do IFCS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora visitante da UNIRIO, Programa de Pós-Graduação em Educação.

de morrer cedo e de maneira violenta em uma sociedade em que proliferam armas de fogo, criminalização de territórios periféricos e violência policial e, também o medo cotidiano de se sentir desconectado neste mundo altamente conectado.

Contudo - e talvez por todos esses medos conscientes ou latentes - é neste tempo de incerteza que boa parcela da juventude amplia seu repertório de fé e faz crescer o número de trajetórias religiosas possíveis. Hoje para uma parcela significativa da população, sobretudo para os jovens, as buscas e escolhas religiosas já não estão necessariamente relacionadas com *desfiliação, desafeição ou oposição* ao catolicismo dominante. As posições e oposições são bem mais multifacetadas.

Nem sempre foi assim. Para gerações passadas, “ser brasileiro e ser católico” era uma equação natural pois era indiscutível a hegemonia católica no campo religioso brasileiro. O catolicismo, imbricado na cultura, pesou na conformação do território nacional e, ao ser abraçado pelo Estado, se fez presente nos espaços públicos e no calendário dos feriados oficiais.

Mas, nas últimas décadas, acompanhando um cenário mundial e nacional altamente modificado por rápidas transformações tecnológicas e sociais, modificaram-se também as estatísticas de pertencimento religioso no Brasil. É verdade que pouco mudou no que se refere ao conhecimento sobre o número de brasileiros que frequentam os terreiros das religiões afro-brasileiras, o que pode ser compreendido pela possibilidade de viver duplos pertencimentos religiosos, (sobretudo combinando umbanda e candomblé com o catolicismo) seja por convicção ou como estratégia para escapar de preconceitos e discriminações. Mas, outros números que ficaram evidenciadas no Censo de 1991 e no Censo de 2010 também merecem reflexão.

Entre as mudanças informadas pelos últimos Censos,



podemos destacar: a significativa diminuição do número de católicos; o crescimento de evangélicos (sobretudo pentecostais) e o aumento daqueles que se declaram “sem religião”, mas tem fé e não se consideram ateus ou agnósticos.

Se pensarmos em faixa etária, tais tendências, (também confirmadas em pesquisas quantitativas realizadas após o Censo de 2010), levam a crer que - em seu conjunto - os jovens brasileiros de hoje (nascidos entre 15 e 29 anos atrás) são: a) menos católicos do que seus pais; b) mais evangélicos do que os jovens de gerações anteriores; c) e, mais “sem religião” do que os adultos que hoje também declaram ter fé, mas não ter vínculos institucionais. Com todas essas mudanças, os jovens contemporâneos já foram socializados em uma nova configuração do campo religioso (Bourdieu 1986)<sup>1</sup> que se apresenta menos estruturado e bem mais dinâmico e surpreendente do que no passado.

Assim, em um cenário de diminuição da transferência geracional do catolicismo, os jovens de hoje convivem hoje tanto com a presença histórica do catolicismo - cujas marcas são visíveis nos centros históricos das cidades bem como em todo nosso patrimônio cultural material e imaterial - quanto com duas novas dinâmicas - até certo ponto - contraditórias. A saber:

**Por um lado**, observa-se mais filiação e mais fixação territorial. Afinal os templos evangélicos pentecostais - que se espalham por todo o país - logram conversões, propõem exclusividade de pertencimento, chegam a certos espaços rurais e interferem nas paisagens urbanas (sobretudo nas periferias), produzem novos tipos de enraizamentos.

**Por outro lado**, observa-se também processos de desfiliação

---

1 Bourdieu (1986) define campo como um conjunto de práticas e valores específicos, formado por diferentes atores, instituições, discursos e forças em tensão onde tudo adquire sentido em termos relacionais, por meio de posições e oposições.

religiosa, deslocamentos entre territórios e fluidez de pertencimentos. Trânsitos entre religiões, aproximações com religiões orientais, arranjos híbridos e personalizados, religiosidades sem vínculos institucionais apontam para mais experimentação e provocam desenraizamentos materiais e simbólicos.

Além disto, entretanto, para caracterizar a atual configuração do campo religioso, não basta falar em enraizamentos/desenraizamentos territoriais. Sobretudo para falar sobre religiosidade juvenil, é preciso falar na fundamental conexão entre territórios e redes. Socializados em um momento histórico em que a dimensão presencial e a dimensão virtual se imbricam, constituindo-se em uma mesma realidade, as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) também se fazem presentes em suas vivências religiosas. Sites, blogs, canais no youtube e redes sociais também são lugares nos quais os jovens expressam suas religiosidades e falam publicamente sobre sua fé (seja de maneira mais sectária/fundamentalista seja de maneira mais aberta à diversidade).

É verdade que os jovens contemporâneos vivem em um tempo em que as religiões não são mais as principais fontes distribuidoras de sentido e imagens estáveis da vida entregues de geração a geração pelas autoridades religiosas, reconhecidas como tal. Mas também é verdade que – justamente por implicar em buscas e escolhas – suas vivências religiosas ganham maior importância em suas biografias e são mais frequentemente acionadas para explicar suas maneiras de “estar no mundo”.

Vistas desse ângulo, as religiosidades juvenis só podem ser compreendidas enquanto parte de um processo em curso que envolve continuidades e discontinuidades em relação ao que foi vivenciado por gerações anteriores. Assim sendo, sua compreensão certamente está a exigir mais pesquisas de campo, produção de mais conhecimento e muita reflexão.

Frente a tal desafio, o objetivo desse pequeno artigo é bem circunscrito. A ideia é contribuir para o debate trazendo alguns casos “bons para pensar”<sup>2</sup> que permitam refletir sobre determinados aspectos das vivências religiosas dos jovens.

Com essa perspectiva, serão destacados os seguintes aspectos: 1) a inédita experiência geracional de viver em famílias plurirreligiosas; 2) o delineamento de diferenciadas trajetórias religiosas de jovens no mundo evangélico; 3) a diferenciação interna e o ativismo virtual entre jovens católicos; 4) a valorização da diversidade e o combate ao racismo como locus privilegiado para diálogo inter-religioso entre jovens brasileiros desta geração. E, para finalizar, apenas uma nota com muitas perguntas e apenas algumas respostas.

## **1 Histórias pessoais, marcas geracionais comuns e famílias plurirreligiosas<sup>3</sup>**

Quem imaginaria que Caetano Veloso, famoso cantor e compositor baiano, um dos representantes da contestadora geração Tropicália, teria dois filhos frequentando a Igreja Universal do Reino de Deus, estrela máxima do chamado neo-pentecostalismo? Esta notícia se destacou nas reportagens sobre a recente tournê musical de Caetano com os filhos Moreno, Zeca e Tom e ganhou bastante repercussão em sites e blogs voltados para assuntos culturais e religiosos<sup>4</sup>.

O pai - filho da católica Dona Cano - não se negou a falar sobre o assunto. Caetano contou que veio de família muito católica, ia à missa e não dormia sem antes rezar. Contou também que - quando foi para Salvador - ficou mais próximo

---

2 A expressão “bons para pensar” faz parte do jargão disciplinar na Antropologia e remete à Claude Levy Strauss. A ideia é refletir sobre questões gerais a partir de exemplos localizados.

3 Uma boa parte das ideias e dos exemplos, que darei no presente texto, já foi utilizada por mim em outro artigo, ver Novaes, 2016.

4 Ver o site [www.midiagospel.com.br](http://www.midiagospel.com.br), consultado em 01/03/2018.

do candomblé, onde se iniciou como filho de Oxóssi em casa de mãe Menininha, no Gantois. Confessou também que nunca “incorporou”, pois “a razão” não permitiu. Hoje Caetano se diz ateu.

Sobre seu filho mais velho - Moreno - o cantor comenta que ele é “religioso de modo abrangente”, “não tem “uma religião específica”; “é candomblecista e católico franciscano com atração pelo hinduísmo”. Não sabemos como Moreno responderia à pergunta do Censo do IBGE. Católico? Do Candomblé? Outra religião? Sem religião? Em uma pesquisa qualitativa poderia ser considerado “religioso sem religião” ou - talvez por conta da atração pelo hinduísmo - como um religioso “nova era”.

Sobre os dois filhos mais novos, apresentados pelo pai - no palco - como “cristãos”, Caetano diz: “eu não sou religioso. Mas não tenho medo da religiosidade dos meus filhos”. Hoje ambos tocam “na Igreja que frequentam” e o pai diz que foi bem recebido quando foi lá para ouvi-los.

O cantor também afirmou que não vê o crescimento das igrejas no Brasil como algo negativo. Provocado por um repórter sobre a presença dos evangélicos na mídia, respondeu: “a Record não tem mais rabo preso com o Bispo do que a Globo com o Cardeal”. Relativizando, Caetano criticou os preconceitos “pseudo-chics” em relação aos evangélicos. Mas, por outro lado, também frisou ser contra o que chamou de “fundamentalismo evangélico” que alimenta preconceitos e produz sofrimentos<sup>5</sup>.

Voltando a falar sobre a religiosidade dos filhos, em dado momento, Caetano resumiu: “minha geração teve que romper com a religiosidade imposta, a deles teve que recuperar a

---

5 Lembro que o cantor encabeça o Movimento 342, que se opõe ao Movimento Brasil Livre (MBL) e à bancada evangélica em discussões sobre mudanças na Lei Rouanet e sobre a censura a manifestações artísticas.

religiosidade perdida”. Como comparar passado e o presente? Como se sabe, para uma minoria ativa de jovens de gerações anteriores, declarar-se ateu foi uma forma de contestar autoridades em casa, na Igreja, no espaço público. “Ser ateu” compunha o perfil de uma parte da juventude que envolveu em atividades políticas e/ou ligadas à “contracultura”. Neste mesmo passado, seria muito difícil encontrar um pai que, declarando-se ateu, aceitasse bem a religião dos filhos.

Voltemos a falar dos filhos. Não vi publicada nenhuma declaração pública do filho mais novo, Tom. Já Zeca, hoje com 25 anos, andou falando sobre sua religião<sup>6</sup>. Suas entrevistas repercutiram muito em vários blogs e sites religiosos e/ou culturais. As frases mais destacadas foram: “Tive o primeiro contato com a fé cristã aos 10 anos. Desde então eu creio”. “Desde criança tenho fé. Os hinos da igreja são muito importantes para minha formação musical”. “No último ano experimentei uma intensificação da fé, um renascimento”. “Isto foi muito importante para minha vida, para eu estar conseguindo fazer esse show hoje”. O preconceito religioso “chega em mim, mas a fé me faz tão bem, em harmonia com minha família, que qualquer intolerância não tem importância”.

*Fé, vida, música, renascimento* – palavras usadas por Zeca – também fazem parte do vocabulário de muitos jovens evangélicos. Já a experiência de Zeca de convivência “em harmonia” com diferentes escolhas religiosas, no interior de uma família, tornou-se bem mais comum hoje do que no passado.

Por outro lado, causa estranheza que os bem-nascidos filhos de um cantor famoso se vinculem à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Existem outras igrejas evangélicas que se distinguem por ter públicos mais seletos. A IURD – via de regra classificada como neo-pentecostal – se distingue pela “teologia

---

6 O Globo, 20/12/2017 e Vogue Brasil, fevereiro de 2018.

da prosperidade” que oferece esperança de bens materiais para pessoas socialmente deserdadas. Certamente, em matéria de fé, nem tudo cabe na razão instrumental.

Mas, em outro momento, em entrevista ao Estado de São Paulo (25/10/2017), Caetano contou que “foi a babá quem converteu os meninos, quando eles ainda eram adolescentes”. Ou seja, na experiência de Zeca Veloso, a família não foi a agência definitiva de sua socialização religiosa. Coube à babá evangelizar os filhos de seus patrões. Em uma situação tradicional, no mundo cristão, o evangelizador tem mais cultura que o evangelizado (geralmente alguém mais destituído de posição social). Na situação que estamos analisando, a empregada doméstica – estruturalmente subalterna – trazendo consigo aspectos de liminaridade e *communitas* – atualizou, em alguma medida, o que o antropólogo Victor Turner chamou de “poder dos fracos”.

Até bem pouco tempo, a alusão ao “poder dos fracos” (Turner, 1974) foi útil para explicar situações em que mães de santo eram procuradas por políticos e pelos ricos que iam aos terreiros em busca de ajuda e proteção. Hoje pode-se indagar até que ponto este mesmo conceito contribui para pensar a capacidade de evangélicos das classes populares converterem pessoas com maior renda e escolaridade.

No entanto, se esta inversão de papéis se tornou verossímil nos dias de hoje – e precisa ser considerada nas reflexões sobre juventudes e religiosidades – isto não significa que ela seja recorrente a ponto de ter alguma relevância estatística. De fato, no Brasil o crescimento do pentecostalismo entre jovens se deu mais entre jovens pobres e moradores de periferias. Por isto mesmo, Ana Paula Lisboa, em seu artigo intitulado *Somos mais que ovelhas*<sup>7</sup>, afirma que é preciso compreender melhor o papel que essas Igrejas têm entre esses jovens. Segundo ela nesses

---

7 Jornal O Globo, 28/09/2016.

espaços as Igrejas “são muitas vezes a única rede para fora do tráfico, das drogas, da violência doméstica”.

Essa observação de Ana Paula está em consonância com relatos que recolhi em entrevistas entre jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro – marcadas pela ausência de serviços públicos, pela violência do tráfico de drogas e pela corrupção das polícias. Ali “ser da Igreja”, “andar com gente da Igreja”, “carregar a bíblia debaixo do braço”, ou mesmo “baixar a Bíblia no celular” aumenta a chance de se manter longe do tráfico e também pode ser uma forma de escapar de sempre revistado pela polícia. Nesse sentido, algumas Igrejas evangélicas podem se tornar uma espécie de “rede de proteção social” que repercute no aumento de autoestima, no aprendizado da música e, muitas vezes, até no acesso ao mundo do trabalho.

Hoje Ana Paula Lisboa – jovem, negra e ativista – se identifica como filha de Oxum, mas ela já foi da Assembleia de Deus. E é a partir dessa experiência que ela fala sobre sua vida na favela da Maré e sobre como a Igreja se tornou um espaço importante em sua socialização e sociabilidade.

Eu vivi muitos anos dentro da Igreja Evangélica, e não pense que eu era uma “crente de banco”, que entrava e saía despercebida. Pelo contrário, fui ativa no movimento da juventude, fui dos grupos de oração, das equipes de dança e evangelização e também do grupo que passava as madrugadas orando por pessoas em situação de rua e entregando pão com mortadela para elas. Virei muitas noites da última sexta-feira do mês nas vigílias da Assembleia de Deus em Madureira (...).

Não era “crente de banco”. Era ativa. Mas, vivendo em uma família plurirreligiosa, ela não absorvia totalmente tudo o que ouvia em sua Igreja. Em suas palavras: “as festas de Cosme e Damião eram, e ainda são, umas das comemorações mais importantes para a minha família, mais importantes até do que o Natal”. Por “crescer próxima das religiões de matriz africana”,



ser “criada na Umbanda”, frequentar “festas de santo” (onde “batia palmas, cantava os pontos, comia as comidas e admirava as *ekedis*”), mesmo quando estava ativamente ligada à Assembleia de Deus, Ana Paula tinha certeza que “Orixá não era demônio disfarçado”.

Em termos de sociabilidade, conhecer o jongo, o coco, o samba de roda, também ajudaram Ana Paula a relativizar a demonização das expressões culturais afro-brasileiras. Assim, a sua “vivência com a cultura popular”, a experiência religiosa anterior e o afeto familiar permitiam que ela selecionasse os conteúdos das mensagens que circulavam na Igreja. Essas observações nos fazem pensar que as pregações religiosas não são nunca absorvidas totalmente como blocos monolíticos. No caso, a experiência pessoal e a convivência com a família funcionaram como um filtro cognitivo para selecionar e reinterpretar as mensagens veiculadas na Igreja.

De fato - considerando diferentes trajetórias de vida - é preciso considerar que o que é dito na Igreja pode ter significados diferentes para um jovem evangélico que nunca frequentou terreiros; para outro que já os frequentou e para quem vive (ou não vive) com parentes próximos que são adeptos da umbanda ou do candomblé. Ao mesmo tempo, nas interpretações dos fiéis pode haver espaços permeáveis para outras visões e narrativas em circulação pela sociedade. Referindo-se a seus amigos da Igreja Universal, Ana Paula diz conhecer “pessoas abertas, seres pensantes e questionadores, tem até feminista”.

Ouvindo Ana Paula, vemos diminuir nosso estranhamento com a presença de Zeca Veloso na mesma Igreja Universal do Reino de Deus. É verdade que em termos de classe social sua presença seria improvável naquela denominação. Mas, em termos de valores e visão de mundo, o jovem Veloso não seria necessariamente uma exceção em meio a uma população de



fiéis totalmente alienada ou conservadora. Evidenciam-se assim as dissintonias que podem existir entre as declarações públicas de conhecidos pastores evangélicos, as percepções de diferentes segmentos da população evangélica<sup>8</sup> e as vivências de jovens que hoje fazem parte de famílias plurirreligiosas.

## **2 Trajetórias de jovens evangélicos: mais possibilidades e percursos inéditos**

Para estudar, trabalhar ou desfrutar o tempo livre, os jovens de hoje circulam por diferentes espaços e produzem vários pertencimentos. Assim sendo entre jovens evangélicos também existem diferentes maneiras de ser religioso e se criam múltiplas possibilidades para selecionar e reinterpretar sentidos e interdições. Em sua tese de doutoramento sobre religião e amizade entre jovens assembleianos na Baixada Fluminense, Magalhães (2016), confirma o funcionamento da Igreja como um local central para a sociabilidade, convivência e lazer e, também, discorre sobre uma “resistência silenciosa” no que diz respeito a usos e costumes: os jovens separam a roupa de ir à Igreja da roupa do dia a dia, o que lhes dá oportunidade de se sentirem mais próximos de outros jovens na escola e no trabalho.

Contudo, mesmo com estas e outras estratégias, nem sempre os jovens permanecem por muito tempo nas mesmas Igrejas. Muitos ficam apenas temporariamente, até pegar outro rumo. Entre eles, há quem se inicie ou retorne às religiões de matriz afro-brasileira, como foi o caso da própria Ana Paula, acima citada. Assim, “ser jovem da Igreja” pode ser apenas um momento de uma trajetória de vida. Mas qual seria a probabilidade de uma ou de um jovem evangélico tornar-se

---

8 Ver VITAL DA CUNHA, C. e LOPES, P.V. (2012) onde são citadas pesquisas do Datafolha que atestam dissonâncias de opiniões entre pastores evangélicos conservadores midiáticos e a população que se declara “evangélica”.

“sem religião”?

Analisando os resultados do Censo, a antropóloga Clara Mafra (2013) – inspirada em um texto anterior de Cecília Mariz (2012) – chama também a atenção para o fato da maioria dos jovens “sem religião” ter baixa escolaridade, estar na base da pirâmide e se auto-classificar como pardos. A autora lembra que jovens das periferias, criados aos cuidados de uma mulher evangélica, aprenderam com suas mães/avós/tias que “ter religião” é sinônimo de “frequentar uma igreja”.

Assim sendo, por não estarem frequentando uma igreja naquele momento, ao serem indagados, poderiam responder “não tenho uma religião”. Se esta hipótese se confirmar, estes filhos de mulheres evangélicas poderiam estar também engrossando as heterogêneas fileiras dos jovens “sem religião” (Novaes, 2004). Mas esta hipótese não exclui outras possibilidades.

Para trazer mais elementos para esta reflexão, resumirei abaixo duas trajetórias juvenis que foram destacadas por Silvia Fernandes (2018) a partir de seu estudo realizado em “região periférica do Rio de Janeiro”. Vejamos:

**Lucas** tem 17 anos, é negro, seus pais tem ensino médio de escolarização. Sua mãe é evangélica e sua avó materna é católica. Lucas frequentou a Igreja Batista com a mãe até 7 anos. Depois, quando sua mãe passou um período afastada da Igreja, continuou a frequentar atividades na Igreja com uma vizinha. Mas quando tinha 14 anos começaram suas dúvidas e críticas ao comportamento das lideranças da Igreja (sobretudo no que diz respeito às trocas entre dízimos e graças divinas). “Num período de dúvidas eu estava sem saber o que era e fiz algumas pesquisas para não ficar sem saber. Aí eu vi que a palavra que mais se encaixa na minha situação é agnóstico”. Hoje declara-se aberto a “experiências novas”. O candomblé e a umbanda foram mencionados como religiões que ele visitaria com o intuito de conhecer. No que diz respeito à sexualidade – virgindade e

métodos contraceptivos – posiciona-se pela “liberdade de cada pessoa”. Na época da pesquisa tinha participado da ocupação da sua escola de ensino médio e tinha expectativa de mudanças sociais. Criticou a mãe por ela dizer que queria a volta do “regime militar”.

**Tamires** é filha de pai “sem religião” e de mãe evangélica, convertida da umbanda. Participava da Igreja Comunidade Evangélica Viver em Cristo, também frequentada por sua mãe. Sua ruptura com a Igreja se deu em um contexto de desentendimento com a pastora. Segundo seu relato, acabou expulsa depois da pastora criticar as roupas usadas por ela. Respondendo à pergunta “qual é sua religião?”, hoje Tamires responde: “no momento, sem religião”. Diz que crê em Deus, ora de manhã e à noite. Em seguida, verbaliza um conjunto de críticas às instituições religiosas, destacando questões relativas à coleta de dinheiro. No que diz respeito, a valores e comportamentos não defende a virgindade, aceita o uso de métodos contraceptivos, coloca-se de forma neutra no que diz respeito à homossexualidade. Mas, também defende a família tradicional e não aceita a adoção de filhos por casais homoafetivos. Trabalha como enfermeira e se coloca a favor de movimentos reivindicativos para melhorar condições de trabalho.

Em seu artigo acima citado Silvia Fernandes (2018) lembra que no Brasil a maioria dos “sem religião” é “naturalmente procedente do catolicismo”. Mas, chamando a atenção para especificidades do Estado do Rio de Janeiro (onde são 15% os que se definem como “sem religião” chegando a 19, 8% entre jovens de 15 a 29 anos e onde houve evidente crescimento de adeptos das religiões pentecostais) a autora nos apresenta “jovens sem religião” procedentes do mundo evangélico. Assim, a partir de exemplos<sup>9</sup> – como os de Lucas e Tamires acima citados – a autora reflete sobre um tema pouco estudado: as trajetórias de jovens evangélicos que deixam de ter laços

9 Em seu texto Silvia Fernandes (2016) também apresenta João, 23 anos, morador da Baixada fluminense, estudante de economia que – com seus pais – frequentou várias denominações pentecostais e hoje se define como “ateu”.

institucionais e se definem como “sem religião, agnósticos ou ateus”.

Por meio destes exemplos ficamos sabendo que existem questionamentos de jovens às Igrejas e aos pastores tanto relacionadas a questões financeiras quanto relacionadas a questões de usos e costumes. Interessante notar que – para sanar suas dúvidas e inquietações – os jovens “pesquisam” (certamente na internet) onde têm acesso a outras visões e narrativas em circulação pela sociedade. Nesse cenário, suas opiniões sobre comportamentos e valores mostram – mais uma vez – as pregações religiosas não são absorvidas de maneira acrítica e monolítica pelos fiéis. “Ser jovem”, socializado no século XXI, torna-se também um filtro para selecionar ou incorporar valores morais ou concepções políticas.

Mas existem ainda outras biografias juvenis que podem ser úteis para ampliar o conhecimento sobre a diversificação interna do chamado “mundo evangélico”. Trata-se de jovens que se declaram “evangélicos”, mas não estão vinculados a uma específica denominação. Como se sabe, no último Censo se evidenciou a alternativa “evangélico não determinado”<sup>10</sup>. Até bem pouco tempo essa expressão parecia não fazer sentido. Afinal, o chamado “mundo evangélico” se caracterizava sobretudo pelo pertencimento exclusivo e pela alta taxa de frequência às igrejas, aos cultos. O que mudou? Quem seriam esses jovens?

A partir de nossas pesquisas podemos dizer que esse jovem pode ser alguém que, em momentos de aflição, busca um culto como um serviço de emergência (como sempre ocorreu com as

---

10 Segundo o Censo de 2010, os evangélicos somam 22% da população assim distribuídos: 4% de evangélicos de missão/históricos, 13,3% de evangélicos pentecostais e 8% foram classificados como “evangélicos não determinados”. Trata-se de um aumento significativo (com 9,2 milhões de respondentes) daqueles que se auto classificam apenas como “evangélicos” sem explicitar vínculos institucionais.

religiões de matriz afro-brasileira) e guardou esta identidade/possibilidade individualmente só recorrendo a espaços religiosos quando necessário. Mas, também, pode ser alguém que circula cotidianamente entre denominações evangélicas buscando “fervor” e fruição da palavra de diferentes pastores. Ou, ainda, pode ser alguém que apenas assiste programas de televisão, segue lideranças evangélicas nas diferentes redes sociais e/ou frequenta grandes eventos públicos (como a Marcha Para Jesus). Ou pode ser alguém que apenas “curte” cantores e cantoras evangélicas cuja trabalho artístico ultrapassa fronteiras entre denominações e até mesmo ultrapassa o “mundo evangélico”. Ou, ainda, pode ser uma jovem que produz um tipo expressão cultural (literatura, poesia e rap, por exemplo) em que a palavra se torna elemento de poder, bem ao estilo da cultura evangélica que hoje habita nossas periferias.

Nessa combinação entre territórios e redes é possível circular entre signos, símbolos e significados e criar novos modos de “ser evangélico”. Afinal, pode-se “baixar” músicas, cultos e louvores a qualquer hora do dia ou da noite. Em 2017, entrevistei seis jovens evangélicos que afirmaram não ter vínculos institucionais, mas que se mostraram muito familiarizados com o que se passa nas redes sociais, em canais do youtube, em sites onde circulam memes de cunho religioso, clips de hip hop gospel, louvores.

Em resumo, hoje cresce a possibilidade de alguém declarar-se “evangélico” - de perfil considerado conservador ou progressista - sem se submeter ao controle direto de uma autoridade religiosa que, em tese, poderia controlar suas escolhas, ideias e hábitos culturais.

Neste cenário, também se destaca um conjunto particular de jovens ativistas para os quais vale a pena disputar a “identidade evangélica”. Foi o que afirmou a jovem Thamyra Thâmara de Araújo, evangélica, negra, moradora do Complexo do

## Alemão.

(...) Cresci numa Igreja cristã evangélica e foi nesse ambiente que aprendi muito sobre amor e respeito, o que pode soar bastante contraditório! (...) Sou cristã e feminista sim! (...) É preciso que a gente entenda que evangélico não tem uma cara só. Não é sinônimo de Bolsonaros e Felicianos. A identidade evangélica está em disputa e tem uma galera comprometida e engajada levantando a bandeira do acolhimento, do respeito à diversidade, do amor fraterno e da dignidade humana.

Essa “galera comprometida e engajada” se comunica por meio de blogs, sites e redes evangélicas e/ou ecumênicas contrapondo-se às visões racistas, machistas e homofóbicas divulgadas por pastores que tem a visibilidade exacerbada na mídia e em espaços de representação parlamentar. Todo um debate sobre o que é “ser evangélico” se faz presente na Teologia da Missão Integral, na Rede FALE, a Rede Ecumênica de Juventude, bem como nas “igrejas evangélicas inclusivas”<sup>11</sup> voltadas para a população LGTB.

Certamente, as iniciativas desses jovens militantes não são bem-vindas por lideranças evangélicas que comandam grandes templos e suas rádios e TVs “evangélicas” movendo-se dentro da lógica perversa na área da comunicação no Brasil. A Record, que pertence à Igreja Universal do Reino de Deus, é hoje a segunda televisão do país e, ainda assim, também “aluga” horários em outros canais. Essa prática também é comum em outras igrejas evangélicas que, apesar de usufruir de concessões públicas, também praticam alugueis sem autorização, fazendo subconcessões e negociações publicitárias. Por outro lado, emissoras como a Bandeirantes, Rede TV! e Gazeta em São Paulo também não fecham seus orçamentos sem a venda de horário para as igrejas.

Frente a essa realidade, não há dúvidas que cabe às grandes

---

11 Sobre o assunto, ver Natividade 2017.

igrejas evangélicas uma considerável parcela de responsabilidade na manutenção do atual modelo concentrador de comunicação no Brasil. Contudo, mais do que nunca, é preciso distinguir o que se passa nas cúpulas dos pastores e o que se passa na diferenciada “base evangélica”. Particularmente, é preciso atentar para o que se passa com os jovens que, socializados em famílias plurirreligiosas, com mais escolaridade que seus pais, com acesso às redes sociais que se tornam mais predispostos a questionar, transitar e reinventar sua religiosidade.

### **3 Jovens Católicos: diferenciações internas em tempos de ativismo virtual**

Carranza e Sofiati (2018), em um texto sobre os jovens participantes das Jornada Mundial da Juventude (JMJ, Rio de Janeiro, 2013), chamam a atenção para um jogo de negociação entre um alinhamento institucional dos jovens e “uma criativa salvaguarda de sua autonomia pessoal”. O texto leva em conta a conceituação de “cultura juvenil” para compreender as “posturas dos participantes imersos num processo de reorganização e atualização das crenças e práticas religiosas no meio de um pluralismo secular”.

Por esse caminho, os autores concluem que as “culturas juvenis representam diferentes modelos de igreja dentre o grande guarda-chuvas em que se constitui o catolicismo” e dizem acreditar que hoje uma “cultura juvenil pentecostalizada” tende a ser hegemônica.

O texto é instigante e vale à pena ser lido. Porém, no âmbito do presente artigo, vamos nos apropriar apenas de uma classificação feita pelos autores com o objetivo de caracterizar o que denominam como “tendências orgânicas do catolicismo” inseridas na “lógica das culturas juvenis” (p. 343/4). Segue um resumo dos quatro agrupamentos destacados pelos autores:



**1-Tradicionalista.** Originado no Brasil, pelo Vaticano em 2011, congrega principalmente jovens celibatários dedicados à religião. Exemplo: *Arautos do Evangelho* que se consideram um instrumento de santidade da Igreja tendo sua espiritualidade alicerçada na “Eucaristia, em Maria e no Papa”. Tem dificuldade de lidar com a modernidade e formam uma cultura juvenil e católica que defende “o resgate de práticas rituais e costumes medievais”.

**2-Reformista.** É formado por agrupamentos juvenis (de elite) presentes em escolas católicas e confessionais, mantidas por congregações religiosas. Defendem os direitos humanos. Em seus trabalhos sociais, enfatizam as práticas sociocaritativas. Exemplo: *Maristas e Salesianos* voltados para o Ensino religioso nas escolas, articulação entre fé e razão “em vistas de enfatizar a dimensão humana e social da religião”. As culturas juvenis cultivadas nessa tendência católica, tem um diálogo mais profícuo com a modernidade (em comparação com a tendência anterior).

**3-Radical.** É composto predominantemente pelas *pastorais sociais e pastorais da juventude*. São adeptos da perspectiva da Teologia da Libertação, dos ideais das Comunidades Eclesiais de Base. Atua em sintonia com os movimentos sociais. Exemplo: a *Pastoral da Juventude do Meio Popular* que atua na formação/evangelização dos jovens das grandes cidades. Trabalhando na perspectiva da “opção preferencial pelos pobres”, seus trabalhos sociais combinam caráter teológico-pastoral e sociopolítico. Produzem um tipo de cultura juvenil “com leve tendência à atuação extra eclesial a partir da comunidade católica”.

**4-Modernizadora-conservadora.** É composta por *grupos carismáticos*, de atuação predominantemente intraeclesial. Exemplo: *Grupos de oração; Comunidades de Vida e Aliança; Canção Nova* que se dedica também à evangelização juvenil; *Toca de Assis* que congrega sobretudo jovens. Segundo os



autores, a cultura juvenil forjada nesses espaços é “profundamente influenciada pela lógica de cultivo dos carismas”, proporcionando um “catolicismo de cunho conservador em uma roupagem midiaticizada que possibilita o diálogo com elementos da modernidade”.

Depois de apresentar as diferentes tendências de grupos católicos e culturas juvenis existentes no interior do catolicismo, em suas conclusões Carranza e Sofiati (2018) chamam ainda a atenção para variações e ênfases dentro destas mesmas tendências por eles destacadas. Porém para os objetivos do presente artigo, é importante indagar: quais seriam os efeitos da existência dessas tendências e destas culturas juvenis para o fortalecimento/enfraquecimento da instituição católica que é hierárquica, centralizada e se vê una e universal?

Os autores acreditam que a adesão de todos esses grupos juvenis - mesmo com suas dissonâncias - à JMJ de 2013 “reforçam a instituição porque visibilizam uma adesão pública à Igreja...”. Passadas as Jornadas, recoloca-se a questão: como se manterá hoje a unidade institucional frente ao aumento da tensão entre tais correntes? Haveria um limite para essa convivência institucional católica (grande “guarda-chuva”) frente à intensificação do uso das novas tecnologias de informação (TICs) por jovens religiosos dessa geração? Para pensar sobre o assunto, apresento o youtuber Murilo Araújo.

Murilo tem 27 anos, é negro, baiano, hoje mora no Rio de Janeiro. Declara-se cristão, militante e gay. Faz pós-graduação em Linguística Aplicada na UFRJ. Para sua aproximação das causas sociais, contou uma longa vivência na Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Hoje é membro do grupo Diversidade Católica e faz parte da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, criada em 2014. Como youtuber, comanda o canal Muro Pequeno, desde 2016.

Quando eu criei o canal, um dos meus maiores interesses foi exatamente visibilizar essa minha existência enquanto uma pessoa gay e católica (...) porque é muito difícil na cabeça das pessoas encaixar a possibilidade de que uma pessoa seja gay, seja militante, tenha todos os pensamentos que eu tenho lá no canal, e ainda assim, seja religiosa”. (...) Tem um problema muito grande aí nesse debate, que as pessoas sempre associam religiosidade com obediência cega, e por isso não concebem como é que uma pessoa gay empoderada pode permanecer dentro de uma religião que indiscutivelmente condena a homossexualidade. E eu quero me colocar na contramão desse debate: eu sou católico, eu gosto de ser católico, e a minha experiência religiosa é uma dimensão da minha vida tão importante quanto a minha sexualidade. Eu me entendo por cristão antes de me entender por gay - e é assim na vida de muita gente. Daí que você pedir para eu deixar de ser cristão é quase como você pedir para eu deixar de ser gay. Não vai rolar.

“Na contramão”, sem “obediência cega”, em 2017, com um ano de existência, o canal de Murilo contabilizava 50 vídeos, 43 mil inscritos e meio milhão de acessos. Em seguida - a partir da contribuição financeira de seus inscritos (que já eram 92.927) e disponibiliza 99 vídeos - o canal já adquiriu uma nova câmera.

No que diz respeito à causa gay, um dos vídeos mais interessantes disponíveis no canal Muro Pequeno, se chama “*De um filho gay cristão, para pais cristãos de filhos gays*”. Nele Murilo comenta a notícia do suicídio de um jovem gay em São Paulo, de 16 anos, e discorre sobre o encontro doloroso entre homossexualismo e fé católica. Citando a história bíblica de Esther, fala sobre intolerância doméstica, preconceitos e de sua experiência em acompanhar o sofrimento de jovens gays quando ele era coordenador Pastoral da Juventude e convida os pais de filhos gays e trans para ultrapassar o “muro de estereótipos”.

Fala também sobre o sofrimento dos pais que - “mais velhos e com menos expectativas de vida” - tem mais dificuldade de

mudar seus pensamentos. Dirige a palavra a estes pais e sugere que procurem grupos e sites de apoio a pais católicos de jovens gays e trans. Murilo fala pouco sobre seus próprios pais. Mas, em um dos vídeos, o youtuber avisa que está gravando da casa dos pais indicando que logrou o acolhimento em sua própria família.

No Canal Muro Pequeno, estão disponíveis os vídeos: *O que a Bíblia (não) diz sobre homossexualidade e A cura gay e o fundamentalismo cristão*. De modo geral, em todos os vídeos, o esforço de Murilo é reunir argumentos baseados em interpretações bíblicas para questionar declarações preconceituosas de pais, padres e pastores. Além da Bíblia, para legitimar sua militância (como negro, gay e católico), ele lança mão de referências bibliográficas utilizadas pelos movimentos sociais.

Ao mesmo tempo, seu ciberativismo também resulta em convites para encontros presenciais em todo território nacional e mesmo em organizações internacionais. Esses convites - por sua vez - também fornecem material para a web. Desta maneira, encontros presenciais e virtuais se retroalimentam. No Canal temos acesso à sua palestra (em inglês e com legenda disponível em português) intitulada *O lugar dos LGTB no Coração de Deus*, no Encontro de lideranças religiosas LGBT, na sede ONU em Nova York em 6/11/2017.

Já no vídeo que foi gravado no Programa Pergunte às Bee 139<sup>12</sup>, Murilo foi entrevistado por Jéssica, uma das criadoras do Canal, que se apresenta como cristã, “uma lésbica que tem sofrido discriminação na Igreja Católica”. Conversando com Jéssica, Murilo conclui: “(...) A Igreja Católica tem que nos aceitar inteiros com nossa sexualidade. Sou gay. E a esquerda também tem que nos aceitar inteiros, com nossa religião”.

---

12 Ver no Youtube: Canal das Bee (fundado em 18 de outubro de 2016) com 72.190 visualizações em 29/08/2017.)

Ou seja, diferentemente do que ocorre no universo evangélico onde as divergências podem levar à fundação novas denominações (como é o caso das chamadas Igrejas Inclusivas) estes jovens, de diferentes orientações sexuais, não abrem mão de lutar por seu pertencimento à Igreja Católica.

Com esse objetivo procuram juntar forças e causas. Esta estratégia fica clara quando a convidada do Canal Muro Pequeno é uma militante do grupo *Católicas pelo Direito de Decidir* e, no vídeo, ambos se posicionam publicamente a favor da descriminalização do aborto, contrapondo-se às resoluções a Igreja Católica.

Murilo Araújo diz: eu sou católico, eu gosto de ser católico. Sua trajetória nos leva a questionar até que ponto a instituição Igreja hoje tem a pretensão, o poder, ou mecanismos apropriados para controlar conteúdos ou evitar que Murilo se apresente em espaços virtuais e/ou presenciais como católico. Qual o tamanho do “guarda-chuva” para Murilo ou para outros/outras jovens com iniciativas similares, voltaremos a esse ponto na nota final?

#### **4 Diálogo interreligioso: juventudes religiosas no combate ao racismo**

Nos grupos, coletivos e movimentos juvenis que se apresentaram no espaço público nos últimos anos existem pautas específicas e ênfases diferenciadas no que diz respeito ao aborto e identidades de gênero. No entanto há um consenso que hoje aproxima a vertente secular e política das organizações juvenis da vertente que atua a partir de motivação religiosa: trata-se do combate ao racismo que atinge parcela significativa da juventude brasileira.

Com efeito, o chamado “genocídio da juventude negra” e a perseguição às religiões afro-brasileiras - praticada sobretudo por certos segmentos que se apresentam como “evangélicos” -

trouxeram a questão racial para o centro das questões sociais presentes no espaço público. Sua urgência tem sido um motivo de aproximação entre movimentos sociais e grupos religiosos.

No Canal Muro Pequeno, de Murilo Araújo, encontramos vários vídeos voltados ao combate ao racismo. Em um deles, Murilo nos conta sobre seu próprio processo para se assumir como negro. Hoje ele estabelece interlocuções com várias vertentes do movimento negro. Seus vídeos tratam de temas polêmicos como: “preconceito reverso”; “lugar de fala”; o lugar das pessoas “pardas” numa sociedade racista”; “apropriação cultural”; “todo branco é racista?”. Destaque especial para o vídeo no qual se coloca “contra a perseguição às religiões afro-brasileiras”. Ao mesmo tempo, a questão racial aproxima Murilo de iniciativas de outros jovens – de distintas religiões – também engajados no combate às práticas de racismo e de intolerância religiosa. Vejamos alguns posicionamentos.

### **Com a palavra a “Igreja de Francisco”**

Do lado católico, ainda sob inspiração nos documentos do Concílio Vaticano II, são pautadas as clássicas questões de terra, moradia e condições de trabalho, tem sido acrescentadas demandas de mulheres e de grupos de gays e trans e tem ganhado mais destaque a questão racial.

Na sociedade, especialmente a partir de 2000, cresceram no país as denúncias referentes ao alto número de agressões e mortes de jovens negros e à persistência da violência no âmbito da abordagem policial, bem como as campanhas e os movimentos destinados a enfrentar o fenômeno conhecido como extermínio ou genocídio da juventude negra. Setores da Igreja Católica tem participado de várias iniciativas<sup>13</sup> e a

---

13 Outras iniciativas podem ser citadas: Campanha Reaja ou Será Morto ou Será Morta, organizada por entidades do movimento negro da Bahia (2005); Campanha Nacional contra o Genocídio da Juventude Negra, coordenada pelo Fórum Nacional de Juventude Negra (2009); Marcha Estadual Contra o Extermínio da Juventude Negra (2010), promovida pelo Fórum Estadual de

*Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens*, foi coordenada pelas Pastorais da Juventude da Igreja Católica (2009). Pode-se dizer que o combate ao racismo tornou-se um ponto de intercessão que aproxima as pastorais da juventude e os demais movimentos juvenis presentes na sociedade brasileira.

Nesta perspectiva, atualmente, em um contexto em que diferentes correntes no interior da Igreja Católica, disputam as bençãos e a aprovação do Papa Francisco, a questão do racismo pode se apresentar como um tema aglutinador de jovens católicos que – por experiência própria ou por solidariedade – repudiam o persistente racismo que produz discriminações e sofrimento entre jovens. Além disto, esse também é um tema propício para incrementar diálogos inter-religiosos.

### **Com a palavra um jovem Pastor evangélico**

“Amém e axé pela paz” (O Globo, 10/10/2017) é o título do artigo do pastor Henrique Vieira, ex-vereador pelo PSOL, fundador da Igreja Batista do Caminho, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro. Nesse artigo este jovem pastor se posiciona contra a perseguição sofrida por 39 terreiros, 12 deles na Baixada fluminense, entre 15 de julho e 15 de setembro de 2017. Denuncia o racismo que se projeta na dimensão religiosa e que amplia a intolerância contra credos de matrizes africanas. Afirma que os ataques são praticados por pessoas ligadas ao tráfico, mas que o problema vai mais além desses grupos pois está ligado à “deturpação da mensagem cristã que cria condições para que a violência ocorra com um certo grau de indiferença”.

O artigo termina com o seguinte desejo: “como pastor, quero estar ao lado dos povos de santo na luta por uma sociedade livre de fundamentalismo, extremismo e racismo”. O

---

Juventude Negra do Espírito Santo (Fejunes); Campanha "Eu Pareço Suspeito?" (2012), lançada por organizações do movimento negro do estado de São Paulo; Campanha Juventude Marcada Para Viver, realizada pelo Observatório de Favelas (2013).

combate ao racismo parece ser o principal fator que justifica a aproximação entre este jovem pastor e os “povos de santo”. Vídeos com falas semelhantes do mesmo Pastor Henrique Vieira tem sido muito compartilhado no Facebook e no WhatsApp.

### Com a palavra os “jovens dos terreiros”

O combate ao racismo também tem tido repercussões no interior das religiões afro-brasileiras e nas redes sociais onde jovens – por meio da afirmação de sua “ancestralidade” – assumem vínculos mais exclusivos com religiões de matriz africana.

“(...) minha cor é africana muito orgulho de cada traço,/Desvendo minha história tipo código binário/ Do toque do tambor a energia emana,/Eu trago os orixás das forças africanas./Desde tempo da senzala a resistência está aqui,/Estamos vivos nesta luta os soldados de Zumbi (...)”<sup>14</sup>.

Ao assumir com exclusividade seus orixás, em encontros presenciais ou por meios digitais, uma parcela dessa geração de jovens negros convoca orixás africanos para falar sobre “resistência”. Hoje, na internet, através de site e blogs temáticos, podemos ter notícias e acompanhar as atividades da *Juventude dos Terreiros* ou da *Rede de Jovens de Matriz Africana*.

Essa afirmação de pertencimento às religiões de matriz africana, tende a provocar modificações nas relações no interior do campo religioso. Enquanto famosas “mães de Santo” de outras gerações ainda se declaram (e se sentem), em primeiro lugar, católicas e, depois, do candomblé (“sou católica e do povo de santo”), hoje jovens negros dessa geração questionam este “duplo pertencimento” que historicamente caracterizou as

---

14 Letra de música, Elivelton Fernandes, 22 anos, Casa de Cultura Cidade Tiradentes, São Paulo.

relações de subordinação ao catolicismo<sup>15</sup> e – também por meio da poesia e das letras de música – associam afirmação da negritude e religiosidade afro-brasileira ou “de matriz africana”.

### **O combate ao racismo: o que podemos fazer juntos?**

A meu ver, no combate a preconceitos e discriminações – sobretudo no que diz respeito ao combate ao racismo – abrem-se novas possibilidades de comunicação entre jovens evangélicos, católicos e ligados às religiões afro-brasileiros. Ao analisar o conteúdo das mensagens antirracistas que circulam em determinados vídeos, blogs, nas falas de youtubers, percebemos que – mesmo sem necessariamente combinar previamente – utiliza-se imagens e argumentos muito similares em um movimento de (re)apropriação das informações que circulam na sociedade.

Nesse sentido, podemos dizer que há uma parcela da juventude que – espontaneamente – está produzindo um dinâmico “ciber-ecumenismo”, eficaz e não formalizado. Sem necessidade de infindáveis reuniões para “definir concepções e pautas”, suas ações tem aproximado jovens de diferentes religiões. Para potencializar seu alcance, talvez um maior número de diálogos horizontalizados poderia ser muito bem-vindo.

### **5 Nota final: a urgência de compreender “sinais do tempo”**

Com efeito, as religiões são porosas e estão vulneráveis aos desafios e às mudanças das sociedades. Assim sendo, as autoridades religiosas mesmo se quisessem não lograriam impedir (ao menos totalmente) que as questões sociais que alimentam o debate público chegassem aos seus fiéis. De fato, é essa porosidade que produz diferenciações, negociações e

---

15 Não trataremos aqui do Espiritismo Kardecista entre jovens, mas o tema também merece pesquisa e análises.



embates dentro e nas margens de diferentes instituições religiosas.

Buscando respostas para questões de fé e de vida, os jovens de hoje fazem escolhas religiosas muitas vezes diferentes de seus pais e irmãos. Porém, ao que se pode observar, nas famílias plurirreligiosas não se assiste hoje um enfraquecimento de laços afetivos familiares (como vimos nos casos de Zeca Veloso e Ana Paula Lisboa narrados no primeiro item desse artigo). Novos arranjos refazem modelos de famílias e de convivência religiosa entre pais e irmãos que professam distintas religiões.

No contexto atual, os jovens evangélicos – sobretudo pentecostais – de segunda geração também realizam negociações e inventam novas estratégias tanto para permanecer quanto para deixar suas denominações e Igrejas. Como vimos no segundo item desse artigo, jovens evangélicos podem oferecer uma “resistência silenciosa” (Magalhães, 2018) ou deixar suas Igrejas definindo-se (momentaneamente ou não) como agnóstico ou sem religião (Fernandes, 2018).

Observando trajetórias juvenis percebemos que hoje também no “mundo evangélico” nem tudo passa por estar congregado em uma Igreja ou desejar fundar outra denominação. Há trajetórias cujos contornos se fazem sobre um terreno menos orgânico que podemos chamar de espaços de “cultura evangélica”. Nesses espaços se movem jovens que, sem denominação definida, como os evangélicos acreditam no “poder da palavra”. É com sua palavra poética – declamada ou musicada – que eles se (re)colocam no mundo em uma espécie de “conversão” evangélica sem intermediários religiosos.

Na mesma geração, com outros percursos, vamos encontrar jovens ativistas que acreditam que “a identidade evangélica está em disputa” e por isso agem para desfazer as pretensões dos

“coronéis da fé”<sup>16</sup> que querem falar por todos. São jovens evangélicos que se identificam com as mesmas causas que mobilizam outros jovens de sua geração, inclusive no que diz respeito às questões raciais.

Já entre os católicos, a diferenciação interna e externa não é novidade. A “unidade católica” sempre abarcou disputas e convivências entre correntes e carismas. Como foi descrito no item 3 deste artigo, entre os jovens se reproduzem certas tendências (Carranza e Sofiati, 2018) também presentes entre os adultos na mesma Igreja.

Mas, talvez, nos dias de hoje a Igreja Católica enfrente um peculiar desafio para lidar com certas características comuns a esta geração, aos jovens de nosso tempo histórico. Em primeiro lugar, mudanças no campo religioso trouxeram maior autonomia para os jovens realizarem suas escolhas, a despeito das religiões de família. Em segundo lugar, as novas possibilidades resultantes do imbricamento entre as dimensões presenciais e virtuais da realidade também favorecem a ampliação do campo de possibilidades de “ser católico”, sem o aval da Igreja.

Por exemplo, examinando a experiência do youtuber Murilo Araújo talvez possamos localizá-lo da vertente *radical*, nos termos propostos por Carranza e Sofiati (2018). Contudo, podemos indagar quais poderão ser os limites de sua atuação enquanto integrante da Igreja Católica. Formado em espaços de Igreja, hoje já desligado da Pastoral da Juventude, não depende financeiramente da Igreja Católica para levar seu trabalho à frente e age com total autonomia para definir pautas e afirmar convicções no seu canal no You Tube que tem atingido diretamente diferentes públicos juvenis. Murilo define-se como

---

16 A feliz expressão “coronéis da fé” foi usada pelo Pastor Henrique Vieira recentemente em uma atividade pública, também muito compartilhada em vídeo, para designar os pastores que se colocam como porta-vozes de pautas conservadoras.

católico, mas não se submete às autoridades eclesiásticas. Que sentido teria hoje exigir seu silêncio ou privá-lo dos sacramentos? Certamente, caberá à Igreja compreender e levar em conta os novos “sinais dos tempos” para manter e/ou reconstruir sua unidade. O desafio institucional está posto.

Mas a questão não se restringe à Igreja Católica. A questão da comunicação é central para pensar as relações entre gerações. Para gerações anteriores a comunicação era realizada a partir de um polo difusor, um vetor de mão única, no qual um grande número de consumidores/fiéis se submetia à centralização e a uniformização da produção do conteúdo (veiculadas tanto pelas autoridades religiosas quanto por rádio e TV seculares). Para esta geração – por meio de blogs, vídeos pessoais, redes sociais etc... – cada usuário/fiel comum torna-se um potencial produtor de informação, a internet ultrapassou o modelo de “canal de acesso” e se transformou também em um “canal de troca de bens simbólicos”. Esta nova realidade não é sem consequências para a composição das religiosidades juvenis.

Ou seja, neste momento em que o “real” engloba tanto a dimensão presencial quanto a dimensão virtual, surgem muitas mudanças nos modos de pertencimento institucional e nas maneiras de ter fé. Novas tecnologias também espalham religiosidades, produzem subjetividades, alimentam oposições e alianças que já não se fazem apenas em torno de um centro hegemônico produtor de legitimidade. Em resumo, são vários e simultâneos os espaços de negociação que interferem nos relacionamentos familiares e nas relações entre juventudes e religiosidades.

Ao mesmo tempo, na rapidez das novas tecnologias, exacerbam-se também as tensões entre tendências opostas. Se por um lado, percebe-se uma maior valorização da diversidade e uma maior abertura à experimentação religiosa, por outro lado, as novas possibilidades de escolha (por reação e/ou por

convicção) também produzem um aumento de fundamentalismos, sectarismos e, até mesmo, de violências religiosamente motivadas.

O ataque de grupos evangélicos para destruir terreiros de umbanda e de candomblé é o pior exemplo. Também é evidente a aproximação – direta ou indireta – entre jovens católicos ligados à Renovação Carismática Católica<sup>17</sup> e os jovens evangélicos identificados com as pregações e pautas dos chamados “coronéis da fé”. Ambos oferecerem efervescência aos fiéis contemporâneos por meio dons do Espírito Santo e “em defesa da família” se aliam contra as propostas de descriminalização do aborto e na denúncia do que chamam de “ideologia de gênero”.

Interessante notar que em vídeos disponíveis na internet, argumentos similares e as mesmas referências bíblicas são utilizadas por evangélicos exaltados e católicos tradicionais e/ou modernizados-conservadores, para usar as classificações descritas no item 3 desse artigo (Carranza e Sofiati, 2018). Suas argumentações evidenciam afinidades tanto religiosas quanto ideológicas. Um ciber-fundamentalismo?

Contudo, nem tudo está sob controle. Por exemplo, as novas articulações tempo/espço proporcionadas pela internet, também abalam as fronteiras que separariam automaticamente “progressistas” e “conservadores” (ou, em outras palavras, aqueles que valorizam a diversidade X outros que a rejeitam em nome de seus princípios religiosos). Em entrevista, ouvi um interessante relato: jovens católicos carismáticos gays assumiram sua própria orientação sexual acessando conteúdos, interagindo e buscando apoio em sites ligados ao movimento *Diversidade Católica*. Porém, estes mesmos jovens continuam participando presencialmente de grupos e rituais carismáticos: lá se silenciam e seus pares nada sabem sobre sua orientação sexual. Temos aí

---

17 Sobre jovens carismáticos, ver Sofiati, 2011.

um espaço católico virtual para acolhimento moral e outro presencial para manifestar a fé e participar de rituais. Um arranjo peculiar, impossível de ser pensada décadas atrás.

Por outro lado, jovens gays entrevistados, falaram sobre discriminação que sofrem na rua, na escola e no trabalho e da “aceitação” que conseguem de suas mães – de diferentes – religiões, em casa. Com efeito, nos dias de hoje, notícias de maior possibilidade de acolhimento afetivo na vida privada contrastam com o evidente crescimento das discriminações no espaço público. Intolerâncias na sociedade estão em alta e podem estar revelando reações conservadoras às conquistas recentes em termos de direitos humanos e diversidade religiosa no Brasil.

Neste cenário, delinea-se um campo religioso em mutação que está a exigir reafirmação de valores de justiça e solidariedade. É preciso perguntar: para além de nossas diferenças, o que podemos fazer juntos? É nesse contexto que são bem-vindas as articulações entre iniciativas de diferentes grupos religiosos que combatem o aviltante racismo que se manifesta continuamente no cotidiano dos jovens dessa geração. Nessa urgência – reconhecida como prioritária nas pautas de todos os coletivos e movimentos juvenis – está colocada uma especial oportunidade de profundo diálogo inter-religioso entre jovens dessa geração.

Para concluir, a despeito reconhecer a necessidade de melhor conhecimento das múltiplas trajetórias religiosas dos jovens de hoje, não há como deixar de reconhecer também a importância das iniciativas de uma parcela da juventude que, em nome pessoal ou de seus coletivos de referência, retroalimenta sua fé combatendo discriminações de religião, gênero e orientação sexual, etnia e de raça. Desconstruir generalizações e dar visibilidades às suas iniciativas não deixa de ser uma maneira de contribuir para desidratar posições

preconceituosas que causam sofrimentos e aceleram processos de exclusão juvenil.

## Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. São Paulo: Bertand Brasil, 1989.
- CARRANZA, B. e SOFIATI, F. Culturas Católicas: aproximações teóricas às performances institucionalizadas, *in* *Interseções*, Rio de Janeiro, v.20, n.2, dez 2018, p.330-350.
- FERNANDES, S. Trajetórias religiosas de jovens sem religião – algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização, *in* *Interseções*, Rio de Janeiro, v.20, n.2, dez 2018, p.369-387.
- MAFRA, C. Números e Narrativas *in* *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n.24, 2013, p.13-25.
- MAGALHÃES, Alexander S. *Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens assembleianos na Baixada Fluminense*. Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UERJ, Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2016.
- MARIZ, C. *Pentecostalismo: mudança do significado de ter Religião*. Entrevista concedida a Thamiris Magalhães e Graziela Wolfart, *IHU On line*, n.400, 2012.
- NATIVIDADE, M. *Margens da Política. Estado, direitos sexuais e religiões*, Ed. Garamond, 2017.
- NOVAES, Regina. Os jovens ‘sem religião’: ventos secularizantes, ‘espírito de época’ e novos sincretismos. Notas preliminares. *Revista Estudos Avançados*, v.18, n.52, 2004, p.321-330.
- \_\_\_\_\_. Juventude e Religião, sinais do tempo experimentado, *in* *Interseções*, Rio de Janeiro, v.20, n.2, dez 2018, p.351-368.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- SOFIATI, F. M. *Religião e juventude. Os novos carismáticos*. São Paulo: Letras, 2011.
- VITAL DA CUNHA, C. e LOPES, P. V. *Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro: Minister, 2012.

# JUVENTUDE E EDUCAÇÃO

para que horizontes apontam as políticas  
governamentais para a educação?

*Gabriel Grabowski\**

**Resumo:** Neste artigo apresentamos uma reflexão sobre a juventude e a educação no Brasil a partir dos horizontes que as políticas educacionais apontam. A grande maioria dos 50 milhões de adolescentes e jovens brasileiros pertence a classe popular trabalhadora, estuda na escola pública e seus projetos de vida estão, de alguma forma, dependentes das políticas sociais e educacionais de inclusão e emancipação. Com base na literatura e estatísticas sociais e educacionais, percebe-se que, após duas décadas de ampliação do acesso aos direitos, o futuro das juventudes está sendo diretamente inviabilizadas pela revogação de políticas públicas, pela suspensão de programas de apoio e de financiamento estudantil, apontando para a desconstrução do futuro de milhões de jovens.

**Palavras-chave:** Educação. Políticas educacionais e juventudes dispensáveis.

## 1 Introdução

Juventude e educação são duas categorias ontologicamente indissociáveis. É necessário pensar esta relação enquanto processos interdependentes, pois a educação existe para os jovens e estes, com ou sem acesso a ela, serão impactados em toda sua vida.

Este texto analisa os temas da juventude e da educação, a partir das atuais políticas educacionais em desenvolvimento e implementação no Brasil, suas perspectivas efetivas enquanto direito a educação básica e ensino superior. O referencial

---

\* Formado em Filosofia. Mestrado e Doutorado em Educação pela FAGED/UFRGS. Professor e pesquisador da Universidade Feevale e do Centro Universitário Metodista – IPA. Membro do Conselho Estadual de Educação do RS e membro da Diretoria da AESUFOPE. E-mail: gabriel.grabowski@uol.com.br

teórico e metodológico que orienta a produção do texto está amparado na sociologia crítica e analítica da educação enquanto totalidade objetiva dos jovens e da educação no contexto brasileiro.

As políticas educacionais emanadas do Ministério da Educação (MEC), especialmente a partir de 2016, como a Reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresentam-se através do discurso oficial que os jovens poderão exercer sua autonomia escolhendo o que querem ser, estudar e cursar a partir de áreas de conhecimento e itinerários formativos. Tal possibilidade e perspectiva, para não se constituir em mais uma falsa promessa, deve considerar a condição social, econômica, cultural e educacional das diversas juventudes brasileiras.

O exercício da autonomia intelectual, política e ética dos estudantes pressupõe condições, informações, conhecimentos, oportunidades e orientações de educadores – sejam pais, adultos ou professores –, para que as escolhas sejam referenciadas em prévias análise e reflexões. Para Kant, quer nossos desejos sejam biológicos ou socialmente determinados, eles não são verdadeiramente livres. Para agir livremente, o estudante deve agir com autonomia. E agir com autonomia é agir de acordo com a lei que imponho a mim mesmo e não de acordo com os ditames da natureza e das políticas sociais.

E, quem são os jovens? É comum considerar que jovem é toda pessoa que está em determinado grupo de idade. Mas nem pertencer a um grupo é suficiente tal delimitação. Vejamos: a Organização Mundial de Saúde considera como jovem pessoas entre 15 a 24 anos; já, no Brasil, desde 2005, com a criação da Secretaria Nacional de Políticas de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, a população jovem é a de 15 a 29 anos. Porém, não somente a idade define o perfil de adolescente e jovens, pois, dependendo da sociedade há jovens e jovens, visto que, as experiências de vida e as trajetórias na diversidade de



oportunidades, participam da construção destas identidades.

Portanto, o conceito de juventude varia na história e por culturas e países. Considerando que há diferenças entre os jovens, quer seja por classe social, raça, gênero e outros fatores, hoje é comum dar-se ênfase à utilização do termo “juventudes” – no plural. De fato, segundo CASTRO e ABROMOVAY (2015), o reconhecimento de diversidades, diferenças e desigualdades tem enriquecido o debate sobre políticas de juventude. Contudo, há que estar atento para o fato de que os jovens compartilhem muitas coisas em comum, além de pertencer a uma faixa etária. Muitos compartilhem culturas juvenis (danças, músicas, gostos, por exemplo), formas de se expressar, impulso por mudanças, ‘adrenalina ou impulso por correr riscos, e, em são mais inclinados a aspirações formatadas por estímulos que exaltam o “único” de ser jovem. Ganha, portanto, propriedade falar em juventude-juventudes. O que alerta para a importância de considerar ambiências sociais e sistemas de relações pelas quais diferentes jovens circulam, assim como instituições mais significativas para suas vidas, como a família, a escola, o grupo de amigos, entre outros. Insiste-se que é necessário que se esteja atento ao uso do termo “diversidade” e como este pode se confundir com ou camuflar os processos de desigualdades sociais.

Nesta perspectiva, é necessário evitar a homogeneização das instituições educacionais, dos sistemas educacionais e de políticas centralizadas e únicas. Muitas juventudes requerem pluralismo e diversidade de oferta educacional, curricular e pedagógica.

## 2 Juventudes e Educação

As sérias limitações impostas no mundo atual aos jovens, eliminando-os da agenda política, social, econômica, educacional e cultural, evidenciam que se concebe a juventude

puramente como potencial contribuição à demanda de consumo – “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado –, por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todas as dimensões da vida dos jovens, utilizando-se da internet, de várias redes sociais e tecnologias de mídia, para imergir os jovens num mundo de consumo em massa, de maneiras amplas e diretas como nunca constatada no passado<sup>1</sup>. Neste contexto, de reprodução da economia capitalista, a função da educação se resume a preparar as crianças, adolescente e jovens para o mercado de trabalho e para o consumo, adestrando-os para a sociedade do consumo.

Para Zygmunt Bauman (2013), “vistos cada vez mais como outro encargo social, os jovens não estão mais incluídos no discurso sobre a promessa de um futuro melhor. Em lugar disso, agora são considerados parte de uma população dispensável, cuja presença ameaça evocar memórias coletivas reprimidas da responsabilidade dos adultos”. Nesta perspectiva, Henry A. Giroux escreve em um ensaio de 2011 com o título “A juventude na era da dispensabilidade”.

Esta dispensabilidade da juventude na sociedade atual – especialmente a brasileira –, apresenta muitas evidências. Para exemplificar, destacaremos três delas: dispensa da vida (violências diversas, homicídios, suicídios); dispensa do mercado de trabalho formal e dispensa dos sistemas e políticas educacionais. Tais evidências agridem a integridade de jovens que são sujeitos de direitos já assegurados, inclusive, no Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852/2013, no capítulo “Dos Direitos dos Jovens” que assegura: Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil; **Direito à Educação**; Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda;

---

1 Um estudo orientado pela Kaiser Family Foundation descobriu que jovens de 8 a 18 anos ficam 7,5 horas por dia com smartphones, computadores, televisores e outros. Se acrescentarmos tempo de postagem, conversas celulares e TV, o número sobe para 11h de conteúdo de mídia por dia.

Direito à Diversidade e à Igualdade; direito à Saúde; Direito à Cultura; Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão; Direito ao Desporto e ao Lazer; direito ao Território e à Mobilidade; Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente e direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça.

## 2.1 Dispensabilidade da vida

“O sangue jovem que corre pelas ruas é, para muitos, motivo de aplausos em lugar de lágrimas, o que demonstra a barbárie no tempo presente” (Giovane Antonio Scherer e Cíntia Florence Nunes)

A violência contra os jovens é mundial e se apresenta de múltiplas formas. Soldados de guerras são jovens, vítimas de exploração sexual são jovens, oferta abundante de drogas e álcool, violência doméstica e escolar, vítimas de acidentes no trânsito, feminicídio, suicídio e juvenicídio, entre tantas outras práticas de crueldade dos sistemas humanos de exploração.

Juvenicídio (jovemcídio) é uma categoria criada por José Manuel Valenzuela e que representa o assassinato amplo e impune de jovens portadores de identidades desacreditadas. O conceito busca ir além de uma simples comprovação de maior índice de mortes violentas neste segmento da sociedade, explorando a fundo as dinâmicas de estigmatização, criminalização e aniquilação construídas em torno do sujeito jovem.

O Brasil mata seu futuro a bala. Desde 2014 ultrapassamos os 60 mil homicídios por ano, sendo a grande maioria crianças, adolescentes e jovens. Negros são os mais atingidos. A cada 24 horas, 29 crianças e adolescentes entre 1 e 19 anos de idade são assassinadas no Brasil, uma sala de aula inteira morta por dia. A grande maioria das vítimas é negra. E o mais assustador é que no período de 1980 a 2013 este número cresceu 475%, e segue

em tendência de alta. Se analisada a taxa de homicídios por 100.000 habitantes, o aumento foi de 426%, de 3,1 para 16,3. Comparado com outros 85 países, o Brasil fica em 3º lugar no ranking de homicídios de crianças e adolescentes, atrás apenas de México e El Salvador, nações que enfrentam sérios problemas de disputa de gangues e cartéis de drogas (El País, 30/06/2016).

O Atlas da Violência de 2018 do IPEA<sup>2</sup> evidencia que o direito à vida e a segurança pública no Brasil estão, como a educação, negligenciados e negados, causando um verdadeiro genocídio da juventude brasileira. Em 2016, o Brasil alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios. Isso equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes, que corresponde a 30 vezes a taxa da Europa. Apenas nos últimos dez anos, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil.

Segundo o próprio IPEA, quando analisamos a violência letal contra jovens, verificamos, sem surpresa, uma situação ainda mais grave e que se acentuou no último ano: os homicídios respondem por 56,5% da causa de óbito de homens entre 15 a 19 anos. Quando considerados os jovens entre 15 e 29 anos, observamos em 2016 uma taxa de homicídio por 100 mil habitantes de 142,7, ou uma taxa de 280,6, se considerarmos apenas a subpopulação de homens jovens.

Entre os jovens, há uma desigualdade das mortes violentas por raça/cor, que veio se acentuando nos últimos dez anos, quando a taxa de homicídios de indivíduos não negros

2 Segundo o Atlas de Violência 2019, pública em 05/07/2019 pelo IPEA, esta evidencia se agrava ainda mais. O Brasil atingiu, pela primeira vez em sua história, o patamar de 31,6 homicídios por 100 mil habitantes. A taxa, registrada em 2017, corresponde a 65.602 homicídios. **Perfil das vítimas:** “homem jovem, solteiro, negro, com até sete anos de estudo e que esteja na rua nos meses mais quentes do ano entre 18h e 22h. Este é o perfil dos indivíduos com mais probabilidade de morte violenta intencional no Brasil. Os homicídios respondem por 59,1% dos óbitos de homens entre 15 a 19 anos no país”.

diminuiu 6,8%, ao passo que a taxa de vitimização da população negra aumentou 23,1%. Assim, em 2016, enquanto se observou uma taxa de homicídio para a população negra de 40,2, o mesmo indicador para o resto da população foi de 16, o que implica dizer que 71,5% das pessoas que são assassinadas a cada ano no país são pretas ou pardas.

O Brasil mata. Mata muitos jovens. Entre 2001 e 2015 houve 786.870 homicídios, a enorme maioria (70%) causados por arma de fogo e contra jovens negros. Os números da violência no maior país da América Latina atingem dimensões ainda mais preocupantes ao se compararem com as guerras internacionais deste século XXI. Desde que começou o conflito sírio, em março de 2011, morreram 330.000 pessoas. A guerra do Iraque soma 268.000 mortes desde 2003. Brasil, com 210 milhões de habitantes, é o país que mais mata neste começo de século.

O suicídio é a quarta causa de mortes de jovens no Brasil e aumentou gradativamente no país entre 2000 e 2016: foi de 6.780 para 11.736, uma alta de 73% nesse período, segundo o Ministério da Saúde. A faixa etária de 15 a 24 anos e acima de 60 são consideradas as que mais crescem e os três estados em alta são Roraima, Piauí e Rio Grande do Sul.

Estudos da ONU mostram que os **acidentes de trânsito** representam a principal causa de morte entre jovens de 15 e 29 anos no mundo. Segundo os dados oficiais, mais de 1,2 milhão de pessoas perdem a vida em acidentes de trânsito todo o ano no mundo. O Brasil está no 4º lugar do ranking de países com maior quantidade de mortes ocasionadas por acidentes de trânsito, sendo a maioria jovens do sexo masculino e de idade entre 18 e 25 anos.

Para Valenzuela (2015), estudioso mexicano do tema, o juvenicídio se constitui de diversos fatores que incluem a precarização, pobreza, desigualdade, estigmatização, tendo

como eixo central a estratificação social baseada em relações de subalternização. Nesse sentido, o juvenicídio inicia com a precarização da vida dos jovens, a ampliação da sua vulnerabilidade e a diminuição das opções disponíveis para que possam desenvolver seus projetos de vida. Exatamente como o Brasil está fazendo: reduzindo os parques investimentos em cultura, educação, ciência, esporte e condenando nossos jovens a morte física e morte de seus sonhos. Talvez por isto mais de 62% dos jovens desejam deixar o país.

Com esta realidade fica evidenciada a dispensabilidade da existência juvenil. País que permite que se mate tanto, de forma tão banal, sendo suficiente justificar que tinha “antecedentes” com envolvimento de drogas ou tráfico para que todos aceitemos como natural (e para alguns necessária) a eliminação de tantas vidas jovens. Vidas líquidas. Vidas dispensáveis.

## 2.2 Dispensabilidade do mercado de trabalho

Há, também, uma tendência crescente exclusão dos jovens com idade de ingresso no mercado de trabalho que, no entanto, pela inexistência de vagas acabam por ocupar-se em trabalhos precários ou engrossar as fileiras dos desempregados, conforme se observam estudos internacionais e nacionais. O descarte por parte do mercado, da mão de obra considerada idosa, tratando-se de trabalhadores a partir dos quarenta anos de idade, os quais ao perderem seus empregos, são em geral levados ao trabalho informal, precário ou simplesmente ao desemprego. E, paralelamente a esta exclusão dos “idosos” e jovens em idade pós-escolar, o mundo do trabalho, nas mais diversas partes do mundo, no Norte e no Sul, tem se utilizado da inclusão precoce e criminosa de crianças no mercado de trabalho, nas mais diversas atividades produtivas (ANTUNES e ALVES, 2004).

Uma das consequências do capitalismo financeiro contemporâneo, incapaz de assimilar o conjunto da força de

trabalho, apresenta o desemprego Juvenil no Mundo, conforme dados entre dezembro de 2016 a janeiro de 2017, como outra evidência da dispensabilidade do mercado de trabalho. Vejamos, a título de exemplificação, as taxas de desemprego de jovens em alguns países: Argélia 29,9%, União Europeia 18,6%, Canadá 13,3%, Finlândia 19,8, Espanha 42,9%, Nigéria 25,0%, Estados Unidos 10,1%, África do Sul 54,2%, França 26,2%, Portugal 26,4%, Itália 40,1% e Grécia 45,7% (JOSUÉ, 2018).

Em nossa sociedade brasileira, marcada pelo avanço de políticas neoliberais que capturam e solapam, cada vez mais, direitos adquiridos pelos trabalhadores e ratificados pela Constituição Cidadã de 1988, o número de homens e mulheres a procura de emprego<sup>3</sup>, ultrapassa a casa dos 13 milhões. Em tal cenário, não é de admirar que as juventudes estejam entre os que mais tem sido penalizados com a volatilidade, precariedade e informalidade do mercado de trabalho.

Entre 2014 e 2016 aumentou de 22,7% para 25,8% o percentual de jovens, entre 16 e 29 anos, sem trabalho (ocupação) e sem educação. Também, foram os jovens os mais afetados pela crise a partir de 2008, especialmente aqueles de cor preta ou parda (29,1%) e, neste grupo, as mulheres pretas e pardas foram o grupo mais afetado pelo fenômeno (37,6%), de acordo com PNAD/IBGE 2017.

A elevação da desocupação foi observada, também, em todos os grupos etários, tendência que se manteve em 2017. Entre as pessoas com 14 a 29 anos de idade, a taxa de desocupação, que era de 13,0% em 2014, aumentou ano após ano, até alcançar 22,6% em 2017, o aumento mais acentuado no triênio. A falta de oportunidades de emprego para os jovens é um desafio que se coloca no nível internacional, compondo três metas da Agenda 2030 para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, visto que a taxa de desocupação global das

---

3 Cabe aqui assinalar que não entendemos trabalho como sinônimo de emprego.



peças com 15 a 24 anos era de 12,6% em 2017. Na comparação internacional, a taxa de desocupação de jovens nessa faixa etária do Brasil, 28,0%, posicionava o País entre as taxas mais expressivas observadas nos países da América Latina e Caribe (18,5%) e do Nordeste da África 29,3% (IBGE, 2018).

Portanto, são jovens brasileiros as primeiras e maiores vítimas do desemprego, do trabalho informal e temporário, da violência urbana e policial, das mortes de trânsito, do crime organizado e compõem a maioria da população carcerária de um sistema prisional desumano e degradante.

### 2.3 Dispensabilidade dos sistemas e políticas educacionais

“A educação é onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo” (Hannah Arendt).

Entre 2003 e 2022, momento histórico em que o Brasil passa pela oportunidade da “Onda Jovem” – 50 milhões de jovens neste período –, com estabilidade da população jovem ao longo de 20 anos, evidencia-se, contraditoriamente, a negação ao acesso **dos principais direitos humanos: direito a vida, direito à educação e direito ao trabalho.**

No Ensino Médio (EM), com apenas 7.930.384 matrículas, apenas 68% da população jovem frequentam a escola e 82% dos jovens que concluem o ensino médio não acessam a universidade e saem sem preparação para o mundo do trabalho (Censo INEP 2017). O abandono e a evasão escolar, especialmente no primeiro ano, são muito elevados. O Brasil tem 1,7 milhão de pessoas entre 15 a 17 anos fora do ensino médio e, somente 64% dos jovens entre 25 a 29 anos completaram a etapa do EM. Na média da OCDE, esta proporção chega a 85%. Em Portugal são 97%.

Considerando apenas estes dados oficiais fica evidenciado



que o art. 205 da Constituição Federal, bem como art. 2º da Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que definem que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, estão sendo negligenciados e negados aos jovens brasileiros. O congelamento de investimentos em educação pelos próximos 20 anos (PEC 95), a redução dos investimentos em programas de financiamento estudantil e a estagnação do PNE 2014-2024 condena a maioria da “onda jovem” brasileira à ignorância, a alienação e a manipulação fácil.

Na obra *A desconstrução do Futuro: juventudes, reforma do ensino médio e retrocessos das políticas educacionais* (GRABOWSKI, 2019), acompanhamos e demonstramos como em 2016 e 2017 foram desconstruídas e descontinuadas as políticas educacionais do governo federal, acompanhados pela maioria das gestões estaduais. E, nos atuais primeiros 6 meses do (des)governo Bolsonaro, as evidências indicam agravamento do quadro educacional com a redução dos investimentos em educação e C&T, com perseguição às universidades, escolas, professores e, jovens estudantes, chamados de “idiotas úteis” pelo próprio presidente.

Para Daniel Cara, Coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, a educação está escanteada no Brasil desde 2015, a partir dos cortes de Joaquim Levy. Há uma clara limitação econômica obstruindo a realização do PNE, mas diante da crise iniciada em 2014, todas as decisões políticas tomadas desconsideram a consagração do direito à educação, especialmente sob Michel Temer. E isto tende a piorar com Jair Bolsonaro, inviabilizando o cumprimento do PNE até 2024.

Considerando que a maioria da juventude brasileira é egresso da escola pública (86%) e pertence à classe trabalhadora empobrecida, o projeto da elite brasileira é, numa primeira fase,

a precarização da escola básica pública e oferta de uma formação de segunda classe para estes jovens e, na segunda etapa, da formação superior, é limitar o financiamento das instituições e dos sistemas, dispondo majoritariamente a oferta privada mercantil, de baixa qualidade, induzindo cursos superiores na área de tecnologia e na modalidade de EaD.

Diante deste contexto e fracasso educacional, as reformas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/2017), propõem, respectivamente,

“uma pasteurização ainda mais radical da formação e um rebaixamento das expectativas de formação do ensino médio. Isto é de uma perversidade absurda, pois atinge evidentemente os mais pobres. Se não se pode formar decentemente no Ensino Médio Público – já que decidimos não investir o necessário para isto –, a melhor saída é estreitar os horizontes educacionais do país e reduzir a expectativa quanto ao atingimento de metas mais ambiciosas e/ou dificilmente mensuráveis pelos testes padronizadas. A lógica da Reforma do Ensino Médio é: como não faremos aquilo que é necessário, façamos o mínimo, e só o mínimo” (CÁSSIO, 2019).

É dispensando a qualidade na educação básica, especialmente no ensino médio, que a maioria da juventude brasileira continuará com uma escola precarizada, com professores desvalorizados e, a partir de agora, com um currículo fragmentado e pobre. O ex-coordenador da Comissão da BNCC, conselheiro Cesar Callegari, afirma que a proposta elaborada pelo MEC evidencia os problemas contidos na referida Lei 13.415/2017 da Reforma do Ensino Médio, destacando a separação do ensino médio do conjunto da educação básica. Alerta ainda que o abandono a atenção aos domínios conceituais próprios das diferentes disciplinas, a proposta do MEC não só dificulta uma visão interdisciplinar e

contextualizada do mundo, mas pode levar à formação de uma geração de jovens pouco qualificados, acríticos, manipuláveis, incapazes de criar e condenados aos trabalhos mais simples e entediantes, cada vez mais raros e mal remunerados. É isso que se quer para o país?

O acesso de jovens ao ensino superior, de acordo com os dados contidos no Censo de 2017 (INEP, 2017), evidenciam a inviabilidade da grande maioria dos jovens advindos da escola pública acessarem um sistema de ensino superior privado mercantil, assim configurado: 87,9% das Instituições de ensino Superior (IES) são privadas, com 75,3% das matrículas, com 81,7% de ingressantes em 2017 nestas IES, com 79% concluintes nelas cuja expansão está baseada na oferta de cursos tecnológicos e a modalidade EaD.

Os estudos sobre indicadores sociais do IBGE (2018) revelam outras evidências da desigualdade das taxas de ingresso no ensino superior. Do total de pessoas com pelo menos o ensino médio completo, em 2017, 67,7% haviam frequentado apenas a rede pública, 28,2% apenas a rede privada e 4,2% ambas. No primeiro grupo, 35,9% dos estudantes conseguiu ingressar no ensino superior, enquanto esse indicador atingiu 79,2% para os estudantes do segundo grupo. A taxa de ingresso ao ensino superior dos alunos oriundos da escola privada era mais do que o dobro daquela obtida pelos oriundos da rede pública de ensino médio. Essa desigualdade na taxa de ingresso ao ensino superior entre as redes de ensino médio não apresentou uma tendência de redução entre os grupos etários selecionados. A taxa de ingresso da rede privada ao ensino superior foi 2,4 vezes maior do que a da rede pública entre pessoas de 18 a 24 e de 25 a 44 anos de idade.

O Brasil e seus gestores possuem à sua disposição uma poderosa política de Estado que se fosse implementada mudaria o panorama atual da educação brasileira, tanto na sua expansão bem como na sua qualidade. Porém, persistindo a atual política

econômica e fiscal, o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), está inviabilizado e com ele o futuro do nosso país e de milhões crianças, adolescentes e jovens. Atualmente, a título de ilustração, temos 9,2 jovens no Ensino Médio (EM). Destes jovens de 15-17 anos, 60% não concluem o EM, 50% estão fora do EM e 82% que concluem não vão para a Universidade, mas, precocemente, para o mercado de trabalho.

É fundamental que se façam investimentos na juventude, por meio de políticas focalizadas nos territórios mais vulneráveis socioeconomicamente, de modo a garantir condições de desenvolvimento infanto-juvenil, acesso à educação, cultura e esportes, além de mecanismos para facilitar o ingresso do jovem no mercado de trabalho. Inúmeros trabalhos científicos internacionais, como os do Prêmio Nobel James Heckman mostram que é muito mais barato investir na primeira infância e juventude para evitar que a criança de hoje se torne o criminoso de amanhã, do que aportar recursos nas infrutíferas e dispendiosas ações de repressão bélica ao crime na ponta e encarceramento, como estamos procedendo na vigência deste PNE.

### **Considerações finais**

A efetivação dos direitos da juventude no mundo e no Brasil estão vinculados ao acesso à educação de qualidade. Historicamente, em nosso país, este direito foi negado por uma elite retrograda e escravocrata. Somente no final do século XX começamos a avançar na expansão do acesso e da qualidade da educação. Processo este já interrompido, desde 2014, em nome do ajuste fiscal e da crise do capital.

Os horizontes que as atuais políticas educacionais em curso apresentam aos jovens são pessimistas e insuficientes, salvo se a sociedade reagir. Os indicadores que apontamos sustentar tal posição e preocupação são: a) projeto reacionário de educação

em vigor baseado no ensino domiciliar e religioso, na educação moral e cívica, em escolas cívico-militares, escola sem partido, combate “ideologia de gênero”, anti-intelectualismo e ataque às universidades e docentes; b) descumprimento das 20 metas e 253 estratégias do PNE de forma deliberada e intencional inviabilizando a expansão e a qualidade da educação básica e superior; c) redução drástica dos investimentos desde 2014, fim dos programas de financiamento estudantil (FIES, PROUNI e outros), não cumprimento 10% do BIB para educação e ameaça extinção FUNDEB em 2020; d) Reformas do Ensino Médio e dos Cursos de Graduação baseados em competências e habilidades, com otimização e redução de disciplinas, fragmentando conhecimentos e ofertando o mínimo do conhecimento necessário e, uma educação básica que ancora-se na modalidade de educação à distância, sem formação docente e sem condições tecnológicas básicas tanto nas escolas como nas residências das famílias brasileiras.

Portanto, mesmo com a esperança que nos move atuar na educação, as evidências dos últimos dois governos, bem como o cenário internacional, nos indicam que será difícil a vida dos jovens em nosso país nos próximos anos, pois estão preteridos e dispensados das prioridades e políticas públicas para de educação e de vida. Somente reações como as mobilizações de 15 e 31 de maio de 2019 podem alterar tais perspectivas.

Encerramos com o depoimento de um jovem universitário<sup>4</sup> que ao analisar a relação existente entre educação, desenvolvimento e violência assim sintetizou: “nos dias atuais, onde vivemos com tanta violência, desigualdade e falta de educação, uma situação está atrelada a outra. Por exemplo: um jovem que nasce em meio a violência, sem estrutura nenhuma e sem incentivo, tem predisposição grande a se envolver com situações de violência, ou se torna refém de um sistema onde é

4 Estudante do Centro Universitário IPA, Porto Alegre, com sua autorização e consentimento.

abrigado a aceitar pouco ou quase nada para realizar trabalhos que exigem demais. A educação eleva o desenvolvimento, diminui as desigualdades e se for de qualidade, acaba com a violência”.

As políticas educacionais precisam incluir os jovens no sistema escolar, formar com qualidade, proteger suas vidas, viabilizar seus projetos presentes e futuros.

## Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo e ALVES, Giovanni. *As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização da capital*. Educ. Soc., Campinas, vol.25, n.87, p.335-351, maio/ago. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre a educação e a juventude: conversas com Ricardo Mazzeo/ Zygmunt Bauman*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARA. Daniel. *Desrespeitado, PNE completa cinco anos sem avanços*. Publicado RBA por Rodrigo Gomes. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2019/05/desrespeitado-plano-nacional-de-educacao-completa-cinco-anos-sem-avancos/>, acesso em 29/05/2019, 14h24.

CÁSSIO, Fernando. *A educação, a barbárie e a falta de projeto*. Porto Alegre: Jornal Extra Classe, ano 24, n.235, julho de 2019.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam e SILVA. *Programa de prevenção à violência nas escolas: SER JOVEM HOJE, NO BRASIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES*. FLASCO Brasil, 2015.

EL PAÍS. *Homicídios no Brasil: O Brasil que mata seu futuro a bala*. São Paulo: 30 junho 2016. [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/29/politica/1467227156\\_026422.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/29/politica/1467227156_026422.html), acesso em 17/07/2019.

GRABOWSKI, Gabriel. *A desconstrução do Futuro: juventudes, reforma do ensino médio e retrocessos das políticas educacionais*. Porto Alegre: Carta, 2019.

IBGE 2018. *Síntese dos Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira: - 2018/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais - Rio de Janeiro: IBGE, 2018.*

INEP/MEC. Censo educação superior: Notas estatísticas. Brasília: 2017. [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2018/censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2017-notas\\_estatisticas2.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf) Acesso em 16/07/2019.

JOSUÉ, Vidal Pereira. *O financiamento da Rede Federal de educação Profissional, Científica e Tecnológica*. Tese de Doutorado, UFG/FE. Goiânia: 2018, CCLXXVI, 276f, il.

PNAD/IBGE – *Síntese dos indicadores sociais (SIS)*. Rio de Janeiro, 2017. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18824-sintese-dos-indicadores-sociais-um-em-cada-quatro-jovens-do-pais-nao-estava-ocupado-nem-estudava-em-2016.html> Acesso em 06/01/2018.

VALENZUELA, José Manuel (Coord). *Juvenicidio: Ayotzinapa y las vidas precárias em América Latina*. México: NED, 2015.





# ESTIVE PRESO E (NÃO) ME VISITASTES

As instituições totais e o papel da Pastoral Carcerária

*Valdemir José Debastiani\**  
*Joana Silvia Mattia Debastiani\*\**

**Resumo:** o artigo examina o fenômeno da constituição de estereótipos e da seletividade do sistema penal brasileiro, sob a ótica do aprisionamento em massa de homens jovens, negros e oriundos de comunidades vulneráveis. O problema de pesquisa é: qual é o papel da Igreja em Saída para os indivíduos confiados à prisão? Com a bandeira que “prisão não é lugar de gente” a Pastoral Carcerária atua na atividade missionária da Igreja carregando consigo a boa nova, sendo protagonista da evangelização humanizadora no cárcere, instituição total, que serve como depósito do refugio humano da sociedade. O método de abordagem é o dedutivo e o procedimento de pesquisa é bibliográfico.

**Palavras-chave:** Aprisionamento jovem. Instituição total. Pastoral Carcerária.

## Introdução

A temática central do trabalho parte da ideia de que o sistema penal brasileiro é seletivo e fabrica, com o auxílio da mídia de comunicação em massa estereótipos, que apontam o homem jovem, negro e nascido nas periferias das cidades como o inimigo a ser combatido, o marginal. Esse modelo de

---

\* Mestre em Educação pela URI – Frederico Westphalen. Formado em Teologia pelo ITEPA e em Filosofia e Psicologia pela URI – Erechim. Professor na Universidade do Contestado –UnC, Campus de Concórdia. Integrante do grupo de pesquisa Poder, Gênero e Diversidade do PPGDireito - UPF. E-mail vdebastiani@hotmail.com

\*\* Mestranda em Direito pela UPF – Passo Fundo em dupla titulação com o *Máster em Tecnologías y políticas públicas sobre la gestión ambiental* na Universidad de Alicante, Espanha. Integrante do grupo de pesquisa Poder, Gênero e Diversidade do PPGDireito - UPF. Advogada. E-mail joanamattia@gmail.com

aprisionamento, elevou o Brasil a triste marca de 3º maior país do mundo em população carcerária, na sua grande maioria reflexos dos estereótipos criados anteriormente pela sociedade. Parte-se da análise dos dados disponibilizados pelo Departamento Penitenciário Nacional, a fim de comprovar o descrito na literatura, ou seja, que o cárcere sempre serviu, e permanece servindo como depósito da população indesejada.

A instituição da pena privativa de liberdade marcou a saída das trevas para o iluminismo, como uma forma de afastar o homem moderno das atrocidades – suplícios e penas de morte – cometidas e demonstrar o caráter humanizador da nova forma de castigo. Despido da sua identidade, o indivíduo ingressa no cárcere, instituição total, sob o falacioso discurso de que a prisão serve para educar, ressocializar, quando em verdade atua na sujeição do sujeito, na sua despersonalização, incultando no indivíduo uma “cultura de cadeia” diversa daquela do adulto em liberdade.

A Pastoral Carcerária, através da assistência religiosa, garantida pela Constituição Federal e em documentos internacionais ratificados pelo Brasil, atua na evangelização do encarcerado, reconhecendo que prisão não é lugar de gente! É lugar de tortura. Lugar de morte. A atuação perpassa a assistência religiosa para alcançar bandeiras da sociedade civil. Na busca de um mundo sem prisões defende o direito penal mínimo e o afastamento da fixação desenfreada da pena privativa de liberdade, denunciando, incansavelmente, o desrespeito aos direitos humanos.

Por fim, a partir desse contexto, através do método de abordagem dedutivo e o procedimento bibliográfico, tem-se como problema pesquisar qual é o papel da Igreja em Saída para os indivíduos confiados à prisão? Entende-se que o presente estudo pode potencializar a necessidade da revisão do modelo de política criminal da sociedade atual e do aprisionamento em massa que agrava as desigualdades sociais.

## 1 Estive preso e (não) me visitastes: o perfil estereotipado do criminoso no Brasil

O sistema carcerário do Brasil, assim como todo o aparato penal e repressivo do Estado brasileiro, é caracterizado por produzir massacres, torturas e mortes. Seguindo a tendência mundial de encarceramento em massa através de legislações penais mais duras, o Brasil amarga atualmente a 3ª posição em número de pessoas presas no mundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos e da China<sup>1</sup>. Segundo dados do Ministério da Justiça de 2016, são cerca de 725 mil pessoas encarceradas<sup>2</sup>.

Ao caráter massivo do encarceramento no Brasil soma-se o caráter seletivo do sistema penal, expresso na discriminação de bens protegidos e de pessoas alvejadas. A seletividade estrutural do sistema, que é o exercício do poder repressivo legal em um mínimo insignificante das hipóteses de intervenção planejadas – é a demonstração, segundo Zaffaroni<sup>3</sup> da falsidade da legalidade processual proclamada no discurso penal. A análise dos dados divulgados em 2016 pelo Departamento Penitenciário Nacional demonstram que, apesar dos inúmeros tipos penais previstos na legislação brasileira, aproximadamente 62% da população em situação de cárcere masculina<sup>4</sup> está recolhida por crimes contra o patrimônio (roubo e furto) ou os relativos à lei de drogas. Apesar da multiplicidade étnica

---

1 O encarceramento em massa, levou o Brasil, nos últimos vinte anos, a triplicar o número de presos. Marília de Nardin BUDÓ; Riccardo CAPPI. *Punir os jovens? A centralidade do castigo nos discursos midiáticos e parlamentares sobre o ato infracional*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

2 Excluídos os brasileiros que estão cumprindo pena diversa da privativa de liberdade, porém, incluídos os que estão presos provisoriamente.

3 Cf. Eugênio Raúl ZAFFARONI. *Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema pena*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2001, p.21-28.

4 Apesar de não ser objeto do presente artigo analisar dados acerca do aprisionamento feminino no Brasil, apenas a título informativo, segundo o levantamento do INFOPEN Mulher (2018), cerca de 82% estão presas por crimes contra o patrimônio e os descritos na lei de drogas.

brasileira, as pessoas submetidas ao sistema prisional têm quase sempre a mesma cor e provêm da mesma classe social e territórios daquelas submetidas, historicamente, às margens do processo civilizatório brasileiro: são pessoas jovens, pobres, periféricas e pretas<sup>5</sup>.

Segundo Batista,

o estereótipo do bandido vai-se consumando na figura de um jovem negro, funkeiro, morador de favela, próximo do tráfico de drogas, vestido com tênis, boné, cordões, portador de algum sinal de orgulho ou de poder e de nenhum sinal de resignação ao desolador cenário de miséria e fome que o circunda<sup>6</sup>.

Assim, os presos fazem parte de uma população empobrecida, resultado do modelo econômico que impera. São o produto da segregação e do desajuste social, jogados em um conflito entre as necessidades básicas vitais e os centros de poder e decisão que as negam<sup>7</sup>.

O sistema penal sempre atua seletivamente e seleciona de acordo com o estereótipos produzidos pelos meios de comunicação em massa. Os meios de comunicação – televisão, e principalmente redes sociais – são, hoje, elementos indispensáveis para o exercício de poder de todo o sistema. Sem eles, a experiência da realidade social permitiria que a população se desse conta da falácia dos discursos justificadores, não seria possível induzir medos no sentido desejado, nem produzir fatos conflitivos interessantes a serem reproduzidos em cada

5 Para Zaffaroni (2001) na América Latina, o estereótipo também se alimenta das características de homens jovens das classes mais carentes.

6 Vera Malaguti BATISTA. *Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Renavan: Instituto Carioca de Criminologia, 2003, p.36.

7 Cf. Elenice Maria Cammarosano ONOFRE. Escola da prisão: Espaço de construção da identidade do homem aprisionado. In: Elenice Maria Cammarosano ONOFRE. *Educação escolar entre grades*. São Carlos: EDUFSCar, 2007, p.1-5.

conjuntura<sup>8</sup>. Os meios de comunicação constroem mensagens específicas sobre delinquência<sup>9</sup> que muito se assemelham aos anúncios publicitários, apresentadas de forma simples, breve e com intensa emoção, assim reduz o espaço reflexivo bem como a solidariedade social, incitando, o racismo e a violência<sup>10</sup>.

A catalogação dos criminosos fabricados através de estereótipos é realizada tomando por base aqueles que combinam com a imagem correspondente à descrição fabricada, deixando de fora da estrutura do sistema criminal os outros tipos de delinquentes<sup>11</sup>.

Para Mollo<sup>12</sup>, “os meios de comunicação elegeram unilateralmente como (nova) figura de encarnação do mal o delinquente juvenil, que se identifica com o jovem negro (ou pardo) e marginalizado”.

A expansão do poder punitivo nas últimas décadas do século XX está baseado na

necessidade de controle dos marginalizados, excluídos das próprias atividades produtivas, aliada a essa percepção negativa dos riscos, a sentimentos difusos de incômodo e de medo, a relações sociais baseadas na competição, no imediatismo e na ausência de

---

8 Cf. Eugênio Raúl ZAFFARONI. *Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema pena*, p.71-80.

9 A construção de insegurança pública e da exigência de mais penas tornam essas questões o principal objeto da preocupação das pessoas, pautando a agenda e a postura dos políticos, que tendem a seguir o mesmo caminho: o discurso punitivo vem acompanhando os mais diversos perfis e partidos. Cf. Marília de Nardin BUDÓ; Riccardo CAPPI. *Punir os jovens? A centralidade do castigo nos discursos midiáticos e parlamentares sobre o ato infracional*. 2018, p.22.

10 Juan Pablo MOLLO. *O delinquente que não existe*. Salvador: Juspodivm, 2016, p.21.

11 Cf. Eugênio Raúl ZAFFARONI. *Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema pena*, p.130-132.

12 Juan Pablo MOLLO. *O delinquente que não existe*, p.21.

solidariedade no convívio, coloca a busca de um ideal de segurança no centro das preocupações da maioria<sup>13</sup>.

Nas prisões do Brasil encontramos os estereotipados, na prática é pela observação das características comuns à população em situação de cárcere que é possível descrever os estereótipos selecionados pelo sistema, que sai então a procurá-los. Segundo dados constantes no levantamento do Departamento Penitenciário Nacional<sup>14</sup>, para a determinação da faixa etária da população prisional, as informações estavam disponível para 514.987 pessoas (ou 75% da população prisional total) e demonstraram que 55% dos presos estão na faixa dos 18 aos 29 anos<sup>15</sup>, assim, a taxa de aprisionamento de jovens no Brasil, em Junho de 2016, estaria na ordem de 487,7 pessoas presas para cada grupo de 100 mil pessoas (BRASIL, 2016, p.31).

A informação sobre a raça, cor ou etnia da população prisional estava disponível para 493.145 pessoas (ou 72% da população prisional total). A partir da análise da amostra de pessoas sobre as quais foi possível obter dados acerca da raça, cor ou etnia, cerca de 64% da população prisional é composta

---

13 Maria Lúcia KARAM. Proibição às drogas e a violação a direitos fundamentais. *Revista Brasileira de Estudos Constitucionais: RBEC*, Belo Horizonte, v.7, n.25, p.169-189, jan./abr. 2013, p.1.

14 Encontra-se em fase de implantação o Sistema de Informações de Departamento Penitenciário Nacional – Sisdepen, previsto no art. 5º, caput, da Lei nº 12.714, de 14 de setembro de 2012 e disciplinado pela Portaria do Ministério de Justiça nº 795, de 25 de junho de 2015. O sistema contará com um prontuário eletrônico de cadastro de cada custodiado no país e, assim, será possível obter dados que tenham a pessoa custodiada como menor unidade de análise. Atualmente, os dados são resultantes das análises de amostras.

15 Para a elaboração deste artigo optou-se por analisar a população prisional compreendida no estereótipo do delinquente na América Latina e, conseqüentemente no Brasil, ou seja, a população imputável, com até 29 anos, entendida pelo Estatuto da Juventude (Lei n.º 12.852/13) como jovens.

por pessoas negras<sup>16</sup> (BRASIL, 2016), um aumento de 11%, comparando os dados de 2015.

A observação da amostra de dados disponibilizados pelo Departamento Penitenciário Nacional, demonstra o nítido caráter seletivo, classista e racista do sistema penal, para a Pastoral Carcerária, a criminalização das pessoas pobres é um instrumento estratégico e político de manutenção da ordem injusta e desigual em que vivemos.

## 2 Prisão: uma instituição total lesiva ao indivíduo

Da masmorra na Idade Antiga ao suplício na Idade Média, com a assunção do Iluminismo e a necessidade de manter-se afastados das atrocidades cometidas, na Idade Moderna e Contemporânea, a finalidade da pena deixou de ser a de causar dor física (as mil mortes) e o objeto deixou de ser o corpo para atingir a alma do infrator, nascem as prisões. A legislação definiu o poder de punir como função geral da sociedade exercido da mesma maneira sobre todos os seus membros. O encarceramento retreina, reeduca e torna dócil, ou seja, a prisão reproduz todos os mecanismos encontrados no corpo social<sup>17</sup>.

Segundo Benelli<sup>18</sup>, dois são os fundamentos que fizeram a prisão parecer a forma mais imediata e civilizada das penas: “a dimensão jurídico-econômica (articulando as variáveis da liberdade e do tempo) e a dimensão técnico-disciplinar

16 O levantamento do Infopen utiliza as cinco categorias propostas pelo IBGE para classificação quanto à cor ou raça: branca, preta, parda, amarela ou indígena. A categoria negra é construída pela soma das categorias preta e parda. É importante ressaltar que os dados coletados pelo IBGE são autodeclarados, enquanto os dados coletados pelo Infopen para essas variáveis são cadastrados pelos gestores responsáveis pelo preenchimento do formulário de coleta, não havendo controle sobre a autodeclaração das características.

17 Cf. Michel FOUCAULT. *Vigiar e punir*: nascimento das prisões. 41ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p.28-29.

18 Cf. Silvio José BENELLI. *A lógica da internação*: instituições totais e disciplinares (des)educativas. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p.67-69.

(articulando a privação de liberdade e a técnica corretiva”<sup>19</sup>. Ela utiliza diversos operadores, instrumentos técnicos para promover a reeducação do indivíduo detido, demonstrando nitidamente ser uma instituição total que, para Goffman o

(...) “fechamento” ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos<sup>20</sup>.

Enquanto instituição total, a prisão atua sobre o ser humano de forma perversa e pode deixar marcar profundas e irreparáveis no indivíduo. As boas vindas deixam claro para o novato que ele ocupará uma posição social baixa, num grupo hierarquicamente baixo e, essa agressão, consiste em uma das primeiras chagas impostas ao preso: a perda do seu nome.

O processo de admissão pode ser caracterizado como uma despedida e um começo, e o ponto médio do processo pode ser marcado pela nudez. (...) Talvez a mais significativa dessas posses não seja física, pois é nosso nome; qualquer que seja a maneira de ser chamado, a perda de nosso nome é uma grande mutilação do eu<sup>21</sup>.

Abreu, no mesmo sentido de Goffman, demonstra que uma das principais marcas das instituições totais é a separação entre o interno e o externo. Essa barreira colocada entre o preso “e o mundo externo assinala a primeira grande mutilação da identidade”<sup>22</sup>. Há uma separação geográfica, arquitetônica dos

---

19 *Ibidem*, p.69.

20 Erving GOFFMAN. *Manicômios, prisões e conventos*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015, p.16.

21 *Ibidem*, p.27.

22 Sérgio França de ABREU. As instituições totais: elementos para um modelo de análise. *Revista do IMESC*, ano IV, n.1, p.69-73, 1981, p.70.



internos da equipe dirigente. Segundo Sá<sup>23</sup> essa separação, apenas reproduz a estrutura social da sociedade extramuros: a consequência disso é a manutenção das estruturas de poder e dominação, com a perseguição de grupos sociais subalternos<sup>24</sup>.

Se, de um lado é estabelecido a separação física entre a equipe dirigente e os internos e também dos presos com o mundo externo, essa instituição promove uma profunda demolição das barreiras internas do preso e também dele com os demais presos. Sá<sup>25</sup> empreende em sua argumentação os efeitos maléficos da arquitetura prisional sobre o comportamento do indivíduo encarcerado. Para ele, o meio ambiente em que está inserido, juntamente com todos os eventos que ali se desenvolvem, são fatores que contribuem na (des)construção da personalidade do ser humano.

Promove-se, pois, um ataque à privacidade do sentenciado, a partir do próprio arranjo arquitetônico do presídio. (...) O recluso raramente tem um espaço para um encontro consigo mesmo, na solidão. E, o pior, talvez acabe por se acostumar com isso, com essa perda da identidade e da privacidade. Privacidade, identidade - fatores de inestimável importância para a saúde mental e para a readaptação social<sup>26</sup>.

Para Zaffaroni<sup>27</sup>, a prisão se comporta como uma verdadeira máquina de deteriorar, pois o preso é levado a condições de vida que nada têm a ver com as de um adulto, pois faz ou deixa de fazer em condições e com limitações. É ainda ferido na sua autoestima, pela perda da sua privacidade, de seu próprio

---

23 Cf. Alvin August de Sá. *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal*. São Paulo: Editora Revista dos tribunais, 2007, p.132-133.

24 Marília de Nardin BUDÓ; Riccardo CAPPI. *Punir os jovens? A centralidade do castigo nos discursos midiáticos e parlamentares sobre o ato infracional*.

25 Cf. Alvin August de Sá. *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal*, p.131-133.

26 *Ibidem*, p.132.

27 Eugênio Raúl ZAFFARONI. *Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema pena*.

espaço, pela submissão a revistas degradantes, atrelado as condições deficientes da maioria das prisões: superlotação, pouca alimentação, falta de higiene e assistência sanitária.

Para Davis,

The prison therefore functions ideologically as an abstract site into which undesirables are deposited, relieving us of the responsibility of thinking about the real issues afflicting those communities from which prisoners are drawn in such disproportionate numbers. This is the ideological work that the prison performs—it relieves us of the responsibility of seriously engaging with the problems of our society, especially those produced by racism and, increasingly, global capitalism<sup>28</sup>.

Assim, quando o Estado observa que é melhor vigiar que punir, passa a utilizar as influências arquitetônicas do panóptico<sup>29</sup> de Bentham, para

---

28 Angela Y. DAVIS. *Are prisons obsolete?* New York: Open Media, 2013, p.191. “A prisão funciona, portanto, ideologicamente como um local abstrato em que os indesejáveis são depositados, aliviando-nos da responsabilidade de pensar sobre as verdadeiras questões que afligem as comunidades de onde os presos são tirados em números tão desproporcionais. Este é o trabalho ideológico que a prisão realiza – nos livra da responsabilidade de nos engajarmos seriamente nos problemas da nossa sociedade, especialmente os produzidos pelo racismo e, cada vez mais, pelo capitalismo global”. Tradução livre dos autores.

29 Trata-se de sistema circular, de vigilância central, a partir de uma torre, cujas vigias são invisíveis e, por poucos que sejam, podem vigiar e controlar o tempo todo e ao mesmo tempo todos os presos em todas as celas. Os presos ficam continuamente expostos a um poder invisível, despersonalizado. O “Panoptico” (que significa “local onde tudo se vê”), é uma arquitetura que desindividualiza, despersonaliza e o torna imanente à própria edificação carcerária. O panoptismo, segundo Foucault, é o inverso do espetáculo: enquanto no espetáculo uma multidão assiste a poucos, no panoptismo poucos (ou até um só) observam e controlam uma multidão, e, nessa multidão, controlam a cada um individualmente.

(...) introduzir no detento um estado de consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce: enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmo são os portadores<sup>30</sup>.

A experiência de Sá no trabalho psiquiátrico com os presos demonstra, através de testes de personalidade, os efeitos nocivos manifestos provocados pela instituição, porém, os resultados ressaltam a preponderância de efeitos latentes como “forte repressão, fortes sentimentos depressivos, falta de *insight* emocional, fortes tensões e conflitos internos. Ou seja, um quadro de angústia e constrição, (...) sinais constantes de estereotipia e rigidez<sup>31</sup>.

Os efeitos da prisão, que Zaffaroni denomina de prisionização e Goffman de desculturamento, sem dúvidas é deteriorante e submerge o indivíduo a uma cultura de cadeia, distinta da vida adulta e em liberdade. A prisão não deteriora pura e simplesmente por deteriorar, mas o faz para condicionar o indivíduo com as suas exigências do papel que também lhe são formuladas por outras agências do sistema.

Em um pequeno número de casos, esta invasão terá efeitos desestruturantes e a deterioração do indivíduo será em direção à psicose e ao suicídio; em um número muito maior o indivíduo se deteriorará assumindo o papel de acordo com as exigências; em um número de casos resistirá e sua deterioração não se desenvolverá em nenhum dos dois sentidos<sup>32</sup>.

---

30 Michel FOUCAULT. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*, p.191.

31 Alvin August de SÁ. *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal*, p.130.

32 Eugênio Raúl ZAFFARONI. *Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema pena*, p.136.

Despido de tudo que tem, e despido também daquilo que é, o indivíduo percebe-se que, uma vez interno, assumirá estigmas indelévels e os carregará para toda sua vida. Conceitos e pré-conceitos que o rotularão e servirão como instrumento classificatório numa sociedade que julga e exclui, ao não apostar em qualquer tipo de ressocialização. Para Baratta a prisão causa efeitos negativos no indivíduo que contribuem muito mais para que permaneça no crime do que se ressocialize quando do retorno à sociedade.

### 3 O papel da Pastoral Carcerária: em busca de um mundo sem prisões

“Estive preso e vieste me visitar” (Mt 25,36). É com esse lema em mente que a Pastoral Carcerária, pastoral social ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), age junto às pessoas presas e suas famílias. Ela busca ser a presença de Cristo e de sua Igreja no mundo dos cárceres, caracterizado pela superlotação, condições insalubres e tortura sofrida pelas pessoas privadas de liberdade. Portanto, em seu trabalho de atendimento religioso às pessoas presas, os/as agentes pastorais promovem um serviço de escuta e acolhimento, anunciam a Boa Nova, contribuem para o processo de iniciação à vida cristã e para a vivência dos sacramentos, e atuam no enfrentamento às violações de direitos humanos e da dignidade humana que ocorrem dentro do cárcere. Assim, a evangelização concretiza-se de forma integral, seguindo as orientações da Igreja: “As profundas diferenças sociais, a extrema pobreza e a violação dos direitos humanos (...) são desafios lançados à evangelização<sup>33</sup>”.

A assistência religiosa para pessoas privadas de liberdade é um direito amplamente garantido e regulamentado. Tem

---

33 CELAM. *Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Evangelização no presente e no futuro da América Latina, conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979, n.90.

previsão na Constituição Federal<sup>34</sup> e se vincula à própria inviolabilidade de culto e crença prevista na Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>35</sup>, no Pacto Internacional sobre Direitos Cívicos e Políticos e na Convenção Interamericana de Direitos Humanos. Ainda, as Regras Mínimas para Tratamento de Pessoas Presas, da Organização das Nações Unidas (ONU), conhecidas como “Regras de Mandela”, prescrevem a manutenção de serviços religiosos regulares, a realização de visitas pastorais privadas com os presos e as presas – sendo que nenhuma pessoa encarcerada pode ser excluída de tal atenção espiritual.

Ainda, há previsão de assistência religiosa na Lei de Execução Penal e, na Lei n.º 9.982/2000, é assegurado o acesso dos religiosos e religiosas de todos os credos aos estabelecimentos prisionais civis ou militares. E o Decreto Presidencial n.º 7.107/2010, que promulgou o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa Sé, relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, também versa sobre a questão.

Nesse sentido, é indispensável salientar que a assistência humanitária é parte integral da assistência religiosa. A Pastoral Carcerária concretiza esta dimensão humanitária da assistência religiosa através da doação de itens de higiene, comida e roupas, e também pela denúncia de injustiças, torturas e outras violações sistemáticas de direitos. Trabalho que é feito em plena comunhão com a doutrina na Igreja. Portanto, a assistência religiosa no sistema prisional precisa ser compreendida e respeitada em toda sua latitude legal, integralidade e

34 Art. 5º, VII – é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva.

35 Artigo 18º – Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

diversidade, não podendo ser homogeneizada ou aceita apenas como uma prestação de aconselhamento espiritual e realização de determinados ritos, ainda que tais práticas estejam contempladas em seu cotidiano.

A Pastoral Carcerária, por sua essência, é a menos institucional das pastorais e tem por objetivo romper com um dos institucionalismos mais maléficos à dignidade humana: as prisões. É a igreja em saída contra o cárcere. De forma radical, se faz e se refaz, na matéria humana mais esquecida e renegada da sociedade: o preso. É dessa forma que tem assumido o profético compromisso de estar com as pessoas aprisionadas, com suas famílias e com os movimentos sociais num processo de resistência às políticas e estruturas injustas reinantes no continente. Ao mesmo tempo, sempre de maneira fraterna e colocando-se evangelicamente à serviço do Reino de Deus, dedica suas forças à construção da cidadania e de uma sociedade mais justa onde a prioridade deve ser a libertação e a promoção da dignidade das pessoas mais excluídas e rejeitadas: os prisioneiros e escravizados.

É com presença humanitária no cárcere que a Pastoral Carcerária busca “abolir as práticas violentas e torturadoras, as instituições que as mantêm, a seletividade e o punitivismo de todo o sistema penal brasileiro”<sup>36</sup>, denunciando que quase tão simples como repetir que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, é a dificuldade de vivenciá-lo. Considera-se natural a distância entre o praticado e o falado em direitos humanos, o abismo existente entre o discurso que o

---

36 PASTORAL CARCERÁRIA. *Luta antiprisional no mundo contemporâneo: um estudo sobre experiências de redução da população carcerária em outras nações*. 2018. Disponível em: <[http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2018/09/relatorio\\_luta\\_antiprisional.pdf](http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2018/09/relatorio_luta_antiprisional.pdf)> Acesso em: 26 fev. 2019. p.7.

promove e a sua prática.<sup>37</sup> Considera-se normal violência cotidiana do sistema penal que recai sobre os mais vulneráveis da população, retomando práticas genocidas “genocídio colonialista e neocolonialista, em nossa região marginal, não acabou: nossos sistemas penais continuam praticando-o e, se não forem detidos a tempo, serão eles os encarregados do genocídio tecnocolonialista”<sup>38</sup>.

Sánchez Rubio<sup>39</sup> refere que a cegueira é o drama do nosso tempo “porque somos cegos que, vendo, não vemos a injustiça, as situações de morte, a podridão provocada, o desprezo pelo humano e o rechaço da dignidade do ser humano nem nossa vida”. Por considerar que cárcere não é lugar de gente, a Pastoral Carcerária, juntamente com mais 43 organismos da sociedade civil organizada assinam o documento denominado Agenda Nacional para o Desencarceramento, com 10 diretrizes que propõe a construção de um robusto e integrado programa nacional de desencarceramento, de abertura do cárcere para a sociedade e de redução de danos.

Não é difícil imaginar Cristo condenado por “vadiagem” e, na pior das hipóteses “desaparecido” por ter atentado contra a segurança nacional, ou ainda São Francisco institucionalizado em um manicômio, submetido a especialistas que controlariam o seu “delírio místico” com choques elétricos<sup>40</sup>. Por uma vida sem grades; por grades menos desumanas, a Pastoral Carcerária busca que o governo cesse imediatamente qualquer política de construção de presídios para priorizar medidas que buscam construir políticas sólidas, aptas a atacar, na integralidade a grande chaga que representa o sistema penal às massas de jovens

37 Cf. David SANCHEZ RUBIO. *Fazendo e desfazendo direitos humanos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p.12.

38 Eugênio Raúl ZAFFARONI. *Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema pena*, p.125.

39 David SANCHEZ RUBIO. *Fazendo e desfazendo direitos humanos*, p.26.

40 Eugênio Raúl ZAFFARONI. *Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema pena*, p.148.



marginalizados e periféricos do Brasil: a criação de estereótipos e a consequente seletividade do sistema criminal.

Para que isso seja possível, propõem a redução máxima do sistema penal<sup>41</sup> e a retomada da autonomia comunitária para a resolução não-violenta de conflitos, com caminhos mais estreitos para o sistema penal, de tal modo que ele não atinja as limitações constitucionais e legais cuja aplicação poderia cumprir a função de pôr freios aos impulsos punitivos das agências de segurança pública. Para isso, a Agenda do Desencarceramento propõem a redução da aplicação da pena privativa de liberdade ao menor número de casos possível, postula pela proibição da pena de prisão nos crimes de menor potencial ofensivo; nos crimes puníveis com detenção; nos crimes de ação penal de iniciativa privada; nos crimes de perigo abstrato e nos crimes desprovidos de violência ou grave ameaça<sup>42</sup>.

El derecho penal el sistema punitivo refuerzan la idea del traje occidental predominante e hegemónico. (...) hay que romper con el imaginario que considera el derecho penal (estatal) como el último e único recurso de protección de los derechos. (...) Por esta y muchas otras razones, desde el punto de vista de los derechos humanos sino también del derecho penal, es importante elaborar otro derecho menos punitivo abierto a los distintos procesos de lucha que han sido negados o limitados no solo por el orden burgués sino por el actual sistema capitalista. Un derecho que resuelva los conflictos sociales teniendo como referencia no la idolatría del mercado, ni el estado tampoco de una sola raza o de un único género en particular, todos ellos en su versión

---

41 Para Ferajolli (2014) o direito penal mínimo é condicionado e limitado ao máximo e corresponde não apenas ao grau máximo de tutela das liberdades dos cidadãos frente ao arbítrio punitivo, mas também a um ideal de racionalidade e de certeza.

42 PASTORAL CARCERÁRIA. *Agenda nacional pelo desencarceramento 2016-2017*. 2017. Disponível em: <<http://www.global.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Agenda-Nacional-pelo-Desencarceramento-2016-2017.pdf>> Acesso em: 26 fev. 2019.



hegemónica, sino al ser humano en tanto sujeto plural y diferenciado, incluso cuando es acusado de cometer un acto contrario a los intereses de una comunidad. Siempre debe ser tratado como sujeto sea cual es acto delictivo o el disvalor social negativo cometido<sup>43</sup>.

Aqui, abre-se campo para a justiça restaurativa, como um modelo alternativo à resolução de conflitos sociais que, segundo Pallamolla<sup>44</sup>, direciona-se à (re)conciliação entre os envolvidos, à solução do problema, à reestruturação dos laços, à prevenção da reincidência e à responsabilização.

Para Zehr<sup>45</sup> a justiça restaurativa se preocupa com as necessidades dos envolvidos no evento criminoso, especialmente a vítima que, neste modelo, exerce um protagonismo específico. A justiça restaurativa tem a ver com responsabilidade, na medida em que a atribui aos atores a responsabilização pelos seus atos, mostrando-lhes os reflexos de suas atitudes. Ela parte de uma visão positiva do conflito a ser trabalhado com comunicação não-violenta, mediação e práticas de justiça restaurativa. A Pastoral Carcerária já faz uso dessa prática através da metodologia da Es.pe.re – Escola de perdão e reconciliação junto ao sistema penal de justiça.

Faz-se necessário reconhecer que a pena privativa de liberdade, espinha dorsal dos sistemas penais contemporâneos, confina o infrator num “ambiente antinatural (artificial), [...], ao revés de ressocializar, dessocializa, ao invés de educar, deseduca,

---

43 David SANCHEZ RUBIO; Juan Antonio Senent FRUTOS. *Teoría crítica del derecho: nuevos horizontes*. San Luis-Aguascalientes: Universidad Autónoma San Luis Potosí, Centro de Estudios Jurídicos y Sociales, Mispat 2013, p.102.

44 Raffaella da Porciúncula PALLAMOLLA. *Justiça restaurativa: da teoria à prática*. São Paulo: IBCcrim, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/DZvI9N>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

45 Howard ZEHR. *Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça*. São Paulo: Palas Athena, 2008.

ao invés de humanizar, perverte, estigmatiza etc”<sup>46</sup>, é utilizada como um instrumento estratégico e político de manutenção da ordem injusta e desigual em que vivemos, com o aprisionamento de quem está à margem do sistema capitalista. Para a Pastoral Carcerária “é necessário, urgentemente, fechar as comportas do sistema penal e estancar as “veias abertas” do sistema prisional brasileiro com a adoção de medidas efetivas de desencarceramento, de abertura do cárcere para a sociedade e de enfrentamento concreto às violências estruturais enquanto houver prisões<sup>47</sup>”.

A tão desejada paz no mundo contemporâneo não deve ser sinônimo ou próxima da “pax romana”. A paz deve ser fruto e consequência de seres humanos livres e conscientes de suas condições e responsabilidades e não fruto da imposição do medo. O medo de ser preso não deve ser o motivo da paz. Medo e paz não fazem parte da mesma família.

### Considerações Finais

A pesquisa em questão apresentou como objetivo geral verificar o papel do movimento da Igreja em Saída, através da Pastoral Carcerária, junto a evangelização no cárcere. Analisou-se os dados do Departamento Penitenciário Nacional, órgão vinculado ao Ministério da Justiça, que demonstram que o perfil do preso brasileiro é estereotipado no homem jovem, negro, morador das favelas.

Afastado do convívio social, é amontoado em presídios, sob discursos vagos de justificação da pena, de caráter ressocializador e educativo, é despido de sua subjetividade, no intuito geral da instituição total, que é o de reprogramação do

---

46 Paulo de Souza QUEIROZ. *Do caráter subsidiário do direito penal: lineamentos para um direito penal mínimo*. Belo Horizonte: Del Rey, 2002, p.41-42.

47 PASTORAL CARCERÁRIA. *Agenda nacional pelo desencarceramento 2016-2017*, p.9.

indivíduo. A falência desse método na resolução dos conflitos sociais e na diminuição da violência, são abordados diariamente pela Pastoral Carcerária, que denuncia a seletividade do sistema penal, que coopta a população à margem.

A Pastoral Carcerária, através da assistência religiosa, garantida aos indivíduos em situação de cárcere, reconhece que há violações contumazes de direitos humanos nos presídios e aponta que prisão não é lugar de gente! Junto à sociedade civil, defende que a resolução dos conflitos sociais não serão alcançadas com mais violência, ora estatal.

Nesse cenário, o estudo aponta para a necessidade de um direito penal mínimo, onde a pena privativa de liberdade seja fixada apenas aos crimes praticados com violência e grave ameaça, onde propostas alternativas, como a justiça restaurativa, sejam utilizadas para a composição dos conflitos sociais, em busca de um mundo sem prisões.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Sérgio França de. As instituições totais: elementos para um modelo de análise. *Revista do IMESC*, ano IV, n.1, p.69-73, 1981.

BARATTA, Alessandro. *Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal*. 6ªed. Rio de Janeiro: Editora Renavan: Instituto Carioca de Criminologia, 2011.

BATISTA, Vera Malaguti. *Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Renavan: Instituto Carioca de Criminologia, 2003.

BENELLI, Silvio José. *A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

BUDÓ, Marília de Nardin; CAPPI, Riccardo. *Punir os jovens? A centralidade do castigo nos discursos midiáticos e parlamentares sobre o ato infracional*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL. Ministério da Justiça. *Levantamento nacional de informações penitenciárias – INFOPEN – Brasil*, jun. 2016. Disponível em: <[http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorio\\_2016\\_22-11.pdf](http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorio_2016_22-11.pdf)> Acesso em: 25 fev. 2019.

- CELAM. *Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Evangelização no presente e no futuro da América Latina, conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- DAVIS, Angela Y. *Are prisons obsolete?* New York: Open Media, 2013.
- FERRAJOLI, Luigi. *Direito e razão: teoria do garantismo penal*. 4ªed. São Paulo: RT, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. 41ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KARAM, Maria Lúcia. Proibição às drogas e a violação a direitos fundamentais. *Revista Brasileira de Estudos Constitucionais: RBEC*, Belo Horizonte, v.7, n.25, p.169-189, jan./abr. 2013.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 9ªed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- MOLLO, Juan Pablo. *O delinquente que não existe*. Salvador: Juspodivm, 2016.
- ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Escola da prisão: Espaço de construção da identidade do homem aprisionado. In: ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. *Educação escolar entre grades*. São Carlos: EDUFSCar, 2007.
- PALLAMOLLA, Raffaella da Porciúncula. *Justiça restaurativa: da teoria à prática*. São Paulo: IBCrim, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/DZv19N>>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- PASTORAL CARCERÁRIA. *Agenda nacional pelo desencarceramento 2014*. Disponível em: <<http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Agenda-em-Portugues.pdf>> Acesso em: 26 fev. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Agenda nacional pelo desencarceramento 2016-2017*. 2017. Disponível em: <<http://www.global.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Agenda-Nacional-pelo-Desencarceramento-2016-2017.pdf>> Acesso em: 26 fev. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Luta antiprisional no mundo contemporâneo: um estudo sobre experiências de redução da população carcerária em outras nações*. 2018. Disponível em: <[http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2018/09/relatorio\\_luta\\_antiprisional.pdf](http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2018/09/relatorio_luta_antiprisional.pdf)> Acesso em: 26 fev. 2019.
- QUEIROZ, Paulo de Souza. *Do caráter subsidiário do direito penal: lineamentos para um direito penal mínimo*. Belo Horizonte: Del Rey, 2002.

SANCHEZ RUBIO, David. *Fazendo e desfazendo direitos humanos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

SANCHEZ RUBIO, David; FRUTOS, Juan Antonio Senent. *Teoría crítica del derecho: nuevos horizontes*. San Luis-Aguascalientes: Universidad Autónoma San Luis Potosí, Centro de Estudios Jurídicos y Sociales, Mispat 2013.

SÁ, Alvino Augusto de. *Criminologia Clínica e Psicologia Criminal*. São Paulo: Editora Revista dos tribunais, 2007.

ZAFFARONI, Eugênio Raúl. *Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema pena*. 5ªed. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

ZEHR, Howard. *Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça*. São Paulo: Palas Athena, 2008.



## EVANGELIZAÇÃO E JUVENTUDE

"fé e vida e discernimento vocacional"

O documento final da reunião pré-sinodal, realizada em Roma entre 19 a 24 de março de 2018, em preparação ao sínodo da juventude, inicia dizendo que

os jovens de hoje encontram uma série de desafios e oportunidades externas e internas, muitas das quais são específicas de seus contextos individuais e algumas são comuns entre os continentes. À luz disso, é necessário para a Igreja examine o modo com o qual enxerga os jovens e se compromete com eles, de modo que seja um guia eficaz, relevante e vivificante no decorrer de suas vidas.

O jovem Davi Rodrigues da Silva<sup>1</sup>, atual Secretário Nacional da Pastoral da Juventude representou a Igreja do Brasil nesta reunião. Considerando a importância desse evento para os jovens, para a Igreja e para a sociedade, a revista *Caminhando com o Itepa* decidiu entrevistá-lo e atribuiu esta tarefa ao Pe. Maicon Malacarne<sup>2</sup>, presbítero da Diocese de Erechim e membro integrante da Comissão Nacional de Assesores da Pastoral da Juventude.

- 
- 1 Davi Rodrigues da Silva - Graduado em História pela Universidade de Passo Fundo/UPF. Estudante da Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Foi coordenador da Pastoral da Juventude da arquidiocese de Passo Fundo, 2012 e 2013. Educador social na fundação beneficente Lucas Araújo de 2014 a 2017 em Passo Fundo. Atualmente, Secretário Nacional da Pastoral da Juventude
  - 2 Maicon André Malacarne - Padre da diocese de Erechim/RS. Bacharel em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Pe. Berthier e em Teologia pelo ITEPA – Instituto de Teologia e Pastoral. Especialista em Juventude no Mundo Contemporâneo pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Assessor nacional da Pastoral da Juventude de 2017 a 2019, integrando a Comissão Nacional de Assesores (CNAPJ).

**Maicon:** Davi, você representou a Igreja do Brasil na Reunião pré-sinodal em Roma, um dos momentos que antecederam o Sínodo da juventude, da fé e do discernimento vocacional. O que significou essa experiência?

**Davi:** Permita-me destacar alguns pontos que julgo relevantes para nós, fruto dessa experiência que tive a oportunidade de vivenciar.

Para mim, um primeiro ponto a ser ressaltado é a intencionalidade do pastoreio de Francisco em estabelecer uma Igreja Sinodal, uma Igreja que tem como desejo caminhar junto com aqueles que fazem no seu dia-a-dia a ação evangelizadora, que estão em contato com as alegrias e mazelas do povo do mundo todo. Depois resalto o fato de nós jovens termos vivido essa que talvez tenha sido uma das reuniões pré-sinodal com maior relevância da história, visto seus ecos em todo o processo, presente até na exortação Apostólica ‘Cristo Vive’. Um terceiro ponto a destacar, é o conceito de protagonismo pedido por Francisco, encorajando os jovens na manhã de abertura dos trabalhos: *“falem sem filtro, não tenham medo de dizer o que pensam do mundo e da Igreja, se alguém por ventura não gostar, peçam desculpas e sigam, certamente não fazem por má intenção”*. O Sínodo dos jovens teve a clara intenção de não ser para o episcopado falar sobre os jovens, mas para falar e fazer com os jovens.

Como lacunas, penso que poderia ter havido mais atenção ao objetivo do encontro e aos delegados convidados. Acho que os jovens do mundo todo não foram chamados somente para aplaudir a doutrina e aquilo que já está posto no cenário da evangelização da juventude, mas sim, para poder, a partir dos seus cenários juvenis, propor novidades capazes de ajudar na aproximação da ação pastoral da Igreja com esse mundo.

Uma Igreja aberta ao mundo juvenil e que promova o seu protagonismo vai muito além de estar aberta apenas aos jovens. Creio que é preciso ir além de fetichismos estéticos, típicos de



heranças clericalistas e das estruturas distantes das realidades. Há um clamor para que haja proximidade efetiva da vida real da juventude. A realidade da juventude latino-americana e brasileira, que diariamente é exterminada nas ruas de nossas cidades e campos, na sua maioria empobrecida e distante de qualquer atenção institucional, está carente desta proximidade.

Urge que a Igreja entenda quão necessário é aproximar-se do mundo juvenil, sem reservas. O desafio está para além de apenas fazer uma opção pelos jovens. É necessário reafirmar a opção pelos pobres, os jovens pobres, negros, indígenas, aqueles e aquelas que mais pedem urgência, pois só assim se alcançará um diálogo profícuo com o mundo juvenil e então haverá possibilidades de deixar-se arejar pela semente oculta do Verbo que existe nas juventudes, em sua pluralidade.

**Maicon:** O que representa em termos de evangelização da juventude a dinâmica dos processos sinodais que o Papa Francisco tem insistido?

**Davi:** Sínodo significa “caminhar juntos”, ou seja, indica um modo de ser no processo, indo muito além de um evento.

Para mim, uma das mais belas experiências sinodais está registrada no livro do Êxodo, quando narra a saída e a caminhada de 40 anos do povo de Deus pelo deserto, no rumo da libertação. Fico pensando que a caminhada foi a vida de muitas daquelas pessoas.

Quando já decidido pela libertação, o povo de Deus se viu encurralado, de um lado o mar e do outro o maior exército de sua época, marchando para os exterminarem. É nesse momento, de angústia, que vem a inspiração divina: “diga ao povo que marchem!” (Ex 14,15).

É só para quem ousa se pôr a caminho que a coragem brota como companheira, pois é com ela que um povo pode descobrir o caminho “seco em meio ao molhado”.

Para aqueles peregrinos, a palavra que fazia menção ao Egito

é *'mitsraim'* e significa “terra estreita”, lugar que um dia serviu de abrigo, mas hoje já não comporta mais o sonho de um povo que não quer mais ser escravo, mas que quer ser sujeito, quer se pôr a caminho.

As primeiras comunidades Cristãs tinham o costume de se chamar de “povo do caminho”, segundo o teólogo espanhol Pagola, “os primeiros seguidores de Jesus não se sentiam membros de uma nova religião. Eles não se sentiam membros de uma instituição, mas sim, homens e mulheres que descobriram um novo caminho para viver”. E ele segue com a bonita e desafiadora interpelação: “É preciso descobrir o caminho aberto por Jesus e ser seus seguidores”.

Assim, penso ser função da ação pastoral com a juventude a busca dessa mesma libertação. Juventude e êxodo são indissociáveis, visto que o jovem carrega essa sede de mudanças, juventude é sair do estreito, é tornar-se sujeito autônomo, a infância já não nos serve, mas a terra que nos prometeram demanda caminhada. E para nós ela nunca é solitária. Depois, porque somos uma ação eclesial e assim sendo, não devemos perder de vista a memória de herdeiros dessa tradição do povo de Deus que em Jesus se renovou.

**Maicon:** Como foi o processo sinodal? Quais foram os marcos desse acontecimento?

**Davi:** Olhar para as palavras do Papa Francisco dirigidas as juventudes do mundo, nesses últimos dois anos, durante o processo sinodal, é olhar para uma riqueza gigantesca de profecia e confiança na juventude.

Para compreender a mensagem do último processo sinodal é preciso um olhar mais cuidadoso para o discurso do atual pontificado. Esse olhar certamente perceberá que uma das categorias centrais em suas falas é a categoria “pobre” onde, por sua vez, deixa de ser objeto e passa a ser o agente protagonista das transformações sociais.

A relação com os pobres transcende à confissão religiosa e abre espaço para um profundo e frutífero diálogo, que sempre é entre sujeitos em pé de igualdade, e assim verdadeiramente fraterno, entre católicos e não católicos, entre crentes e não crentes. Para mim, essa abertura ao diálogo é a raiz do projeto de uma igreja sinodal, deseja de “caminhar junto” com todos aqueles dispostos a construir a Civilização do Amor.

O papel da Igreja é animar e caminhar com os homens e as mulheres de boa vontade. Exemplo desse modo de ser/viver expresso no pontificado de Francisco, está tanto no convocar uma Reunião Pré-Sinodal com jovens do mundo todo, tanto católicos como de outras religiões e jovens ateus; e também ao animar militantes dos movimentos sociais compostos por católicos e não católicos, crentes ou não crentes. E a ambos os grupos, ter na centralidade o incentivo ao protagonismo. Como quando, em 2015 na Bolívia, ao se dirigir as lideranças dos movimentos sociais Francisco disse: “É também sua participação protagônica nos grandes processos de mudanças, mudanças nacionais, mudanças regionais e mundiais. Não se apequenem!” (*Discurso de Francisco em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 2015*). Essa mesma tônica foi o que guiou o papa ao encontra-se com os jovens do mundo todo na reunião pré-sinodal. “Falar com coragem. Sem vergonha, não é? Aqui a vergonha deixa-se fora da porta. Fala-se com coragem: digo aquilo que sinto e se alguém está ofendido, peço perdão e vou por diante. Vós sabeis falar assim”. (*Discurso do papa Francisco por ocasião da reunião pré-sinodal com os jovens no pontifício colégio internacional “Maria Mater Ecclesiae”, 19 de março de 2018*).

Assim, me atrevo a pensar que para Francisco a Juventude, ou melhor, a condição juvenil coloca os jovens do planeta em situação semelhante aos pobres, ou seja, percebe-a como um grupo marginalizado das esferas decisórias, onde suas percepções e ações não são levadas a sério ou vistas como perigo, propondo diante disso uma verdadeira revolução

paradigmática. A juventude (os pobres) deve ser valorizada e colocada no centro do debate global. O papa revela o desejo de que não só a sua instituição dialogue com a modernidade de forma mais eficiente, mas também que o conjunto da sociedade global vá mudando seus paradigmas e quem sabe sua epistemologia a partir dos sujeitos até então relegados as margens do mundo.

**Maicon:** Uma das questões que a Igreja da América Latina sempre insistiu na dinâmica da evangelização foi o “protagonismo juvenil”. Como o Sínodo foi abordando esse eixo?

**Davi:** O protagonismo Juvenil é uma das centralidades da Pastoral Juvenil Latino-Americana que no Brasil é representada pelas Pastorais da Juventude, pois é o elemento que garante o jovem como sujeito e não objeto da evangelização. Nesse sentido, partilho dois parágrafos centrais na exortação “Cristo Vive”, que aponta essa dinâmica como uma indicação necessária para toda Igreja: “É verdade que às vezes, perante um mundo cheio de tanta violência e egoísmo, os jovens podem correr o risco de se fechar em pequenos grupos, privando-se assim dos desafios da vida em sociedade, dum mundo vasto, estimulante e necessitado. Têm a sensação de viver o amor fraterno, mas o seu grupo talvez se tenha tornado um simples prolongamento do próprio eu. Isto agrava-se, se a vocação do leigo for concebida unicamente como um serviço interno da Igreja (leitores, acólitos, catequistas, etc.), esquecendo-se que a vocação laical é, antes de mais nada, a caridade na família, a caridade social e caridade política: é um compromisso concreto nascido da fé para a construção duma sociedade nova, é viver no meio do mundo e da sociedade para evangelizar as suas diversas instâncias, fazer crescer a paz, a convivência, a justiça, os direitos humanos, a misericórdia, e assim estender o Reino de Deus no mundo” (Christus Vivit, 168).

“Quero encorajar-te a assumir este compromisso, porque sei

que «o teu coração, coração jovem, quer construir um mundo melhor. Acompanho as notícias do mundo e vejo que muitos jovens, em tantas partes do mundo, saíram para as ruas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e fraterna. Os jovens nas ruas; são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixeis para outros o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. Continuai a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do mundo. Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não “olheis da sacada” a vida, entrai nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou... Não olheis da sacada a vida, mergulhai nela, como fez Jesus. Mas sobretudo, duma forma ou doutra, lutai pelo bem comum, sede servidores dos pobres, sede protagonistas da revolução da caridade e do serviço, capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e superficial” (Chistus Vivit, 174).

**Maicon:** Quais as novidades que o Sínodo da juventude, fé e discernimento vocacional trazem para a Evangelização da Juventude no Brasil?

**Davi:** Deveria trazer questionamento. Se a Igreja do Brasil não ouvir de forma honesta e profunda as Palavras de Francisco em relação as juventudes e não aproveitar essa oportunidade para um bom exercício de escuta perderá uma bela oportunidade histórica de se repensar.

Na reunião pré-sinodal, os jovens latino americanos, advindos de experiências pastorais próprias, eram os sujeitos mais atentos a propor uma relação entre fé e vida, capazes de ligar suas realidades sociais com o modelo de igreja capaz de responder aos apelos de suas realidades. Vale ressaltar o quanto essa experiência pastoral também no Brasil é fruto de uma mesma vertente teológica na qual Francisco se inspira e o

quanto ela vem sendo explícita ou implicitamente silenciada e atacada por alguns membros do corpo eclesial e pelas “novas” gerações de católicos neoconservadores brasileiros. Esse modelo pastoral acaba não encontrando apoio em setores progressistas da Igreja do Brasil visto suas posturas adultocêntricas, que os torna incapazes de estabelecer uma relação estratégica capaz de perceber o lugar das juventudes na construção e sustento de uma Igreja pobre para os pobres

O produto final do processo sinodal não deve ser encarado por nós apenas como uma exortação apostólica, mais um documento a ser posto na estante de nossas bibliotecas, mas sim como uma possibilidade de repensarmos as práticas pastorais a serem vividas em cada realidade local. É na vida das juventudes que o sínodo deve ecoar.

Cabe as pastorais, movimentos, conferências, congregações e todos os envolvidos com o processo de evangelização da juventude e dispostos a construir uma igreja libertadora e verdadeiramente conectada aos sinais dos tempos, questionarem-se como estão sendo como atores construtores dos novos paradigmas possíveis na construção do Reino? Quem estão sendo seus aliados? Qual modelo eclesiológico estamos construindo? Qual a fidelidade a unidade com o papa na prática evangelizadora estamos dispostos a abraçar?

O protagonismo que somos chamados é por excelência de coragem, aquela que faltou a Pedro que o levou a negar a Cristo ou a que faltou a Pilatos que diante de um inocente por medos e melindres do poder resolveu optar pela negligência e lavar as mãos.

Uma Igreja Jovem que dialoga com os sujeitos do terceiro milênio não pode cair na mediocridade de achar que basta dominar as ferramentas de comunicação contemporâneas e propagar suas posturas arcaicas na “gíria” juvenil, sem se dar conta que a verdadeira questão está no modelo eclesiológico.

Tenhamos em mente ao falar de evangelho e juventude os milhares de jovens pobres, marginalizados que diariamente são exterminados no Brasil, as violências cotidianas que as jovens mulheres e as juventudes LGBTQ+ são submetidas pelo patriarcado e nossa cultura machista. Sejamos ousados em tornar o Sínodo da Juventude motivo para questionarmos as precarizações do mundo do trabalho, a perversa reforma da previdência, e tantas outras medidas que subjugam ainda mais nossas juventudes a situações de extrema pobreza e falta de oportunidades.

Façamos desse processo vida e “vida em abundância”

**Maicon:** O Papa Francisco pedia para os jovens no processo sinodal falarem “sem medo e sem filtros” num grande desejo de escutar a realidade juvenil. O que significa essa atitude nos desafios que as comunidades eclesiais enfrentam na atualidade?

**Davi:** Partindo da concepção que uma época de mudanças é uma época de disputas de narrativas e de projetos e que Francisco pessoalmente está propondo no âmbito eclesial uma posição clara sobre a postura da igreja, não devemos ingenuamente pensar que pelo fato dele ocupar o lugar máximo da hierarquia católica essa será facilmente a posição assumida pelos católicos e até mesmo pela hierarquia como um todo.

Um exemplo disso é a atual posição dos novos católicos de direita estadunidenses, que segundo o historiador Massimo Faggioli são *“hoje uma geração composta tanto por leigos, padres, seminaristas e até alguns bispos que interpretam um catolicismo teologicamente neo-ortodoxo, moralmente neointegralista, politicamente antiliberal e esteticamente neomedievais”*.

É preciso termos cuidado ao comparar essas definições com nossos exemplos locais, a formação cultural do Brasil tem suas vastas diferenças com os Estados Unidos da América, mas penso que em algum aspecto vale essa síntese para nos ajudar a provocar e perceber essas configurações em nosso país, essa



“disputa” muitas vezes velada, mas atuante na narrativa católica contemporânea. Uma opção pelos jovens sem uma opção pelos pobres é um risco que não se pode correr

**Maicon:** Como a Pastoral da Juventude tem trabalhado o Sínodo em seus grupos de jovens? Quais as possíveis formas de aprofundar?

**Davi:** A Pastoral da Juventude vem vivendo de forma intensa o processo sinodal, desde suas primeiras discussões até agora com os desafios de se viver a Exortação Apostólica *Cristo Vive*. Nossas ações foram desde construção de rodas de conversas para os grupos de jovens de todo o Brasil a partir dos textos sinodais até um profundo debate em nossa organicidade, olhando para o modelo sinodal, horizontal e dialogável buscamos radicalizar essa opção de Igreja em saída.

A nível nacional duas discussões são nossos carros chefes, a “Campanha Nacional de Enfretamento aos Ciclos de Violência Contra as Mulheres” que visa denunciar as mazelas sofrida pelas nossas irmãs, diariamente em todo o Brasil e anunciar que um novo mundo necessita de novos homens e novas mulheres, livres das manchas do patriarcado tão destrutivo a toda expressão de justiça e fraternidade; outro foco de nossa ação está na caminhada jubilar da Pastoral da Juventude que irá celebrar seus 50 anos no ano de 2022, sendo que até lá somos chamados a fazer um mutirão da memória e dos desafios pastorais que nos cercam, pois só com uma ação coletiva onde todos tenham voz e vez é possível viver a organicidade de uma instituição sempre atenta aos sinais dos tempos.

No entanto cabe um alerta, temos consciência que como juventude organizada em grupos de jovens católicos, somos uma pequeníssima parcela dos cerca de 50 milhões de jovens brasileiros, nossas ações buscam ser “sal da terra e luz do mundo”, nossa missão é ser uma Igreja capaz de dar testemunho público de nossa fé, que não sossegará até que cada jovem,



homem e mulher, crente ou ateu, de todas as etnias possam gozar de uma vida plena de dignidade e justiça.



# SÍNODO DOS BISPOS

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional

## ROTEIROS PARA GRUPOS DE JOVENS<sup>1</sup>

### Introdução

Queridos/as jovens e assessores/as!

A Igreja no mundo todo faz a opção pela juventude. E o desejo de ser fiel e radical nessa opção levou à realização do “Sínodo dos Bispos: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”.

O processo Sinodal mobilizou jovens de todos os países ao longo de seu processo: aconteceram reuniões, encontros, atividades em vista da realização do Sínodo. Dentre essas atividades, destaca-se a reunião pré-sinodal com jovens de todo o mundo. E, em outubro passado, aconteceu a Assembleia Sinodal.

Recentemente foi publicado o documento final do Sínodo e o desafio agora é tornar vida aquilo que foi rezado, refletido e discernido. Nessa direção, a PJ organizou esse subsídio. Trata-se de roteiros para oração pessoal e comunitária. Todos inspirados no documento final do Sínodo. Há um roteiro de Leitura Orante e doze roteiros para oração, a partir da

---

1 O presente artigo contém a apresentação e dois encontros para ser realizado pelos jovens a partir do documento final do Sínodo dos Bispos: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. A elaboração dos encontros é de autoria dos jovens Pe. Maicon Malacarne, assessor nacional da Pastoral da Juventude, coordenador diocesano de Pastoral da Diocese de Erechim, especializado em Juventudes no Mundo Contemporâneo, pela Faje; e de Luís Duarte Vieira que é mestrando profissional em Ensino de Ciências e Matemática pela UPF - Universidade de Passo Fundo e assessor nacional da Pastoral da Juventude. Todos os roteiros podem ser acessados no endereço eletrônico: <http://www.pj.org.br/cartilha-sinodo-jovens/>; <https://ciic.org.br/projeto-juventudes/>;

metodologia do Ofício Divino da Juventude. São propostas para rezarmos pessoal e comunitariamente, na mística daquilo que foi refletido.

A Pastoral da Juventude se prepara para seu grande jubileu de 50 anos e o deseja fazer vivendo profundamente as orientações do Sínodo. Por isso, divulgamos esse material para que nossos grupos de jovens possam conhecer o material do Sínodo. O desejo é preparar-se para o Jubileu vivendo profundamente aquilo que o Sínodo orienta para a missão.

Esse material é um convite a aprofundar o que o Sínodo refletiu. É importante que jovens e assessores/as possam se aprofundar nessas reflexões, para uma ação mais fiel ao Evangelho e à vida da juventude.

Que a memória dos mártires da caminhada, de modo especial do Pe. Gisley, inspire nossa doação pela vida dos/as jovens. Que Deus nos abençoe!

Luis Duarte e Pe. Maicon Malacarne.

## Leitura Orante

### 1º Momento: Acolher

A Pastoral da Juventude convida você e seu grupo de jovens a renovar seu compromisso de seguimento a Jesus, sendo Igreja em saída e sinodal.

Para rezar, é importante que você e/ou seu grupo encontre um lugar apropriado e onde consiga silêncio interior e exterior - um lugar que permita encontrar-se consigo e com Deus, num diálogo amoroso. Procure sentar e ficar em uma posição confortável para o diálogo. Organize o ambiente com símbolos que te ajudem a rezar, a encontrar-se com Deus.

Nesse primeiro momento, *acolha* o abraço amoroso de Deus, tomando consciência de estar com Ele, e igualmente acolha sua

vida e sentimentos. Perceba o abraço Dele a te envolver.

## **2º Momento: Abertura**

Consciente de estar na presença de Deus, vá silenciando, acalmando seu ser. Deixe o amor divino ir te preenchendo, plenificando. Nesse segundo momento, se couber e for conveniente, pode-se cantar um mantra para ajudar a conectar-se consigo e com o Pai. Quando perceber que encontrou maior paz, *abra-se* à ação do Espírito de Deus e invoque a presença da Trindade com o sinal de cruz.

## **3º Momento: Pedir a graça**

Nesse momento você é convidado a fazer o pedido de graça. Peça que o Senhor conceda a ti e a seu grupo o dom de melhor conhecer, amar e servir ao Senhor, que caminha conosco.

## **4º Momento: Ler**

Nesse momento, você é convidado a ouvir a Palavra de Deus. Pegue a bíblia no Evangelho de Lucas, capítulo 24, versículos de 13 a 35 e *leia* calmamente o texto procurando não fazer nenhum tipo de interpretação prévia. Leia o texto deixando com que a Palavra fale por si mesma. Após ler, tente interiorizar todas essas palavras, imagens, personagens e fatos. Leia novamente o texto procurando assimilar o que o mesmo quer dizer.

## **5º Momento: Reconstruir**

Após a segunda leitura do texto, procure o *reconstruir* mentalmente. Não faça nenhum tipo de interpretação, procure entender o próprio enredo histórico dos fatos. O que ele revela? O que narra? Quais são as palavras ou expressões que mais lhe chamaram a atenção? O que mais tocou você?

## 6º Momento: Refletir

Nesse momento, você é convidado a refletir esse texto e sua mensagem. Para tal, leia as palavras dos bispos reunidos no Sínodo sobre os/as jovens:

Jesus caminha com os dois discípulos que, incapazes de entender o sentido do que Lhe acontecera, se retiram de Jerusalém e da comunidade. Para estar em sua companhia, percorre o caminho com eles. Interroga-os e escuta com paciência a sua versão dos acontecimentos, para ajudá-los a reconhecer aquilo que estão a viver. Depois, com afeto e energia, anuncia-lhes a Palavra, levando-os a interpretar à luz das Escrituras os factos que viveram. Aceita o convite para ficar com eles ao anoitecer: entra na noite deles. Enquanto O escutam, os seus corações abrasam-se e as suas mentes iluminam-se; na fração do pão, abrem-se os seus olhos. São eles mesmos que decidem retomar sem demora o caminho na direção oposta, para regressar à comunidade e compartilhar a experiência do encontro com o Ressuscitado<sup>2</sup>.

## 7º Momento: Confrontar

Diante da leitura, releitura e reconstrução do texto, é necessário *confrontá-lo* com a sua vida. O que esse texto diz para mim hoje? Que novidades esse texto me mostra? Que pedidos explícitos ou implícitos se encontram no texto? Quais são os convites que o texto apresenta para minha vida e meu grupo de jovens? Percebo o Senhor caminhando comigo e com a juventude?

## 8º Momento: Apresentar

Após ter clareza do que o texto diz, você é convidado a *apresentar* ao bom Deus, suas preces, pedidos e agradecimentos. É importante dizer/partilhar/escrever os compromissos que

---

2 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 4.

desejo assumir para dar testemunho do Ressuscitado.

## 9º Momento: Contemplar

Após apresentar a Deus o que arde em seu coração, é tempo de *contemplar* a ação de Deus em sua vida e na história. Ser fiel... ser fiel sempre de novo aquilo que acredita... Como comunicar a Boa-Nova da Ressurreição aos/às jovens?

### Roteiro 1

#### Uma Igreja à escuta<sup>3</sup>

#### 1 Chegada – Mantra – Silêncio – Oração Pessoal

Bendito seja Deus. Ele escuta minha voz.

O Senhor é minha força, confia meu coração.

#### 2 Abertura

1 Vem, ó Deus da vida, vem nos ajudar! (bis).

Vem, não demores mais, vem nos libertar! (bis)

2 Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)

Glória à Trindade Santa, glória aos Deus bendito! (bis)

3 Aleluia, irmãos, aleluia, irmãos! (bis)

Com todo o Universo, a Deus louvação! (bis)

#### 3 Recordação da Vida

Entre os países e no interior de cada um deles, existem diferenças determinadas pela estrutura social e pelos recursos econômicos à disposição, que separam, por vezes de modo nítido, quantos tem

---

3 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 6-20.

acesso a uma quantidade crescente de oportunidades oferecidas pela globalização, daqueles que, ao contrário, vivem à margem da sociedade ou no mundo rural e sofrem os efeitos de certas formas de exclusão e descarte. Várias intervenções [no Sínodo] indicaram a necessidade de que a Igreja permaneça, corajosamente, ao lado destes últimos e participe na criação de alternativas que eliminem a exclusão e a marginalização, intensificando o acolhimento, o acompanhamento e a integração. Para isso, é necessário ter consciência da indiferença que marca a vida também de muitos cristãos, para superá-la com o aprofundamento da dimensão social da fé<sup>4</sup>.

Provocados por essas palavras do Sínodo da Juventude, somos convidados/as a refletir sobre nossa presença, apoio, aproximação e escuta dos/as jovens empobrecidos e vítimas da exclusão. Como temos avaliado essa atitude evangélica e, também, sinodal? Pensemos um pouco.

#### 4 Hino

O Senhor nos envia a percorrer todos os cantos do mundo, especialmente por nossa América Latina, e encontrarmo-nos com Ele e com a juventude, especialmente aquela mais empobrecidas.

##### **Pelos caminhos da América (3x) Latino-América!**

- 1 Pelos caminhos da América, há tanta dor, tanto pranto, nuvens, mistérios, e encantos, que envolvem nosso caminhar. Há cruces beirando a estrada, pedras manchadas de sangue, apontando como setas que a liberdade é pra lá!
- 2 Pelos caminhos da América, há monumentos sem rosto! Heróis pintados, mau gosto, livros de história sem cor, caveiras de ditadores, soldados tristes, calados, com olhos esbugalhados vendo avançar o amor!

---

4 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 12.



- 3 Pelos caminhos da América; há mães gritando qual loucas.  
Antes que fiquem tão roucas, digam aonde acharão seus  
filhos mortos, levados na noite da tirania! Mesmo que  
matem o dia, elas jamais calarão.
- 4 Pelos caminhos da América, no centro do Continente,  
marcham punhados de gente, com a vitória na mão! Nos  
mandam sonhos, cantigas, em nome da liberdade! Com o  
fuzil da verdade, combatem firme o dragão.
- 5 Pelos caminhos da América, bandeiras de um novo tempo  
vão semeando ao vento frases teimosas de Paz! Lá, na mais  
alta montanha, há um pau d'arco florido: um guerrilheiro  
querido que foi buscar o amanhã.

## 5 Salmo 61 (60)

Supliquemos juntos que o Senhor escute nosso grito feito  
prece.

- 1 Ó Deus escuta o meu grito, atende agora a minha prece,  
Do fim do mundo, um gemido meu coração desfalece.
- 2 Me hospedarei em Tua tenda, pois para mim és um abrigo,  
Onde sozinho não chego, defesa contra o inimigo.
- 3 Me hospedarei em Tua tenda, debaixo de tuas asas,  
Pois me atendeste a promessa e tua herança me passas!
- 4 Dias ao rei acrescenta, eterno é seu poder,  
Perto de Deus que lhe aumente a felicidade a valer.
- 5 Canto a teu nome este hino e vou cumprindo meus votos  
Ao Pai, ao Filho, ao Divino, este meu canto devoto.

## 6 Leitura Bíblica

**Aclamação:** Desça como a chuva a tua Palavra, que se espalhe como orvalho, como o chuvisco na relva, como o aguaceiro na grama. Amém! (Cf. Dt. 32,2).

**Leitura Bíblica:** Ex 3,1-8

## 7 Meditação / Silêncio

Quais realidades juvenis precisamos aproximar nosso olhar e nosso ouvido? Quais são os maiores gritos do nosso tempo?

## 8 Texto do documento final do Sínodo para reflexão

Na Igreja, não faltam iniciativas e experiências consolidadas, através das quais os jovens podem vivenciar a hospitalidade e a escuta, fazendo ouvir a sua voz. No entanto, o Sínodo reconhece que nem sempre a comunidade eclesial sabe tornar evidente a atitude que o Ressuscitado teve em relação aos discípulos de Emaús, quando, antes de os iluminar com a Palavra, lhes perguntou: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» (Lc 24,17). Às vezes predomina a tendência a oferecer respostas pré-fabricadas e receitas prontas, sem deixar sobressair as perguntas juvenis na sua novidade, nem entender a sua provocação. A escuta torna possível um intercâmbio de dons, num contexto de empatia. Permite que os jovens ofereçam a sua contribuição para a comunidade, ajudando-a a reconhecer novas sensibilidades e a formular perguntas inéditas. Ao mesmo tempo, estabelece as condições para um anúncio do Evangelho que alcance verdadeiramente, de modo incisivo e fecundo, o coração<sup>5</sup>.

Para dialogar: 1. Minha comunidade tem sido um espaço de escuta para os/as jovens? 2. Os/as jovens empobrecidos e marginalizados/as sentem-se acolhidos em

---

5 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 8.

nossa comunidade? 3. Como podemos melhorar?

## 9 Preces

Apresentemos nossas preces ao Deus da Vida que se coloca a caminhar conosco e a nos escutar.

### **Senhor, Deus da Vida, escutai nossa prece!**

1 - “A escuta é um encontro de liberdades, que exige humildade, paciência, disponibilidade para compreender, esforço por elaborar de maneira nova as respostas<sup>6</sup>.” Que o Senhor nos conceda a graça de saber escutar. Rezemos.

2 - “O Sínodo reconhece a necessidade de preparar consagrados e leigos, homens e mulheres, qualificados para o acompanhamento dos jovens<sup>7</sup>”. Te agradecemos, Senhor, o dom da vida de tantos/as homens e mulheres que doam suas vidas no acompanhamento dos/as jovens e Te pedimos que suscite mais esse ministério do acompanhamento. Rezemos.

3 - “Existe uma pluralidade de mundos juvenis<sup>8</sup>”. Que o Senhor nos dê a graça de ir ao encontro dos/as jovens em seus lugares de convívio, em seus “mundos”. Rezemos.

4 - Que o Senhor nos ajude a acolhermos e escutarmos os/as jovens, sobretudo, os/as mais necessitados de uma palavra de esperança. Rezemos.

*Preces espontâneas...*

## 10 Pai-Nosso

---

6 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 6.

7 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 9.

8 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 10.

## 11 Oração Final

Deus de amor, “abri os olhos do nosso coração às necessidades e sofrimentos dos irmãos; inspirai as nossas palavras e obras para confortarmos os que andam cansados e oprimidos; e ensinai-nos a servi-los de coração sincero, segundo o exemplo e o mandamento de Cristo. Fazei que a vossa Igreja seja o testemunho vivo da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que em todos os homens se renove a esperança do mundo novo<sup>9</sup>”. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

## 12 Saideira – Canta, Latino-América jovem!

Hino do II Congresso Latino Americano de Jovens -  
Márcio Camacho

- 1 Eu ouço vozes que brotam das entranhas deste continente jovem  
Cantando seus sonhos, sua luta, sua fé, sua vibração.  
Esse canto sai do chão, ultrapassa o mar, sobe a cordilheira.  
E a harmonia das vozes espalha esperança de vida no ar.  
**Em um canto que por sua força ecoa por todo o continente.**  
**Num canto que por sua força ecoará ara além do novo milênio.**  
**Hou, heeei, hou, hooou! Hooou! Canta, latino-América jovem!**
- 2 Com profetismo e alegria responde ao chamado do Deus da vida.  
Para lutar com coragem contra a injustiça e a exclusão.  
Diante de um mundo em mudanças, promovem o novo e são protagonistas.  
De iniciativas, de solidariedade e vida em comunhão.

---

9 Missal Romano, Oração Eucarística V-D.

## Roteiro 2

### Três pontos cruciais: o mundo digital, os/as migrantes e os abusos exercidos<sup>10</sup>

#### 1 **Chegada – Mantra – Silêncio – Oração Pessoal**

Confiemo-nos ao Senhor, Ele é justo e tão bondoso.

Confiemo-nos ao Senhor, aleluia.

#### 2 **Abertura**

1 Vem, ó Deus da vida, vem nos ajudar! (bis)

Vem, não demores mais, vem nos libertar! (bis)

2 Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)

Glória à Trindade Santa, glória aos Deus bendito! (bis)

3 Aleluia, irmãos, aleluia, irmãos! (bis)

Com todo o Universo, a Deus louvação! (bis)

#### 3 **Recordação da Vida**

O documento final do Sínodo dos Bispos sobre juventude, fé e discernimento vocacional, apresentou três pontos cruciais que tocam a realidade juvenil e da Igreja: o mundo digital, os/as migrantes e os abusos exercidos.

De maneira geral, como esses três pontos tocam a nossa realidade? Pensemos um pouco.

#### 4 **Hino**

Cantemos o pedido de que as realidades cotidianas e suas características, nos toquem e nos mobilizem na defesa da vida.

---

<sup>10</sup> Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 21-31.

**Eu só peço a Deus – Leon Gieco**

*Eu só peço a Deus, que a dor não me seja indiferente,  
que a morte não me encontre um dia solitário,  
sem ter feito o que eu queria (bis).*

- 1 Eu só peço a Deus, que a injustiça não me seja indiferente, pois não posso dar a outra face, se já fui machucado brutalmente. Eu só peço a Deus, que a guerra não me seja indiferente... um monstro grande, pisa forte, toda fome e inocência dessa gente (bis).
- 2 Eu só peço a Deus, que a mentira não me seja indiferente, Se um só traidor tem mais poder que um povo, que este povo não esqueça facilmente. Eu só peço a Deus, que o futuro não me seja indiferente, Sem ter que fugir desenganado, pra viver uma cultura diferente

**5 Salmo 51 (50)**

Perdoa-nos, Senhor, quando não conseguimos ler e perceber o contexto à nossa volta ou somos influenciados por leituras fundamentalistas e sem consistência.

**Senhor Deus, misericórdia!**

- 1 Misericórdia de mim, Deus de bondade, misericórdia por tua compaixão, vem, manifesta teu amor maternal, vem me liberta desta minha aflição. Reconheço o mal que me divide, contra ti, meu Senhor, eu me voltei, reconheço minha pobreza e meu limite, eu me esqueci do amor da tua Lei.
- 2 Bem sei da retidão dos teus mandados e da verdade que teu falar propõe, mas, te lembrás, todos nós somos gerados na injustiça e neste mundo de opressões. Que tu amas a verdade sei e sinto, e me ensinas o saber do coração. Vem me banhar com tua graça e serei limpo, mais puro que um capucho de algodão.

- 3 Faz-me escutar uma palavra de alegria e assim, contentes, vão dançar os ossos meus, toda culpa apagarás em pleno dia e os meus pecados vão sumir dos olhos teus. Cria em mim um coração que seja puro, na coragem e firmeza renovado na luz da tua presença mais seguro, que teu Espírito se mantenha do meu lado.
- 4 Que teu perdão me inunde de alegria e um espírito generoso me sustente, aos que se perdem, ensinarei as tuas vias, e para ti se voltarão todos contentes. Vem me livrar de toda morte violenta, e tua justiça, ó meu Senhor, irei gritando: abre meus lábios e esta boca bem atenta o teu louvor alegremente irá cantando.
- 5 Pois tu não queres sacrifício, nem oferta, meu sacrifício é meu espírito contrito. Um coração que arrependido se converta. Tu não desprezas, nem te vai despercebido! Derrama, enfim tuas graças em Sião, vem, reconstrói as ruínas do teu povo, aceitarás as oferendas e oblações, receberás em teu altar um culto novo.
- 6 Louvor a Ti, o universo te adora, tu és a paz, a vida plena e o perdão, do mundo inteiro, vem a prece que te implora, Ó vem depressa, dá-nos tua salvação.

## 6 Leitura Bíblica

**Aclamação:** Desça como a chuva a tua Palavra, que se espalhe como orvalho, como o chuvisco na relva, como o aguaceiro na grama. Amém! (Cf. Dt. 32,2).

**Leitura Bíblica:** Mc 6,30-34

## 7 Meditação / Silêncio

Jesus vê a multidão e tem compaixão. Jesus enxerga aquilo que afeta a vida do povo. Jesus percebe os “pontos cruciais” que marcam sua realidade e a realidade do povo de sua época. Quais

as grandes marcas de nosso tempo? Quais os pontos cruciais desse momento histórico e que afetam a vida da juventude?

## **8 Texto do documento final do Sínodo para reflexão**

### **Sobre juventude e o mundo digital...**

A web e as redes sociais constituem uma «praça» onde os jovens transcorrem muito tempo e se encontram facilmente, embora nem todos tenham igual acesso às mesmas, de modo particular em determinadas regiões do mundo. Contudo, elas constituem uma extraordinária oportunidade de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação e ao conhecimento. Além disso, o mundo digital é um âmbito de participação sociopolítica e de cidadania ativa, e pode facilitar a circulação duma informação independente, capaz de tutelar eficazmente as pessoas mais vulneráveis, revelando as violações dos seus direitos. Em muitos países, a web e as redes sociais já constituem um lugar indispensável para alcançar e envolver os jovens nas próprias iniciativas e atividades pastorais<sup>11</sup>.

Para dialogar: 1. Como os/as jovens de sua comunidade vivem nesse universo digital? 2. Como temos usado essa ferramenta gerando mais projetos de evangelização com a juventude?

### **Sobre as migrações...**

A nível mundial, os fenômenos migratórios representam um fenômeno estrutural, e não uma emergência transitória. As migrações podem verificar-se no interior do mesmo país, ou entre diferentes países. A preocupação da Igreja visa, de modo particular, aqueles que fogem da guerra, da violência, da perseguição política ou religiosa, dos desastres naturais devidos também às mudanças climáticas e da pobreza extrema: muitos deles são jovens. Em geral, partem em busca de oportunidades

---

<sup>11</sup> Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 22.



para si mesmos e para a sua família. Sonham com um futuro melhor, e desejam criar as condições para que isto se realize<sup>12</sup>. Outros migrantes partem atraídos pela cultura ocidental, às vezes alimentando expectativas irrealistas, que os expõem a grandes decepções. Traficantes sem escrúpulos, não raro ligados aos cartéis da droga e das armas, exploram a fragilidade dos migrantes, que, ao longo do seu percurso, muitas vezes encontram a violência, o tráfico de seres humanos, o abuso psicológico e mesmo físico, e tribulações indescritíveis. É preciso destacar a particular vulnerabilidade dos migrantes menores não acompanhados e a situação de quantos são forçados a passar longos anos nos campos de refugiados ou que permanecem bloqueados por muito tempo nos países de trânsito, sem poder dar continuidade ao curso de estudos, nem expressar os seus talentos. Em certos países de chegada, os fenômenos migratórios suscitam alarme e temores, muitas vezes fomentados e explorados para fins políticos. Propaga-se assim uma mentalidade xenófoba, de clausura e retraimento em si mesmos, à qual é necessário reagir com determinação<sup>13</sup>.

Para dialogar: 1. Em minha realidade de grupo, de comunidade e de bairro, sentimos a presença de migrantes? 2. Já foram feitas algumas atividades de acolhida e inserção?

### Sobre os abusos...

Os vários tipos de abuso cometidos por alguns bispos, sacerdotes, religiosos e leigos provocam nas suas vítimas, incluindo numerosos jovens, sofrimentos que podem durar a vida inteira e aos quais nenhum arrependimento é capaz de pôr remédio. Este fenômeno propagou-se na sociedade, atinge também a Igreja e representa um sério obstáculo para a sua missão. O Sínodo reitera o firme empenho na adoção de rigorosas medidas de prevenção que impeçam a sua repetição<sup>14</sup>.

12 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 25.

13 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 26.

14 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 29.

O Sínodo reconhece que enfrentar a questão dos abusos em todos os seus aspetos, inclusive com a ajuda preciosa dos jovens, pode ser verdadeiramente uma oportunidade para uma reforma de alcance histórico<sup>15</sup>.

Para dialogar: 1. Como nosso grupo pode ajudar nessa questão difícil dos abusos através de uma reflexão madura e sábia? 2. Como estarmos atentos a essa realidade?

## 9 Preces

Apresentemos nossas preces ao Deus da Vida que se coloca a caminhar conosco e a nos escutar.

**Senhor, Deus da Vida, escutai nossa prece!**

1 – “O próprio fato de englobar no seu interior todas estas diferentes perspectivas [sobre os migrantes] coloca a Igreja em condições de exercer, em relação à sociedade, um papel profético sobre o tema das migrações”<sup>16</sup>. Para que nossas comunidades sejam proféticas no cuidado com a vida de tantos/as migrantes. Rezemos.

2 – “Existem vários tipos de abuso: abusos de poder, econômicos, de consciência, sexuais. Torna-se evidente a tarefa de erradicar as formas de exercício da autoridade nas quais se entroncam aqueles”<sup>17</sup>. Concede-nos Senhor a graça de lutar contra todo tipo de abuso e violência. Rezemos.

3 – “A misericórdia exige a justiça”<sup>18</sup>. Ajuda-nos Senhor a construir uma sociedade de misericórdia e justiça, para que a vida seja plena, abundante e feliz para todos e todas. Rezemos.

*Preces espontâneas...*

---

15 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 31.

16 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 28.

17 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 30.

18 Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 31.

## 10 Pai-Nosso

## 11 Oração Final

Deus de amor, “ofereceis ao vosso povo um tempo de reconciliação e de graça, para que, dóceis à ação do Espírito Santo, a Vós se converta de coração sincero, a fim de viver a vida nova em Cristo e dedicar-se ao serviço dos irmãos”<sup>19</sup>, cuidando de modo especial dos/as migrantes e das vítimas de qualquer tipo de abuso e violência. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

## 12 Saideira: Dias Melhores – Jota Quest

Vivemos esperando  
Dias melhores  
Dias de paz, dias a mais  
Dias que não deixaremos para trás  
Vivemos esperando  
O dia em que seremos melhores  
Melhores no amor, melhores na dor  
Melhores em tudo.

---

19 Missa Romano, Oração Eucarística da Reconciliação I.



Exortação Apostólica  
**CHRISTUS VIVIT**

**ROTEIROS PARA OS GRUPOS DE JOVENS<sup>1</sup>**

Amados/as jovens e assessores/as!

O Papa Francisco nos presenteou com a Exortação Apostólica “CHRISTUS VIVIT”. Trata-se de uma carta dirigida especialmente aos/às jovens e que dialoga com nossas vidas, além de dar orientações e luzes para a missão da Igreja no mundo juvenil. É um documento essencial e fundamental para nossa missão com os/as jovens. Precisamos conhecer, ler, rezar, estudar e tornar vida àquilo que o Papa nos escreve.

É nesse desejo que apresentamos a vocês esse material para os grupos de jovens. Trata-se de um conjunto de nove roteiros de encontro que podemos realizar em nossos grupos de jovens, a partir das provocações que o Papa Francisco nos fez.

A Pastoral da Juventude está no caminho para a grande festa jubilar de seus 50 anos de missão junto aos/às jovens e se alegra pelas palavras e orientações do Papa à juventude.

A Exortação Apostólica “CHRISTUS VIVIT” é um presente que toda a juventude, cristã ou não, recebe. E como tal, a Pastoral da Juventude quer tornar conhecida, assumida e vivida com seus apelos e orientações.

---

1 O presente artigo contém a apresentação e dois encontros para ser realizado pelos jovens a partir da Exortação Apostólica do Papa Francisco *Christus Vivit* (CV). A elaboração dos encontros é de autoria dos jovens Pe. Maicon Malacarne, assessor nacional da Pastoral da Juventude, coordenador diocesano de Pastoral da Diocese de Erechim, especializado em Juventudes no Mundo Contemporâneo, pela Faje; Luís Duarte Vieira é mestrando profissional em Ensino de Ciências e Matemática pela UPF - Universidade de Passo Fundo e assessor nacional da Pastoral da Juventude). Todos os roteiros podem ser acessados no endereço eletrônico: <http://www.pj.org.br/roteiros-cristo-vive/> e também em <https://drive.google.com/file/d/1zwwTAvPu3o36nX9oYH0PG8OjksT1Sz9/view>

Reunamos nossos grupos de jovens e vamos juntos/as compreender melhor aquilo que o Papa Francisco nos escreveu, sobretudo nesse caminho para a grande celebração do jubileu da PJ.

Que a memória dos mártires e das mártires da caminhada, de modo especial o testemunho do Pe. Gisley, inspire nossa doação pela vida dos/as jovens. Que Deus nos abençoe!

Luis Duarte Vieira e Pe. Maicon André Malacarne.

## 1º Encontro

### O que diz a Palavra de Deus sobre os Jovens?

**Objetivo:** Conhecer alguns rostos juvenis presentes na Palavra de Deus.

**Ambiente:** Organizar a sala em círculo. No centro da sala colocar a Bíblia e outros símbolos conforme a realidade.

#### 1 Acolhida

Acolher os/as jovens presentes no encontro e juntos cantar a música “**Deixa-me ser jovem**”.

- 1 Deixa-me ser jovem, não me impeça de lutar,  
pois a vida nos convida a uma missão realizar.
- 2 Deixa-me ser jovem, ser livre pra sonhar,  
não reprima, não reprove o meu jeito de amar.
- 3 Fazer também a história e não ser ignorado,  
preservar os meus valores e não ser massificado.
- 4 Muitos jovens sem saber esbanjaram sua idade,  
alterados se entregaram aos dragões da sociedade.

- 5 Não me sinto revoltado, mas quero me explicar,  
de tanto ser explorado eu me pus a protestar.
- 6 Não nasci para servir como peça de engrenagem,  
nem ser coisa que se vende ou se compre por vantagem.
- 7 Quero ser considerado como ser filho de Deus,  
realizar os meus anseios cada vez sendo mais eu.

## 2 Olhando para a realidade – Provoações da Exortação

O Papa Francisco na Exortação Apostólica CHRISTUS VIVIT nos faz um convite: “*vamos respigar alguns tesouros da Sagrada Escritura, onde várias vezes se fala de jovens e do modo como o Senhor vai ao seu encontro*”<sup>2</sup>. Para iniciar nosso encontro, somos convidados/as a partilhar os saberes que temos. Lembramos de alguns jovens da Bíblia? Quem são elas e eles? Quais suas histórias? Como o Senhor vai a encontro dos/as jovens?

## 3 Técnica/exercício

Nesse momento o grupo é convidado a conhecer alguns dos/as jovens que aparecem na Bíblia. Para tal, alguns jovens receberão uma tarjeta de papel contendo a história de um/a jovem. Os jovens apresentados abaixo são os mesmos que o Papa Francisco cita na Exortação.

Cada jovem lerá a história que recebeu e depois disso apresentará os mesmos para os demais do grupo.

**José:** “*Numa época em que os jovens contavam pouco, alguns textos mostram que Deus vê com olhos diferentes. Por exemplo, vemos José que era quase o mais novo da família (cf. Gn 37,2-3) e, todavia, Deus comunicou-lhe em sonho coisas grandes e superou*

---

2 CV 5.

*todos os seus irmãos em cargos importantes quando tinha cerca de vinte anos (cf. Gn 37-47)*<sup>3</sup>.

**Gedeão:** “*Em Gedeão, reconhecemos a sinceridade dos jovens, que não costumam dulcificar a realidade. Quando lhe foi dito que o Senhor estava com ele, retorquiu: «Se o Senhor está conosco, então porque é que nos aconteceu tudo isto?» (Jz 6,13). Mas Deus não se aborreceu com esta censura e redobrou a aposta nele: «Vai com toda a tua força, e salva Israel» (Jz 6,14)*”<sup>4</sup>.

**Samuel:** “*Samuel era um adolescente inseguro, mas o Senhor comunicava com ele. Graças ao conselho dum adulto, abriu o seu coração para escutar a chamada de Deus: «Fala, Senhor; o teu servo escuta» (1Sm 3,9-10). Por isso, foi um grande profeta que interveio em momentos importantes da sua pátria. O rei Saul também era um jovem, quando o Senhor o chamou para cumprir a sua missão (cf. 1Sm 9,2)*”<sup>5</sup>.

**Davi:** “*Quando o rei David foi escolhido, era ainda rapaz. O profeta Samuel andava à procura do futuro rei de Israel, e um homem apresentou-lhe, como candidatos, os seus filhos mais velhos e mais experientes. Mas o profeta disse que o escolhido era David, o rapaz que cuidava das ovelhas (cf. 1 Sm 16,6-13), porque «o homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração» (16,7). A glória da juventude está mais no coração do que na força física ou na impressão que provoca nos outros*”<sup>6</sup>.

**Salomão:** “*Salomão, quando teve de suceder a seu pai, sentiu-se perdido e disse a Deus: «Eu não passo de um jovem inexperiente que não sabe ainda como governar» (1Re 3,7). No entanto, a audácia da juventude impeliu-o a pedir a Deus a sabedoria e entregou-se à sua missão. Algo parecido aconteceu com o profeta Jeremias, chamado a despertar o seu povo quando era ainda muito jovem. Temeroso, disse: «Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, pois ainda sou um jovem» (Jr 1,6).*

---

3 CV 6.

4 CV 7.

5 CV 8.

6 CV 9.



*Mas o Senhor pediu-lhe para não falar assim (cfe. Jr 1,7), acrescentando: «Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar» (Jr 1,8). A entrega do profeta Jeremias à sua missão mostra o que é possível fazer-se, se se unem o frescor da juventude e a força de Deus.»<sup>7</sup>*

**Naaman:** *“Uma donzela judia, que estava ao serviço do militar estrangeiro Naaman interveio com fé para o ajudar a curar da sua doença (cf. 2Re 5,2-6)”<sup>8</sup>.*

**Rute:** *“A jovem Rute foi um exemplo de generosidade ao ficar na companhia da sua sogra, que acabara viúva e só (cf. Rt 1,118), e mostrou também a sua audácia para triunfar na vida (cf. Rt 4,1-17)”<sup>9</sup>.*

**O jovem na parábola do Pai Misericordioso:** *“Conta uma parábola de Jesus (cf. Lc 15,11-33) que o filho «mais jovem» quis partir da casa paterna para um país distante (cf. 15,12-13). Mas, os seus sonhos de autonomia transformaram-se em libertinagem e devassidão (cf. 15,13), e provou a dureza da solidão e da pobreza (cf. 15,14-16). Todavia, foi capaz de reconsiderar e começar de novo (cf. 15,17-19): decidiu levantar-se (cf. 15,20). É típico do coração jovem estar disposto a mudar, ser capaz de levantar-se e deixar-se instruir pela vida. Como não acompanhar o filho nesta nova tentativa? Mas o irmão mais velho já tinha o coração envelhecido e deixou-se possuir pela ganância, o egoísmo e a inveja (cf. 15,28-30). Jesus louva mais o jovem pecador que retoma o bom caminho do que aquele que se julga fiel, mas não vive o espírito do amor e da misericórdia”<sup>10</sup>.*

**As jovens na parábola das jovens prudentes:** *“O Evangelho fala-nos também dalgumas jovens prudentes que estavam prontas e vigilantes, enquanto outras viviam distraídas e adormentadas (cf. Mt 25,1-13). Com efeito, é possível transcórrer a própria juventude distraído, planando à superfície da vida, dormindo, incapaz de*

---

7 CV 10.

8 CV 11.

9 CV 11.

10 CV 12.

*cultivar relações profundas e entrar no coração da vida; deste modo, porém, prepara-se um futuro pobre, sem substância. Ou, pelo contrário, pode-se gastar a juventude cultivando coisas nobres e grandes e, assim, preparar um futuro cheio de vida e riqueza interior”<sup>11</sup>.*

#### 4 Iluminando com a Palavra de Deus

**Aclamação:** Que arda como brasa, tua palavra nos renove, esta chama que a boca proclama (Cf. Is 6).

**Leitura Bíblica:** Mt 19, 16-22

**Silêncio.**

#### 5 Iluminando com as palavras do Papa Francisco na Exortação

Na passagem (...) do Evangelho de Mateus, aparece um jovem (cf. Mt 19,20,22) que se aproxima de Jesus desejoso de mais (cf. 19,20), com aquele espírito aberto típico dos jovens, que busca novos horizontes e grandes desafios. Na realidade, o seu espírito já não era assim tão jovem, porque se apegara às riquezas e comodidades. Com a boca, dizia querer algo mais, mas, quando Jesus lhe pede para ser generoso e distribuir os seus bens, deu-se conta de que não era capaz de desprender-se do que possuía. «Ao ouvir isto, o jovem retirou-se contristado» (19,22). Renunciara à sua juventude<sup>12</sup>.

Para dialogar: 1. Como temos vivido nossa juventude? 2. Percebemos em nós esse espírito aberto e que busca novos horizontes? 3. Como não renunciar à nossa juventude?

---

11 CV 19.

12 CV 18.

## 6 Compromisso do Grupo

Como compromisso para o grupo de jovens, sugerimos a leitura da Palavra de Deus diariamente. É o convite para ter a vida pautada na Palavra. Nessa direção, o grupo poderia escolher uma passagem bíblica, ou um livro bíblico, para ser lida, rezada e meditada durante a semana por todos/as os/s participantes do grupo.

## 7 Oração Final – Oração do III Congresso Latino-Americano de Jovens

Senhor, Deus, Pai de bondade e Mãe de ternura, que nos faz conhecer a libertação através de teu Filho Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, envia-nos teu Espírito Santo para nos fortalecer e encorajar a assumir a opção preferencial pelos pobres e os jovens em nossa Igreja Latino-Americana.

Faz florescer em nosso jovem coração um verdadeiro desejo de seguir e imitar Jesus Cristo, a partir do encontro pessoal com Ele, para sermos protagonistas da evangelização de tantos outros jovens.

Ajuda-nos e ilumina-nos para sermos sentinelas do amanhã comprometidos com a transformação de nosso continente, à luz de teu plano, para que nossos povos tenham vida em abundância.

Pela intercessão de nossa Mãe morena, Virgem de Guadalupe, que nestas terras da América Latina acolhe nossas juventudes nas dobras de seu manto, conceda-nos, oh! Deus, a graça de construir um projeto de vida de discipulado missionário para que todos conheçam o rosto jovem de Cristo e desfrutem da tão sonhada Civilização do Amor. Amém!

## 8 Saideira: Esperança jovem – Zé Vicente

- 1 A juventude unida clamando noite e dia  
Com gritos de esperança e de paz.  
**Laiá, laiá, laiá, laiá. Laiá, laiá, laiá, laiá**
- 3 Estamos pelas praças e somos milhões  
Nos campos nas favelas somos multidões.  
Perdidos procuramos um caminho.  
Ninguém vai ser feliz se andar sozinho.
- 3 A fome entre os dentes e a morte no chão.  
Fizeram do prazer a maldição. Nas mãos  
dos opressores nós morremos. Ser livres  
nós queremos e seremos.
- 4 A flor da liberdade em nosso olhar. Paixão  
ternura e sonho em nosso ar. De olho no  
futuro, nós estamos é a vida que amamos e  
buscamos.
- 5 É esta a nossa hora e o tempo é pra nós.  
Que chegue em todo o canto a nossa voz  
Miremos bem no espelho da memória.  
Faremos jovem e linda nossa história.

## 2º Encontro

### Jesus Cristo sempre Jovem

**Objetivo da reunião:** Refletir sobre a juventude de Jesus Cristo.

**Ambiente e materiais:** Organizar a sala em círculo. No centro da sala colocar a Bíblia, uma Cruz e várias imagens do rosto de Jesus.

#### 1 Acolhida

Na alegria da presença de cada um/a e da caminhada do nosso grupo, queremos cantar a história e a presença de Jesus, um certo Galileu.

#### Um certo galileu – Pe. Zezinho

1 Um certo dia a beira-mar apareceu um jovem galileu.

Ninguém podia imaginar que alguém pudesse amar do jeito que ele amava.

Seu jeito simples de conversar tocava o coração de quem o escutava.

*E seu nome era Jesus de Nazaré sua fama se espalhou e todos vinham ver o fenômeno do jovem pregador que tinha tanto amor.*

2 Naquelas praias naquele mar naquele rio em casa do Zaqueu.

Naquela estrada naquele sol e o povo a escutar histórias tão bonitas.

Seu jeito amigo de se expressar enchia o coração de paz tão infinita.

Naquelas ruas naquele chão naquele poço em casa do Simão.

Naquela relva no entardecer o mundo viu nascer a paz de uma esperança.

Seu jeito puro de perdoar fazia o coração voltar a ser criança.

- 3 Um certo dia ao tribunal alguém levou o jovem galileu.  
Ninguém sabia qual foi o mal e o crime que ele fez quais foram seus pecados.  
Seu jeito honesto de denunciar mexeu na posição de alguns privilegiados.  
E mataram a Jesus de Nazaré e no meio de ladrões puseram sua cruz.  
Mas o mundo ainda tem medo de Jesus que tinha tanto amor.
- 4 Vitorioso, Ressuscitou. E após três dias a vida ele voltou.  
Ressuscitado, não morre mais e está junto do Pai pois Ele é o Filho eterno.  
Mas Ele vive em cada lar e onde se encontrar um coração fraterno.  
Proclamamos que Jesus de Nazaré, glorioso e triunfante Deus conosco está.  
Ele é o Cristo é a razão da nossa fé e um dia voltará.

## 2 Memória do compromisso do grupo

Nesse momento, o coordenador do grupo retoma o compromisso assumido no encontro anterior e o grupo pode partilhar. Conseguimos ler, meditar e rezar a passagem bíblica escolhida? Como foi viver esse compromisso?

## 3 Olhando para a realidade – Provocações da Exortação

O Papa Francisco na Exortação Apostólica CHRISTUS VIVIT afirma: *“Jesus é «jovem entre os jovens, para ser o exemplo dos jovens e consagrá-los ao Senhor». Por isso, o Sínodo disse que «a juventude é um período original e estimulante da vida, que o próprio Jesus viveu, santificando-a»*<sup>13</sup>. O Papa ainda recorda que *“Não é de longe nem de fora que Jesus vos ilumina, a vós jovens, mas a*

<sup>13</sup> CV 22.

*partir da própria juventude que partilha convosco. É muito importante contemplar o Jesus jovem que os Evangelhos nos mostram*”<sup>14</sup>. E o que nós sabemos sobre a juventude de Jesus?

#### 4 Técnica/exercício

Dar tarjetas de papel para os jovens presentes. Nessas tarjetas os jovens irão escrever as informações que possuem sobre a juventude de Jesus. Podem ser coisas soltas.

Depois de terem escrito as tarjetas são colocadas no centro da sala. O coordenador motiva que os jovens possam ler tudo que foi escrito.

Em seguida, motiva-se um diálogo sobre os saberes partilhados.

Concluindo o diálogo pedir que um jovem leia as seguintes palavras do Papa Francisco na Exortação: *“Podemos afirmar que Jesus, na sua fase juvenil, foi-Se «formando», foi-Se preparando para realizar o projeto que o Pai tinha. A sua adolescência e juventude orientaram-No para esta missão suprema”*<sup>15</sup>.

*“Na adolescência e juventude, a sua relação com o Pai era a do Filho muito amado; atraído pelo Pai, crescia ocupando-Se das coisas d’Ele: «Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?» (Lc 2,49). Mas, não devemos pensar que Jesus fosse um adolescente solitário ou um jovem fechado em si mesmo. A sua relação com as pessoas era a dum jovem que compartilhava a vida inteira numa família bem integrada na aldeia. Aprendera o ofício do pai e, depois, substituiu-o como carpinteiro. Por isso no Evangelho, uma vez, é chamado «o filho do carpinteiro» (Mt 13,55) e, outra, simplesmente «o carpinteiro» (Mc 6,3). Este detalhe mostra que era um rapaz da aldeia como os outros, relacionando-Se com toda a normalidade. Ninguém O considerava um jovem estranho ou separado dos outros. Por isso mesmo, quando Jesus começou a pregar, as pessoas não*

14 CV 31.

15 CV 27.

*sabiam explicar donde Lhe vinha aquela sabedoria: «Não é este o filho de José?» (Lc 4,22)»<sup>16</sup>.*

*“A verdade é que «Jesus também não cresceu numa relação fechada e exclusiva com Maria e José, mas de bom grado movia-Se na família alargada, onde encontrava os parentes e os amigos». Assim se compreende que, ao regressar da peregrinação a Jerusalém, os pais estivessem tranquilos pensando que aquele adolescente de doze anos (cf. Lc 2,42) Se movia livremente entre as pessoas a ponto de não O verem durante um dia inteiro: «pensando que Ele Se encontrava na caravana, fizeram um dia de viagem» (Lc 2,44). Com certeza - supunham eles -, Jesus estaria lá indo e vindo entre os demais, brincando com os da sua idade, ouvindo as histórias dos adultos e compartilhando as alegrias e tristezas da caravana. Para expressar a «caravana» de peregrinos, Lucas usou o termo grego *synodía*, que indica precisamente esta «comunidade em caminho», na qual se integrou a sagrada Família. Graças à confiança que n’Ele depositam seus pais, Jesus move-Se livremente e aprende a caminhar com todos os outros”<sup>17</sup>.*

## 5 Iluminando com a Palavra de Deus

**Aclamação:** Que arda como brasa, tua palavra nos renove, esta chama que a boca proclama (Cf. Is 6).

**Leitura Bíblica:** Mt 3,13-17

**Silêncio.**

## 6 Iluminando com as palavras do Papa Francisco na Exortação

As primeiras imagens de Jesus, jovem adulto, são as que no-Lo apresentam na multidão ao pé do rio Jordão, para ser batizado pelo primo João Batista, como qualquer um do seu povo (cf. Mt 3, 13-17)<sup>18</sup>.

---

16 CV 28.

17 CV 29.

18 CV 24.



Aquele batismo não era como o nosso, que nos introduz na vida da graça, mas foi uma consagração antes de começar a grande missão da sua vida. O Evangelho diz que o seu batismo foi motivo de júbilo e comprazimento do Pai: «Tu és o meu Filho muito amado» (Lc 3,22). Imediatamente Jesus apareceu cheio do Espírito Santo e foi levado pelo Espírito ao deserto. Assim, estava pronto para ir pregar e fazer prodígios, libertar e curar (cf. Lc 4,1-14). Cada jovem, quando se sente chamado a cumprir uma missão nesta terra, é convidado a reconhecer dentro de si as mesmas palavras que Deus Pai dissera a Jesus: «Tu és o meu filho muito amado»<sup>19</sup>.

Para dialogar: 1. Tenho clareza de minha missão? 2. Reconheço que sou um Filho muito amado por Deus?

## 7 Compromisso do grupo

*“A Igreja de Cristo pode sempre cair na tentação de perder o entusiasmo, porque deixa de escutar o apelo do Senhor ao risco da fé, a dar tudo sem medir os perigos, e volta a procurar falsas seguranças mundanas. São precisamente os jovens que a podem ajudar a permanecer jovem, não cair na corrupção, não parar, não se orgulhar, não se transformar numa seita, ser mais pobre e testemunhal, estar perto dos últimos e descartados, lutar pela justiça, deixar-se interpelar com humildade. Os jovens podem conferir à Igreja a beleza da juventude, quando estimulam a capacidade «de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas»”<sup>20</sup>.*

Provocados por essas Palavras do papa Francisco o grupo é convidado a assumir o compromisso de visitar uma realidade empobrecida na região de sua comunidade. Desafiamos o grupo a estar com essas pessoas necessitadas sempre de nossa presença. Neles reconhecemos a presença de Jesus.

---

19 CV 25.

20 CV 37.

## 8 Oração Final

Cristo, brilhante estrela da manhã (Ap 22,16), grande luz de esperança e guia da nossa noite, acende estrelas para nós, a fim de podermos continuar a caminhar e ajuda-nos a acender estrelas na noite doutros jovens<sup>21</sup>. Isso te pedimos por intercessão de Maria<sup>22</sup>, São Francisco de Assis, Santa Joana d'Arc, Beato André Phû Yên, Santa Catarina Tekakwitha, São Domingos Sávio, Santa Teresa do Menino Jesus, Beato Zeferino Namuncurá, Beato Isidoro Bakanja, Beato Pier Jorge Frassati, Beato Marcelo Callo, Beata Clara Badano e de todos os/as jovens que, frequentemente no silêncio e anonimato, viveram a fundo o Evangelho<sup>23</sup>. Amém!

## 9 Saideira: TEU PROCEDER – Francys Adão SJ<sup>24</sup>

- 1 Jesus, ao contemplar tua vida  
me deixo interpelar pelo teu jeito de ser  
Teu trato com as pessoas me fascina / teu jeito de amar me faz amar  
Teu toque é como água cristalina / sacia minha sede e faz andar  
**Jesus, teu jeito seja o meu jeito**  
**eu quero ser bem mais do que já sou**  
**Jesus, teu jeito seja o meu jeito**  
**ensina-me a ser tão bom**
- 2 Jesus me faz sentir com teu sentimento  
pensar teu pensamento e agir com tua ação  
doar a minha vida pelo reino / aceitar a dor e até a cruz  
amar a cada um como um amigo / levar a todo povo tua luz

---

21 Adaptação da CV 33.

22 CV 43-48.

23 Os nomes apresentados aqui na oração são os/as Santos/as jovens apresentados/as pelo Papa na Exortação Apostólica CHRISTUS VIVIT, nos números 49 a 63.

24 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tQ33G0ijur0>

- 3 Jesus, eu quero ser compassivo com os que sofrem  
levar tua justiça confirmando minha fé  
que eu tenha uma perfeita harmonia / entre a doutrina e o viver  
meus olhos sejam fonte de alegria / assim como os teus puderam ser
- 4 Quisera conhecer assim como és  
tua imagem sobre mim é o que me transformará  
faz com que eu siga teu exemplo / de amor ao Pai e aos irmãos  
construa contigo o teu Reino / ajude em nossa redenção



## DOM HELDER EM PUEBLA:

garantir a autêntica tradição profético-espiritual latino-americana

*Pe. Ivanir Antonio Rampon\**

*A Igreja de Cristo que se acha na América Latina, ao tentar aplicar ao nosso Continente as conclusões do abençoado Concílio Ecumênico Vaticano II, adotou claros e indiscutíveis compromissos em assumir a defesa dos Pobres. E em Medellín, e em Puebla, a Igreja não fala apenas em termos de ajudas, mas em termos de mudança pacífica, mas decidida e corajosa das estruturas injustas que esmagam mais de 2/3 do Continente, como esmagam mais de 2/3 da Humanidade.*

Dom Helder Camara

*A denúncia profética da Igreja e seus compromissos concretos com o pobre causaram-lhe, em não poucos casos, perseguições e vexames de vários tipos: os próprios pobres têm sido as primeiras vítimas de tais vexames.*

Puebla 1137ss

O objetivo deste escrito é fazer uma breve narração-comentada da participação do Servo de Deus e dos Pobres, Dom Helder Camara, em Puebla. Para tal, utilizo-me de textos já escritos e depoimentos orais, inclusive de pessoas que estiveram envolvidos na preparação, efetivação e conclusão do evento. A partir da participação helderiana em Puebla extraímos ensinamentos espirituais atuais para a nossa vida de agentes de pastoral, para a atuação das comunidades eclesiais e para promover uma sociedade justa e fraterna<sup>1</sup>.

\* Doctorem in Sacra Theologia cum specializatione in Spiritualitate, Pontificia Universitas Gregoriana, Roma. Mestre em Teologia, Faculdade Jesuita de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG. Graduado em Teologia pela Itepa Faculdades. Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo, RS. Leciona Fundamentos de Espiritualidade; Teologia da Espiritualidade; Teologia da Graça.

1 Este texto é uma reelaboração das páginas 463-472 do livro *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*.

## 1 Puebla – para comemorar a importância de Medellín

No final da década de 40, como Assistente Eclesiástico da Ação Católica Brasileira, o Pe. Helder Camara – juntamente com os jovens da Ação Católica Operária (ACO) – percebia que a missão da Igreja, no Brasil, estava bastante fragmentada. Ele sonhava com a Igreja mais unida e comprometida com a busca da resolução dos problemas sociais seculares do Brasil, como por exemplo, a desigualdade social, a injusta distribuição da terra e a pobreza. Ele ia mais longe, e almejava uma maior unidade, em vista da missão, de toda a Igreja no continente latino-americano. Porém, devido às distâncias e as dificuldades de transportes e de recursos econômicos, mas também por causa de concepções eclesiológicas um tanto monárquicas, cada bispo atuava na sua diocese, em relação direta com Roma. Dom Helder sonhava com a colegialidade episcopal, sob a presidência do Papa, princípio, garantidor e fecho da unidade.

Em 1950, quando Monsenhor Helder participou do Congresso Mundial para o Apostolado Leigo em Roma, marcou uma conversa com o subsecretário de Pio XII, Pe. João Batista Maria Montini e lhe apresentou dezoito teses para a ação pastoral da Igreja no Brasil. Ao final das teses, escrevia que elas seriam impraticáveis sem uma conferência nacional de bispos. Helder e Montini logo se entenderam... Montini se comprometeu em trabalhar para que isto tudo se efetivasse. Deste o primeiro encontro, entre eles nasceu uma amizade espiritual que produziu e continua produzindo muitos frutos na Igreja<sup>2</sup>. De fato, logo depois, o Monsenhor Helder contou, inclusive, com o apoio de Pio XII, e a conferência foi criada em 1952, sendo Dom Helder Camara seu primeiro secretário nacional. Pouco antes da fundação da CNBB, o Venerável Pio

---

2 Ivanir Antonio RAMPON, *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*; Ivanir Antonio RAMPON, “São Paulo VI: breve biografia do Papa que tinha particular sensibilidade para com o América Latina”, *Bertheriano* 120 (2018) 22-24.

XII escolheu Helder para o Episcopado, nomeando-o Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro.

Em 1954, atendendo ao pedido de Dom Helder, de outros bispos e, também devido à experiência positiva da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Montini pediu que como fruto maduro do 37º Congresso Eucarístico Nacional que aconteceria, em 1955, no Rio de Janeiro, fosse criada a Conferência Episcopal Latino-Americana. A 1ª Assembleia do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) aconteceu de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, no Rio de Janeiro. Por ocasião do Vaticano II, convocado por São João XXIII, a América Latina era o único continente que contava com uma conferência episcopal. No Concílio, a ideia de Dom Helder e dos jovens da ACO, ou seja, a colegialidade episcopal, tornou-se uma doutrina aprovada pelo Concílio reunido em torno do Papa, sob a inspiração do Espírito Santo. E o Papa era Montini, agora, Paulo VI!

A 2ª Assembleia do Celam também foi um pedido de Dom Helder Camara ao seu amigo o Papa Paulo VI. A Conferência aconteceu na cidade de Medellín, Colômbia, de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968 e o seu objetivo foi o de “aplicar o Vaticano II” na realidade latino-americana. A abertura da Conferência foi efetivada pelo próprio Paulo VI, ocasião em que pela primeira vez um Papa pisava em solo latino-americano.

Na Assembleia de Medellín, tendo presente as orientações do Vaticano II, os Bispos partiram dos “sinais dos tempos”. Deste modo, o tema básico foi a pobreza. Medellín, sem medo, usou a palavra “justiça”, tão cara para Dom Helder. Ora, quem usava esse termo, geralmente, era tachado de extremista e comunista. Mas os Bispos foram mais longe e usaram a palavra “libertação”.

Segundo o Cardeal Dom Aloisio Lorscheider, de saudosa

memória, a palavra chave de Medellín foi “libertação”. Na Conferência, a teologia do desenvolvimento e da promoção humana cedeu lugar à teologia e pastoral da libertação. Descobriu-se o *submundo dos pobres*, dos países pobres, que é a maioria da humanidade, e pobres devido à situação de dependência opressora, geradora de injustiças. Impõem-se, com a conversão das estruturas internas humanas, as mudanças estruturais da sociedade<sup>3</sup>.

A palavra “libertação” – e com ela o Documento de Medellín – provocou uma reação de horror em certos ambientes políticos e eclesiais, ligados ao integralismo, ao autoritarismo das ditaduras e ao imperialismo dos Estados Unidos. Por outro lado, a recepção de Medellín foi muito positiva nos ambientes pastorais comprometidos com a transformação social, possibilitando uma releitura da História da Igreja no continente e criando esperanças de um futuro de justiça, libertação e paz<sup>4</sup>. Em seu pastoreio na Arquidiocese de Olinda e Recife e em suas peregrinações pelo mundo pregando a violência dos pacíficos, Dom Helder embasava-se, constantemente, no Vaticano II e em Medellín. Até morrer, o Servo de Deus e dos Pobres, quis “salvar Medellín”.

São Paulo VI apoiou e incentivou a aplicação de Medellín. Neste sentido, ele queria que houvesse uma grande comemoração em todo o Continente por ocasião do décimo aniversário. E dentro desta celebração, acontecer a 3ª Assembleia do Celam. A mesma deveria realizar-se em 1978, na cidade de Puebla, México. Porém, antes do evento, São Paulo VI veio a falecer. Foi eleito como seu sucessor, o Venerável João Paulo I. Mas este, depois de 33 dias de pontificado, também faleceu. Devido a estes acontecimentos, o novo Papa, São João Paulo II, resolveu adiar o evento para 1979.

3 Aloísio LORSCHIEDER, “Conferências-Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Subsídio preparatório à V Conferência do Episcopado Latino-americano”, in *DOCUMENTOS DO CELAM*, 7-13.

4 Ivanir Antonio RAMPON, O caminho espiritual de Dom Helder Camara, p. 459-463.



## 2 Puebla – evidencia conflitos e alianças da e na Igreja

A 3ª Assembleia do Celam aconteceu em Puebla, de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. O Servo de Deus Dom Helder, um dos representantes do Episcopado brasileiro, estava entre os mais venerados participantes do evento<sup>5</sup>.

Diferente da Assembleia de Medellín, em Puebla havia algo estranho, um desconforto, um constante clima de tensão: de um lado forças que queriam corrigir a chamada “leitura marxista de Medellín” e, de outro, a comoção popular das comunidades, pastorais, teólogos e bispos que queriam impedir “a estratégia dos poderosos de desfazer Medellín”. Como descreveremos, a participação de Dom Helder foi de fundamental importância no sentido de garantir a autêntica tradição profético-espiritual latino-americana, ou seja, aprofundar Medellín em Puebla<sup>6</sup>.

A grande tensão existente se dava porque grupos conservadores tentavam boicotar o processo pastoral desencadeado, principalmente, com Medellín. É que, entre 1968-1979, setores significativos da Igreja na América Latina tomaram posição, comprometendo-se profeticamente, ao lado do povo<sup>7</sup>. Este compromisso questionou a função alienante que a Igreja desempenhou diante da injustiça social<sup>8</sup>, ou seja, mostrou que, presa ao poder, muitas vezes, a hierarquia deu legitimação religiosa aos opressores, aos ricos, tranquilizando as suas consciências no apelo às obras caritativas.

Estes setores também evidenciaram que houve e que havia guias espirituais, como Dom Helder, que ofereciam aos pobres

---

5 Dom Orlando DOTTI, Conversa com o Grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Camara, 10.12.2018.

6 Nelson PILETTI – Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 432-433.

7 Ronaldo MUÑOZ, *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*, p. 92-93.96.

8 Cleto CALIMANN, “A identidade histórica da Igreja no Brasil nos últimos 20 anos”, in *ESTUDOS DA CNBB, Leigos e participação na Igreja*, p. 28-30.

não simplesmente a “caridade”, mas o Evangelho, que é um dinamismo libertador, uma vez que denuncia a idolatria e as injustiças estabelecidas e, desperta a esperança, chamando a uma renovada responsabilidade frente ao Deus da história. Neste contexto já era famosa a frase do Servo de Deus e dos Pobres: “Quando ajudo os pobres me chamam de santo, caridoso. Mas quando pergunto por que os pobres são pobres me chamam de comunista!”

No dizer do teólogo Ronaldo Muñoz, o Vaticano II e Medellín fizeram a Igreja na América Latina rever suas alianças. Enquanto era aliada do poder conservador oferecia “ajudas” aos pobres. Porém, quando Pastores assumiram as dores e as alegrias dos pobres, emergiram conflitos com o poder conservador. Para as comunidades eclesiais, o apoio *institucional* dos Pastores serviu de estímulo para seguir a Causa de Jesus Cristo, o libertador dos oprimidos; a Instituição, por sua vez, ganhou mais autenticidade evangélica. O paradoxo, portanto, se deu no fato de que os pobres evangelizaram a grande Instituição, enquanto os ricos e os poderosos, a utilizaram como meio ideológico para manter a injustiça estrutural, ornamentando-a com certo “poder sagrado”<sup>9</sup>.

Neste contexto sócio eclesial, o pensamento de Bispos, como Dom Helder Camara, se propagava cada vez mais, apesar das censuras dos governos ditatoriais e de seus aliados. A Igreja, nas palavras e nos gestos proféticos, crescia na compreensão de que a sua missão não era a de ser sustentadora da “autoridade” e da “ordem”, mas sacramento do Reino de Deus, voz que clama pela justiça e pela libertação dos oprimidos<sup>10</sup>. Isto causava atitudes de horror aos opressores e seus ideólogos. Por isso, queriam “desfazer Medellín”<sup>11</sup>, ou seja, condenar a Teologia da

---

9 Ronaldo MUÑOZ, *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*, p. 138-140.

10 CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, nº 5; 13; 36

11 José COMBLIN, *Os Santos Pais da América Latina*, *Concilium* 333 (2009) p. 629.

Libertação, desestimular as Comunidades Eclesiais de Base, inutilizar a Conferência Latino-Americana dos Religiosos e atacar a participação de sacerdotes, religiosos e comunidades na “política”, ou seja, no compromisso com a justiça social.

O clima de tensão se evidenciava de muitas maneiras. Uma delas, era o grande descontentamento com o processo de preparação da Assembleia. De fato, antes do evento, foi enviado, pela Secretaria Geral do Celam, um *Documento de Consulta* a todas as Conferências Episcopais do Continente. O mesmo foi severamente criticado, pois os Bispos não aceitaram o duro tratamento dado às Comunidades Eclesiais de Base e à Teologia da Libertação e consideraram que as opções fundamentais da Igreja na América Latina não estavam representadas<sup>12</sup>. A coordenação então, refez o texto, recebendo este, o título de *Documento de Trabalho*. Porém, na Sessão de Abertura, este também foi recusado pelos Bispos. Diante da situação, o Servo de Deus, Dom Luciano Mendes de Almeida, tentou “arrumar” o texto. Passou a noite inteira “arrumando” e, no dia seguinte, apresentou propostas de trabalho<sup>13</sup>.

Outro motivo da tensão – ainda maior do que o primeiro – estava relacionada com a insatisfação de muitos Bispos que não puderam levar seus assessores teológicos à Conferência uma vez que a Secretaria Geral do Celam, estrategicamente, pediu que Roma nomeasse os peritos. Era uma forma de impedir que Puebla fosse além de Medellín. Como afirmou o teólogo João Batista Libanio, os assessores teológicos escolhidos pela Secretaria Geral tinham uma visão teológica mais tradicional, nada significativos da prática teológica latino-americana. Antes, eram aqueles que se opunham a ela. Isto se refletirá no texto de Puebla: bastante superior na parte social que na doutrinal-

---

12 João Batista LIBANIO, “Apresentação”, in CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 55-79.

13 Evanize SYDOW – Marilda FERRI, *Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido*, p. 265-266.

teológica: “esta constitui seu ponto mais fraco e desinteressante, por sua monotonia, falta de criatividade, repetição dos ensinamentos formulados de modo muito melhor em outros documentos da Igreja bem anteriores”<sup>14</sup>.

A ausência dos teólogos mais representativos da América Latina aumentava as preocupações, uma vez que os Bispos estavam acostumados a estimar e trabalhar com os seus teólogos e estes foram excluídos. Segundo Libanio, “o melhor da teologia latino-americana, na pessoa de seus teólogos mais avançados, não foi convidada. É como se o Concílio Vaticano II não tivesse aceitado a contribuição de Yves Congar, Karl Rahner, Edward Schillebeeckx, Padre Chenu e outros grandes teólogos europeus. Muita gente queria que lá dentro, estivessem presentes os nossos teólogos de valor: Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Jon Sobrino, Juan Luis Segundo, Juan Carlos Scannone, Segundo Galilea, Carlos Mesters, Ronaldo Muñoz, Enrique Dussel, Raúl Vidales, Ricardo Antoncich e tantos outros. Nenhum destes foi convidado”<sup>15</sup>. Entre os bons assessores estava o sociólogo brasileiro Pe. Fernando Bastos de Ávila, amigo pessoal de Dom Helder Camara<sup>16</sup>.

Diante da exclusão dos melhores teólogos latino-americanos, o padre diocesano chileno, Sérgio Torres, que conhecia bem a cidade de Puebla e tinha muitos contatos internacionais, tomou a iniciativa de pedir dinheiro a estas organizações, a fim de alugar algumas casas da cidade. A

---

14 João Batista LIBANIO, “Apresentação”, in CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 61.

15 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 135. O teólogo argentino Juan Carlos Scannone, por exemplo foi “mestre” de Jorge Mario Bergoglio. Quando Bergoglio se tornou papa, Scannone viajou para Roma para colaborar com artigos na revista *La Civiltà Cattolica*, que é um órgão oficioso do Vaticano. Atualmente, vive em Buenos Aires e segue dando conferências e escrevendo livros, como *A Teologia do Povo: raízes teológicas do Papa Francisco*.

16 Ivanir Antonio RAMPON, *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 51-57 e nota de rodapé nº 91.

iniciativa deu bom resultado. Gustavo Gutiérrez, José Comblin, Leonardo Boff, Frei Betto, Frei Gorgulho, entre outros, ficaram reunidos como se estivessem em uma “república de estudantes”<sup>17</sup>. O Secretariado Geral, no entanto, proibiu a entrada de pessoas não credenciadas no Seminário de Palafox. O teólogo Camilo Maccise afirmou que “para mim foi uma das experiências eclesiais que não suspeitava que iria viver. Viemos como teólogos um pouco marginalizados”<sup>18</sup>.

Para impedir qualquer contato com os teólogos e o povo de Deus, os Bispos foram fechados como em uma fortaleza, guardados pela “Segurança Nacional”. De fato, tinha até guardas na porta do Seminário, com ordens de impedir a entrada dos teólogos dos Bispos<sup>19</sup>. Somente Frei Gilberto Gorgulho, teólogo do Cardeal Arns, conseguiu permissão para entrar. Os outros Bispos, então, aproveitaram a sua presença para enviar trabalho aos seus colaboradores. Os teólogos

17 Evanize SYDOW– Marilda FERRI, Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido, p. 266.

18 Teófilo CABESTRERO, *Los teólogos de la liberación en Puebla*, p. 137. Pablo Richard comentou que “esta III Conferência do Episcopado Latino-Americano em Puebla, apesar de todas as limitações, manipulações e discriminações, nos mostrou que a nossa Igreja possui a força indestrutível da Esperança” (Teófilo CABESTRERO, *Los teólogos de la liberación en Puebla*, p. 140).

19 Comblin assim descreve a sua experiência: “O seminário estava bem guardado por três círculos de guardas jovens da extrema direita mexicana, bem como por três cercas de pastores alemães impedindo a entrada dos intrusos. A III Conferência do Celam isolou-se segura, como se estivesse em estado de guerra, bem defendida contra os assaltos do comunismo internacional. Nos meios de comunicação multiplicavam-se os apelos para a prudência, uma vez que a cidade estaria infiltrada de comunistas perigosos. Houve desfiles e manifestações contra a presença desses comunistas, que estariam escondidos nas imediações. O secretário-geral advertiu os jornais, as rádios e as televisões para que todos os cidadãos estivessem conscientes dessa ameaça. O papel do secretário-geral era cuidar da segurança dos bispos participantes. A cidade toda parecia encontrar-se em estado de sítio. Quem eram esses comunistas? No meio deles estava eu, naturalmente! Eram entre 40 e 50 teólogos latino-americanos e mais alguns de outros continentes. Todos tidos como muito perigosos” (Pe. José COMBLIN, *Puebla de los Angeles, Vida Pastoral*).

trabalhavam a noite inteira e, no dia seguinte, entregavam suas anotações<sup>20</sup>. Também os 2.600 jornalistas que queriam relatar o evento ficaram sem saber quase nada.

Entre os teólogos nomeados pela Cúria estava Bartolomeo Sorge, que conheceu Dom Helder em Puebla. Ele mesmo confessa que foi à Puebla a pedido do Venerável Papa João Paulo I e carregava a ideia, em prejuízo próprio, de que o Servo de Deus Dom Helder era um Bispo de tendência marxista e sustentador da Teologia da Libertação. Mas logo se deu conta que era uma pessoa simples e humilde nas relações, com espírito orante e de indiscutível fidelidade ao Evangelho e à Igreja, de um grande amor à pobreza e aos pobres. Acrescenta que se viu defronte de uma das figuras mais significativas da Igreja do século XX. Ele pertenceu ao grupo dos “profetas” que a estação do Concílio suscitou: testemunho corajoso, humilde na liberdade da palavra, fiel ao evangelho, obediente à Igreja, porém incompreendido e visto com suspeita. Hoje, a memória de Dom Helder é uma bênção<sup>21</sup>. Em seu maravilhoso livro, *La Traversata: La Chiesa dal Concilio Vaticano II a oggi*, colocará o Servo de Deus Dom Helder Camara e Santo Oscar Romero entre os dez “principais” barqueiros do Vaticano II, ou seja, os verdadeiros protagonistas, chamados por Deus para acompanhar a Igreja na longa e difícil travessia do pré ao pós Concílio, do segundo para o terceiro milênio<sup>22</sup>.

---

20 Evanize SYDOW – Marilda FERRI, Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido, p. 268.

21 Bartolomeo SORGE, Hélder Câmara: il sogno di una Chiesa “povera e serva”, *Aggiornamenti Sociali*, p. 85-89.

22 Bartolomeo SORGE, *La Traversata: La Chiesa dal Concilio Vaticano II a oggi*, p. 51. Atualmente o Pe. Sorge é diretor emérito da revista *Aggiornamenti Sociali*. Em 2014 publicou *Gesù sorride. Con papa Francesco oltre la religione della paura*.

### 3 Puebla – Ponto de Partida: Conclusões de Medellín

A maioria do Episcopado de Puebla era jovem e aberto às orientações de São João Paulo II. No dia 28 de janeiro, o Papa fez a proeza de ler um discurso de abertura que foi interpretado como encorajamento, tanto para conservadores quanto para adeptos da Teologia da Libertação. Ele assumiu os gritos de alerta da secretaria do Celam, mas também insistiu nas responsabilidades sociais da Igreja diante das injustiças:

Nestes dez anos, quanto a humanidade avançou no seu caminhar! E, com a humanidade e a seu serviço, quanto avançou também a Igreja! Esta terceira Conferência não pode ignorar essa realidade. Deverá, pois, tomar como ponto de partida as conclusões de Medellín, com tudo o que têm de positivo, sem ignorar, porém, as interpretações incorretas que às vezes se fizeram e que exigem sereno discernimento, oportuna crítica e tomadas de posição<sup>23</sup>.

Após o discurso do Papa, Dom Afonso Trujillo, Secretário Geral do Celam, satisfeito, foi perguntar a opinião de Dom Helder: “Então, o que achou do discurso?”. O Dom, abrindo os braços, respondeu: “Magnífico!”<sup>24</sup>. O Pe. José Marins, que acompanhou de perto o encontro de Puebla disse-me – via e-mail<sup>25</sup> – que depois do discurso de João Paulo II, Dom Helder encontrou-se com o Cardeal Lorscheider. Devem ter conversado sobre a continuidade dos trabalhos...

Alguns Bispos tiveram a impressão de que o discurso de João Paulo II estava tão bem elaborado que apenas bastava assiná-lo e retornar... Outros, porém, acharam que tomar esta atitude seria dar-se um “diploma de incapacidade”. Foi, então,

---

23 JOÃO PAULO II, “Audácia de profetas e prudência de pastores: discurso do Santo Padre no início dos trabalhos da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 28 de janeiro de 1979”, in João Paulo II, *João Paulo II em Puebla: pronunciamentos do Papa na América Latina*, p. 44.

24 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 70.

25 7.6.2010.



que, no dia seguinte, o Presidente da Assembleia, Cardeal Lorscheider, de modo belíssimo, seguindo o conselho do Papa, abriu caminho, retomando os desafios de Medellín. Era deles que se deveria partir.

O Cardeal Lorscheider, acrescentou que o *Documento de Trabalho* foi previsto como “um instrumento de ajuda à criatividade dos participantes na III Conferência. Não quis o Documento de Trabalho (DT ser uma espécie de documento-base que os Bispos discutissem, propondo emendas. O DT só quis sintetizar principalmente o que os Episcopados haviam trazido. Não é necessário sublinhar que toda síntese é relativa...”<sup>26</sup>. Assim, o ponto de partida de Puebla foi Medellín, e não o *Documentos de Consulta*, nem o *Documento de Trabalho*. Dom Helder vibrou...

#### **4 Puebla – estruturar a evangelização a partir da opção pelos pobres**

Durante a Assembleia, nas comissões de trabalho também aconteceram tensões, pois havia forças que tentavam impedir que se estruturassem a evangelização a partir da opção pelos pobres, ou seja, retomando a perspectiva de Medellín. Diversos Bispos conservadores, por exemplo, se inscreveram na Comissão Construtores da Sociedade para impedir que o pensamento do Cardeal Evaristo Arns ganhasse relevância no texto. De fato, o texto “O rosto de Cristo é o rosto dos pobres” escrito, a pedido do Cardeal, por José Comblin e Frei Gorgulho, foi rejeitado. Dom Cândido Padim, no entanto, que estava em outra Comissão, falou para Dom Paulo: “Dá pra mim o texto que eu ponho na conclusão”<sup>27</sup>... Tornou-se,

---

26 Aloísio LORSCHIEDER, “Discurso de Dom Aloísio Lorscheider”, in CELAM, A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla, 46.

27 Evanize SYDOW – Marilda FERRI, Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido, p. 268.



posteriormente, um dos textos mais citados de Puebla...

Dom Helder se inscreveu no grupo “Evangelização e promoção humana” no qual ocorreria a discussão sobre a educação libertadora e a Teologia da Libertação. No mesmo grupo estavam Afonso López Trujillo, Luciano Duarte e Gerardo Flores entre outros. Também estava o novo Arcebispo de El Salvador, Oscar Arnulfo Romero.

Após o martírio do Servo de Deus Rútilio Grande (1977), Dom Romero – tido por conservador – cada vez mais foi se colocando corajosamente junto dos oprimidos, denunciando a repressão, a violência do Estado, a exploração e a opressão das elites econômicas, políticas e militares apoiadas pelo imperialismo capitalista dos Estados Unidos. Sua posição pacífica estava provocando a fúria dos grupos acima citados. Em Puebla, Oscar Romero trabalhou junto com o já conhecido internacionalmente Dom Helder Camara, aumentando a sua admiração e a veneração que já tinha pelo Arcebispo brasileiro. Os dois dedicaram-se muito para apresentar a proposta da nova evangelização na América Latina que deveria dar-se a partir da Palavra de Deus, do Magistério da Igreja e das urgências dos pobres. Buscaram “aprofundar Medellín em Puebla”. A presença e o testemunho de ambos foram sumamente importantes para garantir a continuidade da autêntica tradição espiritual da Igreja na América Latina<sup>28</sup>. Dom Helder, homem que cultivava amizades espirituais, logo estreitou a sua amizade com Santo Óscar Romero.

Dom Helder e Dom Trujillo foram encarregados de redigir um texto a ser discutido e aprovado pelo grupo. Coube ao Dom Helder fazer a primeira elaboração. Ele contou com a ajuda de Dom Cândido Padim, Dom Aloísio, Santo Oscar Romero... Por algum motivo insondável, o Arcebispo colombiano, que

---

28 Ivanir Antonio RAMPON, Canonização de Paulo VI e Romero e a sintonia com o projeto de Francisco da Igreja pelos pobres. Entrevista com Ivanir Antonio Rampon, *IHU*, 14.3.2018.

também havia preparado um texto, aprovou o de Dom Helder na íntegra. O Arcebispo de Olinda e Recife ficou desconfiado com a flexibilidade do Secretário do Celam, mas lembrou-se de uma frase dita por um amigo na última viagem a Roma: “Eu sei que, em Puebla, você vai vencer...”. Utilizando de sua inteligência e capacidade de articulador, o Servo de Deus Dom Luciano Mendes de Almeida, convidado a participar da discussão, sugeriu que os textos fossem fundidos... Frei Betto escreveu no *Diario di Puebla*, dia 6 de fevereiro:

Estive com Dom Helder Camara que, amanhã, completa 70 anos bem vividos. Como sempre, ele é um dos Bispos mais procurados pelos jornalistas. Está preocupado com o texto final sobre a Teologia da Libertação e, por incrível que possa parecer, estava redigindo um esboço sobre o argumento junto com Dom López Trujillo. Também neste ponto a Teologia confirma a Ciência: as paralelas se encontram no infinito...<sup>29</sup>.

O resultado final é, que o texto do grupo, não trouxe prejuízos para as teses fundamentais defendidas pelos progressistas, confirmando e ampliando a Teologia da Libertação e a educação libertadora<sup>30</sup>. Portanto, em Puebla, Dom Helder, novamente, foi decisivo quando se tratou de formular a doutrina da libertação<sup>31</sup>.

O “incidente de 1º de fevereiro” foi providencial, pois ajudou a compreender os motivos das tensões e modificou os rumos dos debates. O “incidente” teria sido assim: o Jornal mexicano *Uno más Uno* publicou “orientações” do Secretário da Conferência López Trujillo ao seu amigo, Dom Luciano Duarte, Arcebispo de Aracaju. O jornalista tinha recebido uma fita cassete de Trujillo, para gravar uma entrevista com o Arcebispo colombiano. Ao voltar para o México descobriu que

---

29 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 124-125.

30 Nelson PILETTI – Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 433-434.

no outro lado continha várias respostas do Secretário do Celam às perguntas feitas pelo seu amigo brasileiro. As respostas chocavam pela linguagem utilizada, pela referência a várias pessoas importantes na Igreja da América Latina e pela revelação de estratégias contra os progressistas. Durante vários dias, López Trujillo não apareceu em público. Ficou no seu quarto. Perdeu a liderança da Assembleia e seu prestígio foi ameaçado<sup>32</sup>.

A divulgação das respostas de Trujillo a Dom Duarte não deixou de ser visto como um acontecimento providencial<sup>33</sup>: contribuiu para que nenhuma tendência da Teologia da Libertação fosse condenada e as CEBs até receberam novos incentivos. O acontecimento também confirmou que uma das causas principais de tamanha tensão estava no modo como o Secretário Geral se comportava.

O teólogo João Batista Libanio afirma que a preparação de Puebla tinha sido carregada, por motivos ideológicos e psicológicos, de tensões e polarizações: “Uma de suas causas de não pouca monta era precisamente a maneira como a Secretaria Geral se comportava, com ostensiva parcialidade, que tinha ficado patente na escolha dos peritos e convidados, com nítida exclusão de toda uma linha teológica”<sup>33</sup>. A pessoa ilustre de

---

31 José COMBLIN, “Dom Helder e novo modelo episcopal no Vaticano II”, in Maria Bernarda POTRICK, *Dom Helder, pastor e profeta*, p. 30-32.

32 Evanize SYDOW – Marilda FERRI, Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido, p. 266.

33 João Batista LIBANIO, “Apresentação”, in CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 57. Segundo Dom Trujillo, o Celam fez grandes esforços para dialogar com os Teólogos da Libertação. Eles, no entanto, não participaram da Conferência na qualidade de *especialistas* ou *convidados*, porque não foram apresentados anteriormente pelas Conferências. A grande maioria dos Bispos tomava distância destes teólogos. Mesmo assim, eles tentaram fazer pressão em Puebla, mas não tiveram êxito: “Os textos claros sobre a Teologia da Libertação foram escritos, como se sabe publicamente, por dom Hélder Câmara e por mim. Falo dos pontos 480-490 do documento final. E

Puebla não foi o Arcebispo de Medellín, como era esperado, mas o Servo de Deus Dom Luciano Mendes de Almeida, por seu imenso prestígio, ética, humildade capaz de desarmar preconceitos e talento de articulador. Assim, a grande ofensiva contra Medellín foi sendo desfeita<sup>34</sup>.

## 5 Puebla – denuncia o pecado social e defende os direitos do povo

Durante o evento, Dom Helder era um dos Bispos mais requisitados pelos jornalistas a fim de conceder entrevistas e contar o que se passava dentro daquele Seminário, totalmente cercado pelas forças nacionais de segurança. No dia 30 de janeiro, ele falou a Frei Betto: “A história é implacável. Deus nos pedirá contas. Aqueles que pensam que estamos agindo com muita pressa para mudar as estruturas do Continente, recorde que a América Latina espera isto há quatro séculos e meio”<sup>35</sup>.

Durante a Conferência, Dom Helder completou 70 anos recebendo, por este motivo, grandes atenções de Bispos e jornalistas. Conseguiu comunicar-se, inclusive, com teólogos

---

receberam a total aprovação da Conferência. Neste texto não se condena uma teologia da libertação cristã autêntica e genuína. Ao contrário. Mas reprova-se sem meios termos todo desvio ideológico no sentido marxista” (Há 25 anos a primeira das 102 viagens ao exterior de João Paulo II: Primeira parada, Puebla. Entrevista com Dom López Trojillo, *30Giorni* (2004/1) [acesso 9.6.2010]).

34 Mesmo assim continuaram ocorrendo estratégias: uma notícia inusitada foi divulgada no dia 3 de fevereiro. O jornal mexicano *Excelsior* informou que o Presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter havia dado ordem para intensificar a vigilância nos movimentos de religiosos e de leigos liberais da Igreja Católica na América Latina. A CIA não poderia permitir no Continente o que acontecera no Irã com o *ayatollah* Khomeini. Carter disse que era preciso conhecer as guerrilhas católicas da América Latina que agora não tinham mais apoio de Moscou, mas de Roma (C.A.L. CHRISTO, *Diario di Puebla*, 110). Nestes dias também, o jornal *Voz de Puebla* conduziu uma batalha contra os teólogos da libertação, atribuído a estes, coisas que não disseram. Com isto, visava assustar os Bispos...

35 Helder CAMARA, in Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 87.

como Pe. José Comblin, Frei Leonardo Boff, Frei Clodovis Boff, Frei Gilberto Gorgulho, etc. No dia 8, disse: “Estou recebendo ajuda dos teólogos que eu entendo bem. E não escondo. É nosso direito contar com colaborações. Sem isto, eu não terei capacidade de votar na assembléia”<sup>36</sup>. Nas madrugadas, durante as suas vigílias de Puebla, ele rezava pelos teólogos que foram impedidos de entrar no Seminário de Palafox: “Tenho passado a noite dando graças a Deus pela presença aqui em Puebla, fora do Seminário, de nossos teólogos: pela luz que eles nos trazem, pelo espírito evangélico que vivem, pela presença deles e pelo que significam. Não me canso de dar graças a Deus por eles”<sup>37</sup>.

Diante de tanta tensão em que Puebla esteve envolta, Dom Helder reconheceu, no dia 8 de fevereiro, que o Documento não seria aquilo que se esperava:

A experiência que tenho de assembléias internacionais é sempre a mesma. Quando se inicia o confronto, a primeira impressão é horrível. Ainda não estamos prontos para o diálogo. No entanto, é importante a troca de idéias. Há irmãos que não possuem a mesma nossa visão. Não que nós somos mais santos, é questão de se deixar abrir à realidade. Não digo que, daqui, sairá um documento que queremos. Mas, ao final, teremos feito o caminho<sup>38</sup>.

Perguntado sobre o medo de alguns Bispos de que a Igreja se meta em “política”, respondeu:

Quando vivíamos vinculados com os governos e os potentes, ninguém dizia que fazíamos política, mas sim quando a situação da América Latina se agravou, e vimos que era impossível continuar a sustentar a velha ordem social. A partir de então somos mal-vistos. Em todo o caso, temos a obrigação de nos preocupar com a situação em que se acha o nosso povo<sup>39</sup>.

36 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 142.

37 Teófilo CABESTRETO, *Los teólogos de la liberación em Puebla*, p. 8.

38 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 141.

39 *Ibidem*, 142.

No dia 13 de fevereiro, apesar de tanta tensão, o texto de Puebla foi aprovado por 178 votos a favor e um contra. O mesmo foi estruturado em torno da opção pelos pobres e dividido em cinco partes: I- Visão pastoral da realidade da América Latina; II- Desígnio de Deus para a América Latina; III- A evangelização da América Latina: comunhão e participação; IV- A Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina, e; V- Opções Pastorais.

Medellín foi o primeiro marco referencial para Puebla e “não se pode pretender ir buscar em Puebla uma porção de novidades – há algumas (...) –, pois ela é antes a confirmação atualizada de Medellín”. A segunda referência é a *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI: Puebla procurou fazer uma leitura latino-americana da Encíclica. A terceira referência é a realidade social em que o povo de Deus vive no continente. A quarta é a experiência pastoral da Igreja depois de Medellín: “a primeira colheita de Medellín”<sup>40</sup>.

A parte mais importante de Puebla é a IV. Além da opção pelos pobres e pelos jovens, trata dos direitos fundamentais do ser humano: os direitos individuais, sociais, emergentes e alguns internacionais. Afirma que a evangelização precisa ser feita em comunhão e participação para que o ser humano se realize como imagem e semelhança de Deus. O modelo de ação evangelizadora para Puebla são as Comunidades Eclesiais de Base e as palavras chaves foram “comunhão e participação” em busca da libertação sob o signo da dignidade humana fundamental<sup>41</sup>.

Puebla identificou o pecado estrutural que se manifesta na injustiça e na opressão contra a maioria-pobre e o chama de pecado social. Para a Bíblia e para a Igreja, a coexistência de

40 Segundo GALILEA, *A mensagem de Puebla*, p. 28-32.

41 Aloísio LORSCHIEDER, “Conferências-Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Subsídio preparatório à V Conferência do Episcopado Latino-americano”, in DOCUMENTOS DO CELAM, 7-13.

ricos e pobres não é uma situação natural, mas fruto do pecado. É a quebra da comunhão com Deus, com os semelhantes e com a natureza<sup>42</sup>. Tal ruptura é sustentada por estruturas econômicas, sociais e políticas que favorecem que os ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres<sup>43</sup>.

Com esta visão, Puebla pôde afirmar: “os pobres merecem uma atenção preferencial, qualquer que seja a situação moral ou pessoal em que se encontram”<sup>44</sup>. Esta é uma concepção libertadora, pois uma visão religiosa intimista de pecado pode oprimir ainda mais quem já é tão oprimido econômico-socialmente, através da privação, das frustrações, das humilhações<sup>45</sup>. A Igreja reconhece que nos pobres, o Senhor a interpela e questiona “com suas feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições de Cristo, o Senhor”<sup>46</sup>.

## 6 Puebla explicita o rosto dos pobres e valoriza a cultura dos povos latino-americanos

O Documento de Puebla explicita os rostos de crianças golpeadas pela pobreza antes de nascer; de jovens desorientados que não encontram lugar na sociedade por falta de oportunidades; rostos indígenas e afro-americanos que vivem marginalizados em situações desumanas, considerados os mais pobres entre os pobres; rostos de camponeses que são relegados

42 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, nº 10, 28, 70, 73, 92, 186, 281, 328, 487, 517 entre outros.

43 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, nº 1141-1142; Ronaldo MUÑOZ, *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*, 207.

44 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 1142.

45 Ronaldo MUÑOZ, *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*, p. 56.

46 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, nº 31-39. No mesmo sentido, os números 26, 29, 45, 50, 571, 1135 com sua nota, 1159-1161, 1176, 1207, 1260...



e explorados; rostos de operários com frequência mal remunerados e com dificuldades de se organizarem para defenderem seus direitos; rostos de desempregados por causa do modelo de desenvolvimento que submete os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos; rostos de trabalhadores urbanos marginalizados que sofrem duplo impacto: carências próprias e ostentações da riqueza de outros setores sociais; rostos de anciãos marginalizados porque já não produzem.

Por isso, os Bispos conclamam todos a se converterem à Causa dos Pobres, ou seja, à luta solidária dos pobres que defendem seus valores e a conquista de seus direitos. Eles não têm somente necessidades, mas também direitos. É preciso defender o direito fundamental dos pobres de criar suas próprias organizações, promover seus interesses e contribuir para o bem comum,<sup>47</sup> respeitando a cultura e a piedade popular. Nas feições dos povos da América Latina, com suas culturas, encarna-se o povo de Deus. Que os povos latino-americanos sejam protagonistas da sociedade nova, imprimindo humanidade. Que eles sejam evangelizadores! Atenção especial merecem os jovens – com seus rostos latino-americanos – pois há uma ligação especial entre pobres, jovens e Igreja.

Puebla insiste na relação evangelização, educação e cultura. A cultura revela o estilo de vida que a sociedade possui, sua forma peculiar de se relacionar entre si, com as criaturas e com Deus. Abrange a totalidade da vida do povo. A evangelização precisa alcançar a raiz da cultura, seus valores fundamentais, despertando a conversão diante dos contravalores a fim de que possa ser a base e garantia das transformações sociais<sup>48</sup>.

---

47 JOÃO PAULO II, “Alocução Operários Monterrey”, 3, *AAS LXXI* (1979) 242; JOÃO PAULO II, in CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, n° 1163.

48 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 385-393.



Segundo o teólogo Juan Carlos Scannone, o Papa Francisco bebe fortemente desta intuição de Puebla, ou seja, que a Teologia deve ser feita a partir da fé do povo, dos rostos do povo, da sua religiosidade e suas organizações. Por isso, Francisco estabelece diálogo com sindicatos, movimentos populares e outras organizações a fim de favorecer uma maior justiça social, além de buscar acordos sobre políticas públicas em prol do bem comum. Em seu pontificado, não passa despercebida a valorização da piedade e da espiritualidade popular, especialmente a devoção mariana<sup>49</sup>. Francisco bebe profundamente do magistério da Igreja na América Latina, e de Puebla, com intensidade da noção de “cultura dos povos”<sup>50</sup>. Dom Helder, em Puebla, colaborou na elaboração de textos em que se valoriza a cultura popular e se deseja revitalizá-la, incentivando os valores cristãos da cultura latino-americana.

Dom Helder, em suas vigílias, contemplava a face de Cristo, sofredor e ressuscitado nos rostos dos pobres. Numa das Meditações do Pe. José, escreveu: “Mais que comum dos dias, olhei o mais que pude os rostos dos pobres, gastos pela fome, esmagados pelas humilhações, e neles descobri teu rosto, Cristo Ressuscitado!”<sup>51</sup>. Da mesma forma, em suas pregações, buscava sempre apresentar o verdadeiro rosto de Jesus Cristo.

---

49 Juan Carlos SCANNONE, O Papa Francisco e a Teologia do Povo. Entrevista especial com Juan Carlos Scannone, *IHU*, 16.5.2015; Juan Carlos SCANNONE, A teologia de Francisco. Entrevista com Juan Carlos Scannone, *IHU*, 27.3.2013.

50 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 115-118; 122-126.

51 Helder CÂMARA, “La presenza della Chiesa nello sviluppo dei popoli”, in *Idoc*, Due Miliardi di affamati. Helder Câmara, Arcevescovo di Olinda e Recife, Lebret, Gonzalez-Ruzi e altri denunciano la colpevole inerzia del mondo “civile” nei confronti dei paesi sottosviluppati, 44; Helder Camara, “Presenza della Chiesa nello sviluppo dell’America Latina”, in Helder CÂMARA, *Terzo mondo defraudato*, p. 103-104.

## Considerações finais – dois depoimentos e quatro lições espirituais

Nestas considerações finais queremos trazer dois testemunhos expressivos sobre o Dom dos Pobres em Puebla. O **primeiro depoimento é do teólogo Bartolomeu Sorge**. Ele destaca dois aspectos que lhe chamaram a atenção em Dom Helder durante a Assembleia de Puebla: a reflexão teológica sobre a libertação e a paixão pelos pobres e por uma Igreja pobre. As ideias de Dom Hélder sobre a libertação aparecem no Documento Final de Puebla e este não condena nenhuma corrente da Teologia da Libertação e nenhum teólogo. O juízo equilibrado e o tom positivo com o qual a matéria é tratada corresponde ao estilo pastoral de Dom Hélder<sup>52</sup>. Estas paixões helderianas são paixões do Papa Francisco:

desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles<sup>53</sup>.

**O segundo depoimento é do Bispo Emérito de Vacaria, Dom Orlando Dotti** que, em Puebla, participou da Comissão Opção Pelos Pobres. Relatando a sua participação, confidenciou ao Grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Camara, que o Dom da Paz lhe pediu para que falasse e escrevesse contra o armamentismo. Dom Orlando, então

---

52 BARTOLOMEO SORGE, Hélder Câmara: il sogno di una Chiesa “povera e serva”, *Aggiornamenti Sociali, Hélder Câmara: un profeta del nostro tempo*, p. 86-87.

53 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 198, o grifo é nosso; Ivanir Antonio RAMPON, *Francisco e Helder – sintonia espiritual*, p. 47-48.

apresentou um texto sobre a temática<sup>54</sup>. Como sabemos, o Documento de Puebla pede a promoção do desarmamento. E vai mais longe ainda: solicita que o dinheiro a ser utilizado em armas e novas tecnologia bélicas, fosse investido socialmente, garantindo o acesso imediato e livre dos mais fracos ao próprio desenvolvimento integral<sup>55</sup>. Neste sentido, o Papa Francisco entende que:

Estar ao serviço do diálogo e da paz significa também estar verdadeiramente determinado a reduzir e, a longo prazo, pôr termo a tantos conflitos armados em todo o mundo. Aqui devemos interrogar-nos: Por que motivo se vendem armas letais àqueles que têm em mente infligir sofrimentos inexprimíveis a indivíduos e sociedade? Infelizmente a resposta, como todos sabemos, é apenas esta: por dinheiro; dinheiro que está impregnado de sangue, e muitas vezes sangue inocente. Perante este silêncio vergonhoso e culpável, é nosso dever enfrentar o problema e deter o comércio de armas<sup>56</sup>.

Entres as muitas lições espirituais que nos vem de Dom Helder e do “evento Puebla”, destacamos:

**1) Viver a comunhão e a participação em busca da libertação:** Formamos uma comunidade de discípulos-missionários de Jesus Cristo. Somos todos aprendizes de Jesus e ao mesmo tempo responsáveis pela evangelização. Não podemos ser autorreferentes, nem agressivos e arrogantes. A doutrina não sou eu ou as minhas ideias (quem sabe, retrógradas) ... A fé cristã é, essencialmente, comunitária. Dom Helder e o Documento de Puebla nos ensinam a importância do respeito, do diálogo, de “sentir com a Igreja”.

---

54 Dom Orlando DOTTI, Conversa com o Grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Camara, 10.12.2018.

55 CELAM, A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla, 1267, 1281-1282.

56 FRANCISCO, Visita ao Congresso dos Estados Unidos da América – Discurso do Santo Padre, 24.9.2015.

Dom Helder viveu a colegialidade com os colegas Bispos do Regional, da CNBB, do Celam, com os Bispos do mundo inteiro, com o santo Padre. Completava a colegialidade com os Padres Diocesanos, com os Religiosos e Religiosas, com as lideranças do laicato e com as comunidades, buscando a fraternidade total e, em clima de responsabilidade, confiança, diálogo adulto, tendo em vista o serviço libertador<sup>57</sup>. Da sua dedicação à colegialidade nasceu a CNBB, o Celam. Na conferência de Puebla, diante dos conflitos e tensões, sobre ser o “Dom da Comunhão”.

**2) Viver a “espiritualidade da cruz”:** A espiritualidade do seguimento a Jesus Cristo tem a marca da cruz. A cruz vem dos conflitos e tensões que as opções e renúncias por causa do Reino de Deus e sua justiça provocam... Um cristianismo sem cruz é incompleto. Um cristianismo sem cruz é gnóstico e mundano. A cruz, neste sentido, é falência, mas uma falência que revela a vitória de quem persevera na Causa do Reino de Deus... É a falência de quem não quis a vitória dos triunfalismos mundanos, dos triunfalismos prometidos pelos ídolos. Paradoxalmente, a cruz é uma falência vitoriosa!

Neste sentido, podemos dizer, que Jesus não foi vitorioso somente na ressurreição, mas também na cruz, pois esta revela a máxima fidelidade ao Pai e ao Reino de Deus... Precisamos tomar a cruz do jeito de Jesus. Nas tensões, cuidar para não perder a ternura, a misericórdia, a largueza de compreensão e o foco na Causa dos Pobres. Isto pressupõe muita unidade com Cristo, momentos intensos de oração, cultivo da vida interior, boas amizades espirituais, sabendo que o “o tempo é superior ao espaço”, a “unidade prevalece sobre o conflito”, “a realidade é mais importante do que a ideia” e o todo é superior à parte<sup>58</sup>. No dizer do “Dom da Fidelidade”,

---

57 Helder CAMARA, “Tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife”, in Helder CÂMARA, *Utopias peregrinas*, p. 25-26; Ivanir Antonio RAMPON, *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 145-154; 224-228.

58 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 222-237.

Quem escuta a voz de Deus e faz sua opção interior e arranca-se e parte para lutar pacificamente por um mundo mais justo e mais humano, não pense que vai encontrar caminho fácil, pétalas de rosas debaixo dos pés, multidões à escuta, aplausos por toda a parte e, permanentemente, como proteção decisiva, a Mão de Deus. (...) prepara-se para enfrentar desertos. Os grandes e poderosos desaparecem, cortam toda e qualquer ajuda, passam represálias. Não raro financiam campanhas, que se tornaram tanto mais rudes, difamadoras e caluniosas quanto mais sentirem perigo à vista<sup>59</sup>.

**3) Retomar e atualizar Medellín:** depois de Medellín podemos falar legitimamente de uma Igreja na América Latina<sup>60</sup>. Antes havia extensões da Igreja europeia, em parte ligada à “ordem” colonial. Por isso, aceitou-se a escravidão de africanos e de índios e, ao mesmo tempo, a construção de igrejas e capelas grandes e ricas, com dinheiro oferecidos pelos donos de escravos... Mas em Medellín, a Igreja faz a opção pelos pobres em vista da libertação. Puebla retoma e atualiza Medellín. Porém, após Puebla, autoridades que atuaram na direção do Celam (e na Cúria Romana) conseguiram “desarticular toda a concepção teórica e a realização prática do modelo de Puebla sem, no entanto, alcançar outro modelo. Deixou a Igreja com discursos vazios e numa imobilidade impressionante”<sup>61</sup>. A Conferência de Santo Domingo, não encontrou eco imediato nas igrejas do continente e “permanece como que apêndice na vida da Igreja latino-americana, não tendo a influência eclesial desempenhada pelas duas conferências antecedentes”<sup>62</sup>.

O Documento de Aparecida insiste em afirmar que é “continuidade de Medellín e Puebla” e, talvez esta insistência é uma discreta expressão de arrependimento... Fato inegável é

---

59 Helder CÂMARA, *O deserto é fértil*, p. 31.

60 Segundo GALILEA, *A mensagem de Puebla*, p. 15-16.

61 Pe. José COMBLIN, Puebla de los Angeles, *Vida Pastoral*, n° 249, p. 13.

62 Pe. Antonio MANZATTO. As primeiras conferências do Celam, *Vida Pastoral*.

que anos anteriores à Aparecida, a influência Medellín-Puebla tinha diminuído. Havia, inclusive, sacerdotes afirmando que Medellín estava superado e não servia mais. Por isso, de acordo com Comblin<sup>63</sup>, convém destacar esta forte insistência de Aparecida. O Documento frisa, entre outros aspectos, a opção pelos pobres e pelas as comunidades eclesiais de base<sup>64</sup>. O Papa Francisco, por sua vez, retoma e atualiza o Magistério da Igreja na América Latina para toda a Igreja Católica.

**4) Estruturar a Evangelização a partir dos pobres:** Jesus optou pelos pobres. E quem segue Jesus também opta pelos pobres. A opção pelos pobres é uma questão de fé: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza<sup>65</sup>. Por isso, há “que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!”<sup>66</sup>. Nossa “opção de cristãos deve levar-nos sempre mais a uma clara opção pelos pobres”<sup>67</sup>, e consequentemente denunciar aquilo que Puebla chama de “pecado social”, assumindo, “a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício”<sup>68</sup>.

---

63 Pe. José COMBLIN, O projeto Aparecida, *Vida Pastoral* 258 (2008) p. 3-10.

64 CELAM, *Documento de Aparecida*, 391-399; 1168-1179.

65 BENTO XVI. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Discurso do Papa Bento XVI, 13.5.2007.

66 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, nº 41.

67 Helder CÂMARA, Um olhar sobre a cidade, p. 16.

68 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 191; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*, Introdução, 2.

Jesus enviou seus discípulos para que fossem a todos os povos e anunciassem o Evangelho, mas sempre a partir da ótica dos pobres. E assim fez a Igreja ao longo da história. As mais belas páginas da história da espiritualidade cristã, de fato, estão relacionadas à opção pelos pobres. Depois de Medellín, passando por Puebla, a Igreja cresceu na consciência de que a sua missão está ligada à opção pelos pobres, pelos excluídos, pelos descartados da história, pelas periferias sociais e existenciais:

Saiamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer”<sup>69</sup>.

Em Puebla, portanto, a presença e o testemunho de Dom Helder foi sumamente importante para garantir a continuidade da autêntica tradição espiritual da Igreja na América Latina<sup>70</sup>. Se Dom Helder estivesse peregrinando neste mundo certamente atualizaria Puebla do jeito que Francisco vem fazendo – nos

69 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 49.

70 RAMPON, Ivanir Antonio. Dom Helder Câmara: “A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina”. Entrevista especial com Ivanir Rampon, *IHU*, 8.9.2013.



convocando para espalhar a alegria do evangelho, a estruturar a evangelização e a missão a partir da opção pelos pobres, a cuidar da nossa casa comum, a viver a alegria do amor nas famílias e entre os povos, a promover a cultura do encontro, a *misericordiar* diante das misérias, a fazer acontecer a revolução da ternura...

## Bibliografia

BENTO XVI. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Discurso do Papa Bento XVI, 13.5.2007, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)

CABESTREIRO, Teófilo. *Los teólogos de la liberación en Puebla*, Madrid: PPC Editorail, 1979.

CALIMANN, Cleto. “A identidade histórica da Igreja no Brasil nos últimos 20 anos”, in ESTUDOS DA CNBB n° 45, *Leigos e participação na Igreja*, p. 17-35, São Paulo, 1986.

CAMARA, Dom Helder, “Discurso de tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife”, in CÂMARA, Dom Helder. *Utopias peregrinas*, Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 15-28, 1993.

CÂMARA, Dom Helder. *O deserto é fértil. Roteiro para as Minorias Abraâmicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CAMARA, Helder. “A Igreja na América Latina: Hoje”, in CÂMARA, Helder. *Utopias peregrinas*. Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 79-89, 1993.

CÂMARA, Helder. “La presenza della Chiesa nello sviluppo dei popoli”, in IDOC. *Due Miliardi di affamati. Helder Câmara, Arcevescovo di Olinda e Recife, Le Bret, Gonzalez-Ruzi e altri denunciano la colpevole inerzia del mondo “civile” nei confronti dei paesi sottosviluppati*. Verona: Arnoldo Mondadori Editore, p. 41-59, 1968.

CAMARA, Helder. “Presenza della Chiesa nello sviluppo dell’America Latina”, in CÂMARA, Helder. *Terzo mondo defraudato*. Milano: Edizioni PIME, 1970.

CÂMARA, Helder. *Um olhar sobre a cidade: olhar atento, de esperança, de prece...* São Paulo: Paulinas, 1995.



CELAM. A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla. São Paulo: Loyola, 1979.

CELAM. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: conclusões de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1980.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília/São Paulo: Edições da CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CELAM. *Documento de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1984.

CELAM. *Documento de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM. *Documento de Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

CHRISTO, Carlos Alberto Libanio. *Diario di Puebla*. Brescia: Queriniana, 1979.

CNBB. *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome: "alimento, Dom de Deus, direito de todos"*. São Paulo: Paulinas, n° 69, 2002.

COMBLIN, José. "Dom Helder e o novo modelo episcopal no Vaticano II", in POTRICK, Maria Bernarda et all. *Dom Helder, pastor e profeta*. São Paulo: Ed. Paulinas, p. 23-42; 19832.

COMBLIN, José. Os Santos Pais da América Latina, *Concilium* 333 (2009) 619-630.

COMBLIN, Pe. José. O projeto Aparecida, *Vida Pastoral*. São Paulo, n° 258, p. 3-10, jan-fev 2008.

COMBLIN, Pe. José. Puebla de los Angeles (27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979), *Vida pastoral*. São Paulo: Paulus, n° 249, p. 9-13, jul-ago 2006.

CONCÍLIO VATICANO II. Lumen Gentium, in Documentos do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

DOTTI, Dom Orlando. Conversa com o Grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Camara, Vacaria, 10.12.2018.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO. Visita ao Congresso dos Estados Unidos da América – Discurso do Santo Padre, 24.9.2015, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150924\\_usa-us-congress.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html)

GALILEA, Segundo. *A mensagem de Puebla*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

Há 25 anos a primeira das 102 viagens ao exterior de João Paulo II: Primeira parada, Puebla, *30Giorni* (2004) 1, [http://www.30giorni.it/br/articolo\\_stamp\\_a.asp?id=2836](http://www.30giorni.it/br/articolo_stamp_a.asp?id=2836) (acesso 09.06.2010). Entrevista com Dom López Trujillo.

JOÃO PAULO II. “Audácia de profetas e prudência evangélica de pastores: discurso do Santo Padre no início dos trabalhos da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 28 de janeiro de 1979”, in JOÃO PAULO II. *João Paulo II em Puebla: Pronunciamentos do Papa na América Latina*. São Paulo: Paulinas, p. 43-70, 1979.

JOÃO PAULO II. *João Paulo II em Puebla: Pronunciamentos do Papa na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979.

LIBANIO, João Batista. “Apresentação”, in CELAM. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões: Puebla. São Paulo: Loyola, p 55-79, 1979.

LORSCHIEDER, Cardeal Aloísio. “Conferências-Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Subsídio preparatório à V Conferência do Episcopado Latino-americano”, in DOCUMENTOS DO CELAM. Série Documentos da Igreja – vol 8, São Paulo, 2004 = *Vida Pastoral*, São Paulo: Paulus, n° 252, p. 3-5, jan-fev 2007.

LORSCHIEDER, Dom Aloísio. “Discurso de Dom Aloísio Lorscheider”, in CELAM. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões: Puebla. São Paulo: Loyola, p. 45-50, 1979.

MANZATTO, Pe. Antonio. As primeiras conferências do CELAM, *Vida Pastoral*, jul-agos 2006, <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/as-primeiras-conferencias-do-celam/>

MARINS, Pe. José. Informações sobre Dom Helder Camara em Puebla. Via e-mail, 7.6.2010.

MUÑOZ, Ronaldo. *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*. Santiago: Cep, 1982.

PILETTI, Nelson – PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997.

RAMPON, Ivanir Antonio. *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2014.

RAMPON, Ivanir Antonio. Canonização de Paulo VI e Romero e a sintonia com o projeto de Francisco da Igreja pelos pobres. Entrevista com Ivanir Antonio Rampon, *IHU*, 14.3.2018, <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576883-canonizacao-de-paulo-vi-e-romero-e-a-sintonia-com-o-projeto-de-francisco-da-igreja-pelos-pobres-entrevista-com-ivanir-antonio-rampon>

RAMPON, Ivanir Antonio. Dom Helder Câmara: “A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina”. Entrevista especial com Ivanir Rampon, *IHU*, 8.9.2013, <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/523294-dom-helder-camara-a-sintese-da-melhor-tradicao-espiritual-da-america-latina-entrevista-especial-com-ivanir-rampon>

RAMPON, Ivanir Antonio. *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2016.

RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013.

RAMPON, Ivanir Antonio. São Paulo VI: breve biografia do Papa que tinha particular sensibilidade para com o América Latina, *Bertheriano*. Passo Fundo, ano 41, n° 120, p. 22-24, set-dez 2018.

SCANNONE, Juan Carlos, A teologia de Francisco. Entrevista com Juan Carlos Scannone, *IHU*, 27.3.2013, <http://www.ihu.unisinos.br/171-noticias/noticias-2013/520470-a-teologia-de-francisco-entrevista-com-juan-carlos-scannone>

SCANNONE, Juan Carlos. *La teologia del pueblo: Raíces teológicas del papa Francisco*. Bilbao: Editorial Sal Terrae, 2017.

SCANNONE, Juan Carlos. O Papa Francisco e a Teologia do Povo. Entrevista especial com Juan Carlos Scannone, *IHU*, 16.5.2015, <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/542642-o-papa-francisco-e-a-teologia-do-povo-entrevista-especial-com-juan-carlos-scannone>

SORGE, Bartolomeo. *Gesù sorride. Con papa Francesco oltre la religione della paura*. Milano, Piemme, 2014.

SORGE, Bartolomeo. *La traversata: La Chiesa dal Concilio Vaticano II a oggi*, Milano: Mondadori, 2010.

SORGE, Bartolomeu. Hélder Câmara: il sogno di una Chiesa “povera e serva”, *Aggiornamenti Sociali. Hélder Câmara: un profeta del nostro tempo*. Anno 60, 02, febbraio, 2009.

SYDOW, Evanize e FERRI, Marilda. *Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido*. Petrópolis: Vozes, 1999.





